



Marcela lochem Valente

**A tradução e a construção de imagens culturais:
Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua
tradução para o inglês**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins

Co-Orientadora: Profa. Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro

Rio de Janeiro,
Novembro de 2013



Marcela Iochem Valente

**A tradução e a construção de imagens culturais:
Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo,
e sua tradução para o inglês**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro

Co-orientadora
UERJ

Prof. Paulo Fernando Henriques Britto

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Eneida Leal Cunha

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Eduardo de Assis Duarte

UFMG

Profa. Aurora Maria Soares Neiva

UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 5 de novembro de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Marcela lochem Valente

Graduada em Letras: Inglês/Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em 2007 e Mestre em Letras: Literaturas de Língua Inglesa, pela mesma universidade, em 2009. Autora dos livros *Lorraine Hansberry & A Raisin in the Sun: challenges and trends presented by an African-American play* (2010) e *Subversive Voices Breaking Silences: questions of identity and otherness in English Language Literatures* (2012). Professora contratada de Língua Inglesa na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Ficha Catalográfica

Valente, Marcela lochem

A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês / Marcela lochem Valente; orientadora: Marcia do Amaral Peixoto Martins; co-orientadora: Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro – 2013.

163 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2013.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Tradução. 3. Ponciá Vicêncio. 4. Polissistema cultural brasileiro. 5. Polissistema cultural estadunidense. I. Martins, Marcia do Amaral Peixoto. II. Salgueiro, Maria Aparecida Ferreira de Andrade. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

A Deus.

A toda minha família por ter me acompanhado nessa trajetória, mesmo que, muitas vezes, à distância, por morarem em outra cidade. Em especial aos meus pais, Isabel e Fernando, aos meus avós Luiz (*in memoriam*) e Zélia, e à minha querida tia Marcia por terem investido na minha formação desde sempre e por terem me apoiado, me incentivado e acreditado em mim.

Ao Carlos, meu companheiro de luta e grande incentivador ao longo de minha trajetória, sempre me ajudando a crescer nos momentos bons e ruins e a chegar até aqui.

À PUC-Rio e à CAPES, pelas bolsas concedidas.

À professora e orientadora Marcia Martins, por ter me acolhido com tanta atenção e carinho, pela confiança, pelas valiosas dicas, pelas muitas e muitas horas de dedicação e cuidado com o meu texto, por ter me guiado ao longo de toda essa trajetória, me mostrando caminhos que, até então, eu não conhecia.

À professora Maria Aparecida Andrade Salgueiro, minha co-orientadora e amiga, por todo o apoio, pelas muitas dicas e pelas produtivas conversas acadêmicas. Cida que, desde a graduação, sempre acreditou em mim e me incentivou a trilhar o caminho que escolhi.

Aos professores Maria Paula Frota, Paulo Britto, Helena Martins e Eneida Leal Cunha pelo conhecimento compartilhado ao longo do doutorado e na qualificação.

A Eduardo de Assis Duarte, Paloma Martinez-Cruz e Conceição Evaristo, não apenas pelas entrevistas concedidas, mas também, por toda a atenção, pelo interesse mostrado por meu trabalho e pelas ricas conversas e trocas de e-mails.

Resumo

Valente, Marcela Iochem; Martins, Marcia do Amaral Peixoto. **A tradução e a construção de imagens culturais: *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês.** Rio de Janeiro, 2013. 163p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho analisa o processo de transposição para o inglês do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, cuja tradução de Paloma Martinez-Cruz foi publicada nos Estados Unidos, em 2007, pela Host Publications. Partindo do pressuposto de que a tradução não é um processo meramente interlingual, mas envolve também muitas questões de ordem cultural e, também, que o lugar sistêmico ocupado por uma determinada obra em sua cultura fonte não necessariamente se repete na cultura alvo devido a diferenças políticas, sociais e culturais, a presente pesquisa busca compreender o lugar sistêmico ocupado por Evaristo e sua obra nos polissistemas culturais brasileiro e estadunidense. O presente estudo leva em conta aspectos como a motivação para a realização da tradução da obra, o público leitor previsto, algumas estratégias desta tradução, a distribuição, a recepção crítica de *Ponciá Vicêncio* nas culturas alvo e fonte e os lugares sistêmicos ocupados pela escritora e por sua obra nos polissistemas culturais de origem e de recepção. A análise desenvolvida esclarece algumas questões como: em que medida essa inserção pode mudar a imagem da literatura/cultura brasileira no polissistema estadunidense e o possível impacto sobre a posição que Evaristo ocupa no polissistema literário brasileiro – ou até mesmo na recente constituição de um sistema de literatura afro-brasileira. O estudo do processo de inserção de Conceição Evaristo no polissistema literário estadunidense pela via da tradução foi informado pela teoria dos polissistemas, como proposta por Itamar Even-Zohar; pelos estudos descritivos da tradução – DTS, em especial as ideias de Gideon Toury e André Lefevere; pelos estudos culturais, que têm propiciado a articulação dos estudos da tradução com os estudos de gênero e pós-coloniais; e algumas ideias de Lawrence Venuti sobre a geração e a manipulação de imagens culturais. Também nos foi instrumental o modelo metodológico proposto por

Lambert e Van Gorp, já que analisamos aspectos como a linguagem, contextos sistêmicos, textos críticos e as ações de patronagem.

Palavras-chave

Tradução; *Ponciá Vicêncio*; polissistema cultural brasileiro; polissistema cultural estadunidense.

Abstract

Valente, Marcela Iochem; Martins, Marcia do Amaral Peixoto (Advisor). **Translation and the Construction of Cultural Images: Conceição Evaristo's *Ponciá Vicêncio*, and its translation into English.** Rio de Janeiro, 2013. 163p. Doctoral Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This doctoral dissertation analyzes the translation process of Conceição Evaristo's *Ponciá Vicêncio* (2003) into English. This novel, written by an Afro-Brazilian writer, was translated by Paloma Martinez-Cruz and published in the United States in 2007, by Host Publications. Considering that translation is not merely an interlingual process, but it also involves many cultural issues, in addition to the fact that the systemic place occupied by a certain work in its source culture is not necessarily repeated in the target culture due to political, social and cultural differences, this research seeks to understand the systemic places occupied by Evaristo and her work both in the Brazilian and American cultural polysystems. This study takes into account aspects such as the motivation to perform the translation of this work, the expected audience, some translation strategies, the distribution and the critical reception of *Ponciá Vicêncio* in the source and target cultures, as well as the systemic places occupied by the writer and her work in the cultural polysystems of origin and reception. This analysis clarifies some questions such as to what extent this insertion can change the image of Brazilian literature/culture in the North-American polysystem, and the possible impact that Evaristo's image in the US may have on the position she occupies in the Brazilian literary polysystem – or even in the recent establishment of an Afro-Brazilian literary system. The study of the process of insertion of Conceição Evaristo in the American literary polysystem via translation was informed by the polysystem theory, as proposed by Itamar Even-Zohar, the Descriptive Translation Studies – DTS, especially the ideas of Gideon Toury and André Lefevere, the Cultural Studies, which have led to the articulation of translation studies, gender studies and post-colonial studies, and some ideas by Lawrence Venuti on the generation and manipulation of cultural images. The methodological model proposed by Lambert and Van Gorp also served as an instrument to this research, considering that we analyze aspects such as language,

the two systemic contexts involved, some critical texts and the actions of patronage .

Keywords

Translation; *Ponciá Vicencio*; Brazilian cultural polysystem; North-American cultural polysystem.

Sumário

Introdução	10
1. Pressupostos Teóricos	23
1.1. Teoria dos Polissistemas	23
1.2. Estudos Descritivos da Tradução	26
1.3. Estudos Culturais	34
1.4. Lawrence Venuti: sobre a geração e a manipulação de imagens culturais	39
1.5. O modelo metodológico de Lambert e Van Gorp	41
2. Conceição Evaristo no polissistema cultural brasileiro	45
2.1. A Literatura afro-brasileira e seus desafios	45
2.2. Quem é Conceição Evaristo?	51
2.3. Conceição Evaristo no Brasil	54
3. Conceição Evaristo no polissistema cultural estadunidense	59
3.1. Breves considerações sobre o desenvolvimento da literatura afro-americana	59
3.2. A Literatura afro-brasileira traduzida	64
3.3. Conceição Evaristo nos Estados Unidos	72
4. Observação e análise de <i>Ponciá Vicêncio</i>	81
4.1. Conhecendo <i>Ponciá Vicêncio</i>	82
4.2. Recursos estilísticos e seleção vocabular	88
4.3. Ações de Patronagem	108
Considerações finais	112
Referências bibliográficas	120
Anexos:	
1. Entrevista com Eduardo de Assis Duarte	134
2. Entrevista com a tradutora Paloma Martinez-Cruz	142
3. Entrevista com a Host Publications	145
4. Entrevista com Conceição Evaristo	148
5. Entrevista com Maria Aparecida Andrade Salgueiro	154

Introdução

O presente trabalho parte do pressuposto de que a tradução não é um processo meramente interlingual, envolvendo também muitas questões de ordem cultural, como apontam as teorias desenvolvidas a partir da década de 1980 na área dos estudos tradutórios. Além disso, muitas vezes uma determinada obra traduzida tem um impacto na cultura alvo diferente do que alcançou no seu contexto de origem em diferentes momentos, já que os referenciais e o olhar sobre aquela determinada experiência são distintos em cada cultura. Como afirma Susan Bassnett (1999, p. 2), a tradução não acontece em um vácuo, mas sim em um contínuo; ela não é um ato isolado, mas parte de um processo de transferência intercultural, sendo também um processo cheio de obstáculos e desafios que exige muitas escolhas por parte do tradutor.

Em nosso mundo globalizado e cheio de processos migratórios, a tradução possui extrema relevância, sendo não só uma forma de mediar relações interculturais entre países, como também um meio de transmissão de capital cultural. Além de introduzir uma nova informação em uma outra cultura, a tradução muitas vezes explica uma cultura para outra, popularizando um conhecimento antes restrito àqueles que possuem o domínio de ambos os códigos. Podemos dizer que, para a cultura fonte, a tradução oferece uma oportunidade para alcançar maior visibilidade, enquanto que, para a cultura alvo, ela se torna uma espécie de janela que permite novos olhares e concepções.

Tendo isso em mente, a pesquisa aqui proposta pretende analisar o processo de transposição para o inglês do romance *Ponciá Vicêncio*, primeiro dos dois romances já publicados pela escritora afro-brasileira¹ Conceição Evaristo. Esse romance foi traduzido para o inglês em 2007 pela tradutora Paloma Martinez-Cruz e publicado pela Host Publications, uma editora estadunidense. Partindo do pressuposto de que o lugar sistêmico ocupado por uma determinada obra em sua cultura fonte não necessariamente se repete na cultura alvo devido a diferenças políticas, sociais e culturais, examinaremos as culturas fonte e alvo a fim de que

¹Manteremos o uso do hífen em todos os termos que contenham o prefixo “afro” devido a implicações teóricas. Embora, de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa, algumas palavras com esse prefixo não sejam mais hifenizadas, nos estudos pós-coloniais, com base em teóricos como Stuart Hall (1996) e Homi Bhabha (1994), falamos em sujeitos híbridos e identidades hifenizadas, daí a opção pela manutenção do hífen nesta tese.

possa ser compreendido o lugar sistêmico ocupado por Evaristo e sua obra nos polissistemas de origem e recepção.

O estudo do processo de inserção de Evaristo na cultura estadunidense pela via da tradução levará em conta aspectos como a motivação para traduzir sua obra, o público leitor previsto, algumas estratégias desta tradução, a distribuição e a recepção crítica de *Ponciá Vicêncio* nas culturas alvo e fonte, dentre outros. A análise a ser desenvolvida poderá esclarecer algumas questões como: em que medida essa inserção poderá mudar a imagem da literatura/cultura brasileira no polissistema estadunidense e o possível impacto sobre a posição que Evaristo ocupa no polissistema literário brasileiro – ou até mesmo na recente constituição de um sistema de literatura afro-brasileira. Sendo assim, a partir do levantamento de dados referentes a questões como as possíveis motivações para a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, a proposta da editora que publicou a tradução do romance e o público leitor previsto, o projeto tradutório, a distribuição e a recepção crítica de *Ponciá Vicêncio* nas culturas alvo e fonte, o presente estudo pretende responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a. Qual é o lugar sistêmico ocupado por Conceição Evaristo e sua obra no polissistema de origem?
- b. Qual é o lugar sistêmico ocupado por Evaristo e sua obra no polissistema de recepção?
- c. Já que segundo Gideon Toury (1995) “não há como a tradução ocupar o mesmo lugar sistêmico de seu original” (p. 26), de que formas esses lugares sistêmicos se aproximam ou se distanciam?
- d. Em que medida o interesse por Evaristo nos Estados Unidos e o discurso da crítica estadunidense sobre ela e outras escritoras negras pode estar contribuindo para a criação, no Brasil, de um sistema de literatura afro-brasileira, à semelhança do sistema de literatura afro-americana?

Conceição Evaristo, apesar de ter produções publicadas desde 1990, começou a ser reconhecida dentro e fora do Brasil apenas recentemente. Evaristo publica constantemente na série *Cadernos Negros* – uma coletânea de poemas e contos que surgiu em 1978 e a principal antologia publicada regularmente com textos de autores afro-brasileiros, sendo um importante veículo para dar visibilidade à literatura negra – e foi através da publicação de seus poemas e contos nessa série que a escritora começou a ser conhecida no sistema de literatura

afro-brasileira do polissistema literário brasileiro. Além de ter poemas, contos e trabalhos acadêmicos publicados, Evaristo é autora de dois romances: *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), sendo que o primeiro foi traduzido para o inglês em 2007, como já mencionamos. Em 2008, Evaristo lançou *Poemas da recordação e outros movimentos*, livro que reúne uma série de poemas anteriormente publicados nos *Cadernos Negros* e que foi recentemente vertido para o inglês por Maria Aparecida Salgueiro e Antonio Tillis, ambos especialistas em literaturas da diáspora negra. A tradução, porém, ainda está no prelo, devendo ser publicada em 2013 sob o título *Poems of Recollection and other Movements*. Em 2011, durante o *XIV Seminário Nacional & V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, na Universidade de Brasília, Evaristo lançou sua obra mais recente, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, uma coletânea de contos. Também é de grande relevância o blog lançado pela escritora em 30 de novembro de 2012 chamado “Nossa Escrevivência”, hospedado em <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>, onde podemos encontrar, além da tese de doutorado da escritora, informações sobre os livros já publicados por Evaristo, textos da escritora, entrevistas, depoimentos, vídeos, artigos publicados sobre sua obra e material sobre a literatura afro-brasileira de um modo mais amplo. Segundo Evaristo, em entrevista a mim concedida,

[d]entre os objetivos de construção do blog “Nossa Escrevivência” está o de atender a gama de pesquisadores/as que vêm estudando a minha escrita. Recebo, constantemente por email, pedidos de indicação bibliográfica de estudos sobre meus textos, assim como solicitações de envio de contos e poemas de minha autoria, informações sobre onde encontrar meus livros ou tal palestra proferida em evento tal... Fico atordoada e constrangida, pois, não tenho conseguido atender todos os pedidos. Nosso objetivo é o de ir colocando aos poucos, ou pelo menos, indicar os caminhos de acesso a esse material no blog. “Nossa Escrevivência” pretende acumular o máximo de material possível facilitar as pesquisas das pessoas. (2013)

Por não ser considerada uma autora canônica no polissistema literário brasileiro, a obra de Evaristo não é encontrada com facilidade nas livrarias tradicionais aqui no Brasil. Geralmente o acesso a ela se dá através de livrarias virtuais ou daquelas livrarias especializadas em cultura e literatura afro-descendente, como, por exemplo, a Kitabu Livraria Negra, no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. Ao afirmarmos que Evaristo não é uma escritora canônica neste país, cabe aqui esclarecer o conceito de cânone considerado neste

trabalho. Em *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura* (1992), organizado por José Luis Jobim, há uma reflexão bastante interessante de Roberto Reis sobre o que seria o tão falado cânone, ou cânon, como aparece em seu livro. Reis aponta que

o conceito de cânon implica um princípio de seleção (e exclusão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.) (...) na literatura, que nos interessa mais de perto, cânon significa um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras primas dos grandes mestres –, um patrimônio da humanidade (e, hoje percebemos com mais clareza, esta “humanidade” é muito fechada e restrita) a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é indisputável. (1992, p. 70)

Cabe ressaltar que o que conhecemos tradicionalmente como cânone é um conjunto de obras em sua grande maioria produzidas no ocidente, por homens, brancos, parte da elite, salvo raras exceções. Por essa razão, para Roberto Reis (1992), o cânone acaba funcionando como uma ferramenta de dominação (p. 73).

Ao olharmos para as obras canônicas da literatura ocidental percebemos de imediato a exclusão de diversos grupos sociais, étnicos e sexuais do cânon literário. Entre as obras-primas que compõem o acervo literário da chamada “civilização” não estão representadas outras culturas (isto é, africanas, asiáticas, indígenas, muçulmanas). (Reis, 1992, p. 72)

Ao considerar a literatura como um polissistema, teoria apresentada em mais detalhes no primeiro capítulo deste trabalho, Itamar Even-Zohar aponta que há uma luta contínua entre os elementos de um polissistema, na medida em que esses elementos são hierarquicamente posicionados. Como alguns elementos ocupam uma posição mais central do que outros, o polissistema se torna um constante campo de luta, onde os estratos aceitos como legítimos pelos grupos dominantes se tornam canonizados, sendo vistos então como o centro do polissistema, agregando o mais prestigioso repertório canônico e lutando para permanecer nessa posição. Por sua vez, aqueles que sofrem algum tipo de rejeição ou caem no esquecimento permanecem não canonizados, em posição periférica, e lutando constantemente para alcançar uma posição central no polissistema. Assim, para Even-Zohar, a formação dos cânones está relacionada às relações de poder intrassistêmicas.

Embora Evaristo ainda não seja considerada uma escritora canônica no Brasil, considerada a noção tradicional de cânone aqui apresentada, sua obra vem

conseguindo conquistar seu espaço, sendo objeto de muitos trabalhos acadêmicos apresentados em congressos e publicados em periódicos científicos, além de receber especial atenção no polissistema literário estadunidense, mais especificamente, no sistema de literatura afro-americana.

O crescente interesse por sua obra no exterior, o papel que vem assumindo como representante brasileira em encontros da área de letras aqui e fora do Brasil, e sua atuação no movimento negro e, há alguns anos, no Centro Cultural José Bonifácio (sede do Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira – órgão de resgate e divulgação da cultura negra, ligado à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro) têm dado visibilidade à autora e as suas produções. Atualmente, escritoras de origem africana como Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, dentre outras, têm alcançado maior visibilidade através da tradução de seus trabalhos e dos estudos e referências aos mesmos que têm aparecido em obras como as da reconhecida pesquisadora, crítica e teórica afro-americana Carole Boyce Davies. Também contribui para o aumento da visibilidade dessas autoras a atuação de algumas editoras – como a Host Publications – que vêm dando especial atenção à tradução para a língua inglesa de obras estrangeiras de contextos não hegemônicos. Suas produções são, muitas vezes, desconhecidas no Brasil, por não fazerem parte dos cânones nacionais e por mostrarem um histórico de opressão e preconceito racial, muitas vezes ocultado pela sociedade hegemônica.

Embora tais obras, ao ganharem visibilidade, acabem por forçar uma rediscussão desses cânones e dos valores impostos por essa sociedade hegemônica, autoras como Evaristo ainda são desconhecidas da maioria dos leitores. Ela não integra, por exemplo, a relação de 182 nomes do *Guia Conciso de Autores Brasileiros* (2002), publicado com apoio do Ministério da Cultura, da Fundação Biblioteca Nacional, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e da FAPERJ, composto de verbetes, bibliografia, fragmentos de obras, endereços eletrônicos e citações de crítica especializada, apresentados em português e inglês com o intuito de dar visibilidade nacional e internacional a “escritores brasileiros de inquestionável prestígio”.²

² “Com o **Guia Conciso de Autores Brasileiros**, oferecemos ao mundo editorial, e particularmente aos editores estrangeiros em dificuldade com a língua portuguesa, informações sobre escritores brasileiros de inquestionável prestígio. Trata-se de uma publicação que busca ser continuamente ampliada, com o acréscimo de nomes significativos às letras nacionais. Este **Quem**

De modo geral, obras de escritores afro-descendentes impõem muitos desafios para seus tradutores, tendo em vista que através delas muitos autores expressam a realidade vivida pelo seu povo e para isso utilizam, diversas vezes, uma linguagem específica de determinada comunidade, com marcas culturais peculiares de uma determinada região. Mais complexo ainda para tradução é o universo de escritoras afro-descendentes, por agregarem a questão do gênero e suas implicações à questão da cor.

Ao falar sobre a tradução para o português de obras de escritoras afro-americanas e problematizar a escolha de um registro em nossa língua equivalente ao *Ebonics*³ – muito comum nessas obras – a professora e pesquisadora Maria Aparecida Andrade Salgueiro, afirma em seu artigo “A Identidade Afro-Americana e a Tradução Intercultural” que, ao buscarmos uma variedade linguística correspondente a uma outra no momento da tradução,

não podemos nos esquecer que a língua falada pelos negros no Brasil varia de região para região, de estado para estado. Assim, a ideia é entender que elementos e conceitos foram levados em consideração para a tomada de decisões sobre como reproduzir os diálogos originais, as escolhas que o tradutor fez e o que ele considerou importante. (2007, p. 75)

Só mesmo através da pesquisa em relação à cultura de tal grupo e da linguagem utilizada por eles, além de tudo o que essa utilização implica, é possível chegar a um resultado consciente e fundamentado para a tradução de tal elemento. É igualmente importante considerar que

[a] escolha de uma variedade da língua em relação a outra ou ainda a escolha de uma língua em vez de outra “sinaliza significados sociais para ouvintes e leitores”. Dessa maneira, é importante examinar “atos e escolhas: nas substituições entre línguas diferentes, entre um dialeto oficial ou não ou uma mistura de todos esses” de acordo com a situação social. (Prasad, 1999, p. 47)⁴

é **Quem** da literatura brasileira visa à apresentação de nossos autores aos editores estrangeiros em visita a feiras internacionais – daí a presente edição português / inglês”. Apresentação do *Guia Conciso de Autores Brasileiros* por: Elmer Côrrea Barbosa - Diretor do Departamento Nacional do Livro da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www.albertopucheu.com.br/ap_guia.htm

³O *Ebonics*, também conhecido como *African American English*, *Negro English*, *Black English* e *African American Vernacular English*, é um “sistema linguístico usado por alguns afro-americanos” (Green, 2007, p. 7), considerado uma variedade linguística não padrão da língua inglesa cujo uso, muitas vezes, traz consigo questões sociais, culturais, políticas e ideológicas.

⁴ Tradução minha, assim como todas as demais traduções de citações extraídas de obras em inglês.

Obras como a de Evaristo trazem muitas peculiaridades culturais, já que têm como base experiências de vida e memórias.

Ponciá Vicêncio, o primeiro romance da autora, vem sendo tema de artigos e discussões no meio acadêmico desde sua publicação em 2003. Embora não muito popular junto ao grande público informado pela mídia oficial, e não muito reconhecido fora da academia, recebeu indicação para diversos processos seletivos de importantes instituições no Brasil, como a UFMG em 2008, a UEL em 2008 e 2009, o CEFET BH em 2009, e a EPCAR em 2012. A obra narra problemas do cotidiano das mulheres afro-descendentes sob um ponto de vista feminino e negro. A autora traça a trajetória da personagem que dá título ao romance, uma mulher negra e pobre nascida no campo, desde sua infância até a idade adulta. O romance discute a questão da identidade de Ponciá a partir da memória afro-descendente herdada de seus ancestrais e da herança identitária de seu avô, além de estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência de elementos literários fortes, entre o real e o imaginário, entre o campo e a cidade grande. Através da narrativa fragmentada do romance, a história de Ponciá é contada, e percebemos que a memória da infância da menina negra e inocente, tão repleta de boas recordações, vai sendo substituída pela memória da adolescente negra, da empregada doméstica e da mulher que apanha de seu companheiro, que sofre sete abortos, que se perde dos seus e, em alguns momentos, de si mesma.

Embora se trate de um romance que, segundo a autora, não é autobiográfico, Evaristo mostrou, através da trajetória de Ponciá, várias das dificuldades que ela mesma enfrentou ao longo de sua adolescência e idade adulta por ser negra e pobre, incluindo a dificuldade para encontrar seu espaço na sociedade, ter um emprego e crescer profissionalmente.

A obra literária de Conceição Evaristo narra, sob ótica feminina e afro-descendente, problemas do cotidiano das mulheres negras e da pobreza, em formato repleto de poesia e cheio de referências culturais. Sua obra se projeta nos dias de hoje como reflexo identitário de um grupo até então excluído e questiona os cânones brasileiros, que tendem a priorizar a visibilidade de grupos pertencentes às supostas maiorias ou, ainda, a sociedade hegemônica, tida como padrão. A tradução de tais obras não apenas dá voz a esses grupos, permitindo que suas histórias sejam reconhecidas em maior escala, mas ainda faz com que partes

da cultura brasileira, por muito tempo encobertas, venham ser conhecidas internacionalmente, e que grupos antes excluídos ou marginalizados passem a ter alguma visibilidade.

O estudo do processo de inserção de Conceição Evaristo no polissistema literário estadunidense pela via da tradução será informado pela teoria dos polissistemas, como proposta por Itamar Even-Zohar (1997 [1990]); pelos estudos descritivos da tradução – DTS, em especial as ideias de Gideon Toury e André Lefevere; pelos estudos culturais, que têm propiciado a articulação dos estudos da tradução com os estudos de gênero e pós-coloniais; e algumas ideias de Lawrence Venuti sobre a geração e a manipulação de imagens culturais. Também nos será instrumental o modelo metodológico de Lambert e Van Gorp, já que analisaremos aspectos como a linguagem utilizada na tradução, os contextos sistêmicos e textos críticos.

A teoria dos polissistemas fundamentará esta pesquisa na medida em que as questões sociais, de gênero, assim como as de etnia, não podem ser compreendidas sem sua inserção no momento histórico das culturas nas quais estas questões se manifestam. Sendo assim, não só tomaremos como pressuposto a visão da literatura como um polissistema subsumido por um outro maior, que é o da cultura, como também empreenderemos uma análise tanto do polissistema literário receptor como do polissistema de origem da obra traduzida que é objeto da pesquisa. É importante ressaltar logo de início que essa teoria não vê os polissistemas como redes de relações estanques e isoladas. O modelo proposto por Even-Zohar, concebe a noção de polissistema como algo dinâmico e heterogêneo, uma estrutura aberta, composta por várias redes simultâneas de relações (Even-Zohar, 1990, p. 9). Desta maneira, é importante ficar claro que as fronteiras dos polissistemas são porosas e estes não estão confinados, mas, sim, dialogam entre si. Dessa forma, embora parte da proposta do presente trabalho seja compreender o lugar sistêmico ocupado pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo nos polissistemas de origem e recepção – polissistemas culturais brasileiro e estadunidense, respectivamente – não estamos afirmando aqui que esses polissistemas são redes isoladas e fechadas de relações, sem qualquer interação com outros sistemas ou com fronteiras rígidas e nitidamente demarcáveis.

Os DTS (Descriptive Translation Studies) também serão muito instrumentais para o estudo por se ocuparem de questões como o papel e a

influência que as traduções exercem na literatura e cultura receptora, sua recepção pelo público em geral e pela crítica, e a imagem que a cultura receptora forma em relação às obras traduzidas e seus autores. Pois, como afirmam André Lefevere e Susan Bassnett (1990), a literatura comumente alcança o público geral através de imagens construídas pelas suas traduções ou, ainda, por antologias, que fazem recortes e seleções, e textos críticos, que apresentam leituras dos textos literários. Dessa maneira, o que causa maior impacto em membros de uma cultura é a “imagem” de um texto literário, e não a sua “realidade”, ou o texto tido como sacrossanto por estudiosos de literatura (p. 9-10).

É relevante ressaltar que a abordagem descritivista não se preocupa em analisar as traduções isoladamente, ou apenas as traduções em si, mas também leva em conta aspectos como a sua função sociocultural no sistema receptor (Holmes, 1988, p. 72). Como afirma Marcia Martins (1999), para os DTS

traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas: a própria escolha dos textos a serem traduzidos, as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório, e a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções são fatores consideravelmente influenciados pelos distintos contextos socioculturais observados em determinados momentos históricos. Esse modelo leva o estudioso a considerar os vários elementos que concorrem para a natureza de uma tradução, em análises que poderão enfocar uma grande variedade de traduções produzidas num certo período, o desenvolvimento histórico da tradução e suas funções culturais em uma determinada sociedade e a influência do mercado editorial na produção e disseminação de obras traduzidas. (p. 30)

Em se tratando dos estudos culturais, duas vertentes teóricas que serão bastante relevantes para esta pesquisa são os estudos de gênero e os estudos pós-coloniais, devido à situação de Evaristo como mulher e afro-descendente. Pois, como afirma Gayatri Spivak (1997, p. 28), há múltiplas formas de opressão e, se o subalterno⁵, sendo homem, já não possui voz em muitas situações, o subalterno enquanto pertencente ao sexo feminino sofre ainda mais, tendo que enfrentar a opressão do colonizador e ainda, do subalterno do sexo masculino. De acordo com Carole Boyce Davies (1994, p. 27), a literatura é um espaço para esse subalterno mostrar resistência e lutar contra o excludente discurso colonial e suas múltiplas

⁵ Spivak define como subalterno o sujeito não pertencente à sociedade hegemônica por não se encaixar nos padrões impostos pela mesma. Esse subalterno sofre diferentes tipos de opressão, e muitas vezes, é silenciado, deixado às margens, e visto como inferior. Ela aponta que a mulher, muitas vezes, já é tida como subalterna em relação ao homem. Se essa mulher for negra e ainda pobre, ela sofrerá diferentes tipos e níveis de opressão.

opressões em relação a cor, gênero, classe social, etnia e discurso eurocêntrico, dentre outras formas de opressão.

Pesquisadores da área de tradução, como Susan Bassnett, dizem que olhar para a tradução significa estar profundamente comprometido com questões relativas à interação cultural (1999), isso porque a tradução é um processo inserido em sistemas políticos e culturais, assim como na história, e conseqüentemente o tradutor também precisa estar inserido nesse contexto. Os estudos culturais também vêm trazendo grandes contribuições aos estudos tradutórios. Muitos professores de literatura comparada têm dedicado seus estudos a esse processo de transferência cultural. Para Maria Tymoczko, “o foco da tradução intercultural e o da literatura pós-colonial são muito próximos, já que ambos se ocupam com a transmissão de elementos de uma cultura para outra e são afetados pelo processo de recolocação” (1999, p. 13).

Um possível resultado desse processo de recolocação ou transferência cultural propiciado pela tradução é a geração e/ou a manipulação da imagem de um autor, de uma obra, de uma literatura ou de uma cultura. No capítulo “A formação de identidades culturais”, em seu livro *Escândalos da Tradução* (2002), Lawrence Venuti aponta que a tradução é uma prática cultural que pode provocar ou precipitar mudanças sociais, já que nem indivíduos nem instituições conseguem ser absolutamente coerentes ou imunes às diversas ideologias que circulam na cultura receptora (p. 151-152). Segundo ele, ao invés de apagar as marcas estrangeiras de um texto domesticando-o, isto é, trazendo o texto até o leitor através de um discurso fluente que tende a apagar elementos estrangeiros que possam parecer estranhos ao leitor no polo receptor, o tradutor pode optar por descentralizar os termos domésticos, redirecionando o movimento etnocêntrico de tradução e defendendo uma ética da diferença que pode até vir a mudar a cultura de recepção (2002, p. 157). É importante compreender que a fluência a que Venuti se refere busca conferir ao texto traduzido a naturalidade própria de um texto escrito originalmente na língua alvo, assimilando a tradução a valores dominantes da cultura de recepção e tornando a tradução reconhecível, domesticada. Para que essa fluência seja alcançada é preciso que a prática tradutória seja submissa aos valores dominantes da cultura literária anglo-americana, levando ao que Venuti chama de violência etnocêntrica, “reduzindo, se não excluindo, a própria diferença que a tradução é convidada a transmitir” (Venuti, 2008, p. 16).

Para Venuti, o tradutor pode limitar ou redirecionar esse movimento etnocêntrico inerente à tradução, levando em consideração interesses além daqueles pertencentes a uma comunidade cultural que ocupa uma posição dominante na cultura receptora. Ao adotar um projeto tradutório motivado por uma ética da diferença, considerando a cultura onde o texto estrangeiro tem sua origem, o tradutor pode influenciar na alteração da “reprodução de ideologias e instituições domésticas dominantes que proporcionam uma representação parcial das culturas estrangeiras e marginalizam outras comunidades domésticas” (2002, p. 158). Com um projeto de tradução estrangeirizante, é possível levar o leitor até o texto e a cultura fonte, trazendo a diferença do texto estrangeiro, rompendo com os códigos culturais que prevalecem na língua alvo e podendo subverter ideologias e instituições do sistema receptor (p. 160).

Venuti aponta ainda que a tradução pode servir de instrumento para a construção de uma identidade cultural ou até mesmo autoral (2002, p. 157-158). Com base nessas ideias, verificaremos se a imagem de Conceição Evaristo e seu romance, *Ponciá Vicêncio*, no polissistema receptor (estadunidense) se aproxima ou se distancia daquela criada no polissistema de origem (brasileiro).

Por fim, o modelo metodológico de Lambert e Van Gorp nos será instrumental para a análise de alguns aspectos da tradução do romance *Ponciá Vicêncio* para o inglês. Considerando que a tradução é o resultado de uma seleção de estratégias dentro de um sistema de comunicação, as estratégias tradutórias devem ser estudadas e compreendidas e, para isso, os autores propõem quatro níveis para o estudo descritivo das traduções literárias:

- a. Dados preliminares: título, paratextos (capa, orelhas, nome do autor e tradutor...) metatextos (prefácios, ensaios, críticas,...)
- b. Nível macroestrutural: verificação de divisões do texto, títulos de capítulos e seções, estrutura narrativa, estratégia global da tradução.
- c. Nível microestrutural: seleção vocabular, estruturas gramaticais, tipo de narrativa, modalização, registros, etc.
- d. Contexto sistêmico.

Com base nesse modelo, este trabalho analisará dados preliminares, em especial, metatextos; alguns aspectos do nível microestrutural, com destaque para a linguagem, focando nos recursos estilísticos e na seleção vocabular; e o contexto sistêmico.

No estudo dos respectivos contextos sistêmicos, o de origem e o de recepção, serão analisados e observados aspectos como as ações de patronagem, a recepção, dentre outros. Entrevistas com editoras, críticos e estudiosos da literatura afro-brasileira também serão utilizadas neste trabalho.

Esta pesquisa pretende trazer uma contribuição para os estudos de literatura afro-brasileira e para os estudos de tradução, bem como auxiliar na conscientização em relação à importância de autores afro-descendentes e suas produções, nesse caso, mais especificamente, Conceição Evaristo e sua obra *Ponciá Vicêncio*. Além de investigar questões relacionadas à recepção e à repercussão do trabalho de Evaristo em inglês e português, este trabalho também busca ressaltar a necessidade de traduções cuidadosas e bem fundamentadas para tal tipo de produção literária, tão repleta de elementos culturais.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo se ocupa dos pressupostos teóricos utilizados para a realização desta pesquisa. O segundo, por sua vez, tem como foco o lugar ocupado pela escritora Conceição Evaristo no polissistema cultural brasileiro, trazendo um panorama da literatura afro-brasileira, alguns dados biográficos da escritora e uma análise do lugar ocupado por sua produção nesse polissistema. O terceiro capítulo trata de Evaristo e sua produção no polissistema cultural estadunidense, trazendo algumas breves considerações sobre a literatura estadunidense produzida por afro-descendentes – vertente conhecida como literatura afro-americana – e ainda da literatura afro-brasileira traduzida para esse polissistema cultural, por fim, tentando compreender o lugar ocupado por Evaristo nos Estados Unidos. O quarto e último capítulo deste trabalho tem como foco o romance *Ponciá Vicêncio*. Após conhecermos um pouco mais sobre o romance, esse capítulo propõe-se a analisar sua tradução para o inglês segundo o modelo proposto por Lambert e Van Gorp, dando especial atenção à linguagem utilizada – com foco nos recursos estilísticos e na seleção vocabular, e às ações de patronagem.

As entrevistas realizadas por mim com pesquisadores reconhecidos da área de estudos da diáspora negra e da literatura brasileira – Maria Aparecida Salgueiro e Eduardo de Assis Duarte, com a tradutora do romance que é o *corpus* do presente trabalho – Paloma Martinez-Cruz, com a editora que publicou a tradução nos Estados Unidos – Host Publications e com a escritora Conceição Evaristo, diversas vezes citadas ao longo do trabalho, estão apresentadas na íntegra como

anexo, na ordem cronológica em que foram realizadas, e compõem um material muito relevante para o presente estudo.

Capítulo 1: Pressupostos Teóricos

Neste capítulo, serão apresentadas as principais abordagens teóricas que informarão o trabalho, a saber, a teoria dos polissistemas, os estudos descritivos da tradução, os estudos culturais – mais especificamente os estudos pós-coloniais e os de gênero, a ideia de geração e manipulação de imagens culturais de Lawrence Venuti e o modelo metodológico proposto por Lambert e Van Gorp.

1.1 Teoria dos Polissistemas

A teoria dos polissistemas foi desenvolvida pelo israelense Itamar Even-Zohar no final da década de 1970 com o objetivo inicial de explicar particularidades da história da literatura hebraica e das traduções literárias existentes nessa cultura. Na introdução de *Poetics Today* (1997), Even-Zohar afirma que os fundamentos da teoria dos polissistemas surgiram com os formalistas russos na década de 1920, e essa teoria propriamente dita foi sugerida em seus trabalhos em 1969, sendo reformulada e desenvolvida ao longo de seus estudos principalmente ao longo da década de 1970 e, posteriormente, adotada e trabalhada por estudiosos em vários países.

Essa teoria concebe uma cultura como um sistema internamente constituído por outros sistemas que se inter-relacionam, sendo, por essa razão, chamado de polissistema (Even-Zohar, 1990). Os sistemas, por sua vez, são redes dinâmicas e hierarquizadas cujas fronteiras estão constantemente se redefinindo. Assim, um *polissistema* na teoria de Even-Zohar refere-se a um agregado de sistemas existentes em uma dada cultura, sendo alguns centrais e outros, periféricos. Porém, esses sistemas não são estáticos, pois há uma tensão constante na relação de poder existente entre os elementos dos sistemas, já que os elementos centrais se esforçam por manter sua posição, enquanto os periféricos buscam alcançar essa centralidade. Em “Beyond the Process: Literary Translation in Literature and Literary Theory” (1981), André Lefevere observa que o termo *polissistema* denota que uma literatura não se configura como um conjunto monolítico de obras, e sim como uma combinação de tendências diferentes, frequentemente antagônicas, entre as quais predomina o conjunto de obras literárias que pertencem ao cânone

de cada época, isso é, aquelas que estão ocupando a posição central no sistema em dado momento (p. 55).

Em “Polysystem Theory” (1998) Mona Baker traz um breve panorama do desenvolvimento da teoria dos polissistemas. Segundo Baker, essa teoria oferece um modelo para entender, analisar e descrever o funcionamento e a evolução de sistemas literários. Baker aponta que, provavelmente, a maior contribuição dos formalistas russos para a teoria desenvolvida por Even-Zohar foi a noção de “sistema”, que seria “uma estrutura com múltiplas camadas de elementos que se relacionam e interagem umas com as outras” (p. 176).

Essencial para o conceito de polissistema é a noção de que as várias divisões ou camadas que compõem um determinado polissistema estão em competição constante por uma posição dominante. É uma tensão contínua entre o centro e a periferia, entre formas canônicas e não canônicas. Dessa maneira, o polissistema literário não é constituído apenas de obras consagradas pertencentes ao cânone, mas também daquelas que tradicionalmente são deixadas à margem, como a literatura infantil, as traduções e obras produzidas por grupos historicamente excluídos, como os afro-descendentes, por exemplo.

Baker observa que grande parte da teoria desenvolvida por Even-Zohar é dedicada a discutir o papel que a literatura traduzida desempenha em um polissistema literário e também a examinar implicações teóricas mais amplas da teoria dos polissistemas nos estudos da tradução em geral. Em “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem” (1997), Even-Zohar defende que uma tradução pode ocupar uma posição central em alguns polissistemas literários (p. 46), ideia que se opõe à posição marginalizada há muito tempo atribuída às obras traduzidas, por serem vistas como produtos secundários que alteram bastante ou mesmo desfiguram a obra original, como é o caso das imitações e adaptações.

Com a teoria dos polissistemas considerando a tradução não apenas como um novo texto isolado e, sim, inserido em um contexto que traz inúmeras implicações, diversos novos enfoques foram surgindo: as noções de polaridade, periodicidade e patronagem de André Lefevere (1981); as normas de tradução de Gideon Toury (1980/1995); a ideia de manipulação da literatura de Theo Hermans (1985), apenas para citar alguns. Para Baker, a teoria dos polissistemas tal qual

proposta por Even-Zohar, embora muito influente e de grande importância, é apenas um ponto de partida para trabalhos posteriores.

Em “Translation Studies and a New Paradigm” (1985), Theo Hermans chama a atenção para a presença de textos traduzidos na literatura da maioria dos países, assim como para a importância histórica das traduções no desenvolvimento da maioria das literaturas nacionais. Porém, Hermans observa que o trabalho apresentado pela crítica literária geralmente é de cunho avaliativo e consiste em comparar a “textura rica e sutil do original” com sua tradução, apontando esta como uma produção inferior que não deve substituir uma obra literária. Nesse contexto, os estudos sobre a tradução serviriam apenas para destacar as qualidades do texto original e evidenciar os erros e as imperfeições de suas traduções (p. 7).

Hermans aponta que, a partir de meados da década de 1970, um grupo internacional de estudiosos com diferentes interesses, porém com alguns pressupostos em comum, buscou estabelecer um (então) novo paradigma para o estudo da tradução literária. Alguns desses pressupostos seriam:

1. uma visão da literatura como sistema complexo e dinâmico (1985, p. 32-33);
2. a convicção da possibilidade de diálogo entre modelos teóricos e estudos de caso (p. 33-35);
3. uma abordagem descritiva, funcional e sistêmica para tradução literária, voltada para o polo receptor (p. 35-36);
4. atenção à produção e à recepção de traduções, assim como a seu papel em um dado sistema literário (p. 37-41).

Dentro dessa abordagem dos estudos da tradução, a teoria dos polissistemas de Even-Zohar possui considerável destaque, resultando, segundo Hermans (1985), em uma considerável ampliação de horizontes, já que todo fenômeno relacionado à tradução torna-se um possível objeto de estudo. Como observa Martins,

[a] abordagem teórica funcional e relacional de Even-Zohar, com a sua consideração dos aspectos socioculturais, introduziu uma nova perspectiva nos estudos da tradução, onde predominavam as abordagens normativas fundamentadas em concepções de tradução essencialistas e anistóricas. Os estudiosos da área, até então preocupados em descrever traduções específicas, voltam seu interesse para o processo de produção de traduções como um todo e para o seu impacto nas transformações sofridas pelo sistema literário. (1999, p. 48)

Assim, esta pesquisa, que tem como objetivo compreender a imagem criada para a escritora Conceição Evaristo e sua obra a partir da tradução de seu romance *Ponciá Vicêncio* para o inglês dos Estados Unidos, tem como pressuposto a visão da literatura como um polissistema, envolvendo uma análise tanto do polissistema cultural receptor como do de origem do romance, embora saibamos que os polissistemas em questão não são redes isoladas e fechadas de relações, já que possuem fronteiras porosas, em constante redefinição e interação, como já esclarecemos na introdução deste trabalho. Essa abordagem teórica se justifica na medida em que as questões sociais, de gênero e etnia necessitam de sua respectiva inserção no momento histórico das culturas nas quais essas questões emergem para que possam ser compreendidas.

1.2 Estudos Descritivos de Tradução – Gideon Toury e André Lefevere

As ideias de Even-Zohar anteriormente apresentadas em relação à literatura como um polissistema foram expandidas por Gideon Toury, que as aplicou ao estudo das traduções literárias, introduzindo o conceito de “normas” e defendendo uma sistematicidade para os estudos descritivos da tradução. O termo *Descriptive Translation Studies*, ou estudos descritivos da tradução, foi cunhado por James Holmes em 1972 para designar um ramo da disciplina Estudos da Tradução. Segundo Martins,

na medida em que esse paradigma também se propõe a entender o comportamento dos tradutores, que considera regido por normas, compartilha objetivos comuns com a teoria dos polissistemas, ou seja, entender o comportamento dos sistemas culturais, dos quais a literatura traduzida é um importante subsistema. Nesse sentido, os DTS podem ser considerados como uma abordagem voltada para um dos subsistemas do polissistema literário. (1999, p. 38)

No capítulo “The Nature and Role of Norms in Translation” (1995), Toury argumenta que a tradução é uma atividade com importância cultural e, dessa forma, o tradutor tem um papel social. Sendo assim, o teórico defende a necessidade de compreender o conjunto de normas que regem as escolhas feitas pelos tradutores num determinado momento, dentro de um determinado ambiente cultural. Nesse capítulo de seu livro *Descriptive Translation Studies and Beyond*,

Toury pretende falar da natureza dessas normas propostas por ele, assim como do seu papel na atividade tradutória em contextos socioculturais.

Em uma dimensão sociocultural, a tradução sofre diferentes tipos de influências em diferentes graus, e por esse motivo, traduções realizadas em diferentes condições e/ou momentos irão adotar estratégias diferentes, dando origem a produtos distintos. A fim de facilitar a compreensão de seu conceito de normas, Toury comenta que para sociólogos e psicólogos normas são valores gerais ou ideias compartilhadas por uma comunidade especificando o que é recomendado ou proibido, tolerado ou permitido em uma dada dimensão comportamental (1995, p. 55). Essas normas são adquiridas pelo indivíduo durante a sua socialização e acabam levando a uma regularidade de comportamento dentro de um determinado contexto sociocultural, estabelecendo uma espécie de ordem.

Aplicando esse conceito de normas à cultura, Toury propõe que já que a tradução envolve no mínimo duas línguas e duas culturas, ela também envolve pelo menos dois sistemas de normas. Sem esses sistemas de normas, o teórico aponta que o resultado da tradução seria uma tensão entre as culturas em questão resolvida a partir de opções individuais ou ainda uma extrema variação no processo. Segundo Toury, é devido a essas normas que o comportamento tradutório tende a manifestar certas regularidades dentro de uma cultura (1995, p. 56).

Toury aponta então três categorias de normas no que diz respeito à tradução: uma norma inicial, normas preliminares e normas operacionais. Segundo a norma inicial proposta por Toury, ou o tradutor deve sujeitar-se prioritariamente ao texto original e suas normas, ou ele deve sujeitar-se prioritariamente às normas da cultura receptora de sua tradução, ou seja, a cultura-alvo, de acordo com a denominação utilizada pelo teórico. Trata-se, portanto, da possibilidade de percorrer um eixo com dois polos extremos, o da *adequação* e o da *aceitabilidade*. Os conceitos de *adequação* e *aceitabilidade* utilizados por Toury, originalmente postulados por Even-Zohar (1978), concernem às duas estratégias que se apresentam ao tradutor, ajudado por elementos contextuais. No primeiro caso, observam-se as normas do polissistema literário de origem buscando-se uma aproximação ao texto fonte, *adequando* a tradução à cultura de origem e subvertendo as normas do sistema alvo com a inclusão de elementos (linguísticos,

culturais etc.) a ele estranhos. No segundo, observam-se as normas do polissistema literário receptor buscando-se uma aproximação da cultura alvo, para que o texto traduzido seja *aceitável* no sistema receptor. No primeiro caso, a busca pela tradução voltada para o polo da adequação apresentará incompatibilidades com as práticas e normas da cultura receptora, especialmente no que diz respeito a questões extralinguísticas (Toury, 1995, p. 56-57). Em contrapartida, no segundo caso, haverá um certo distanciamento do texto de origem, distanciamento esse que, segundo Toury, é considerado um universal da tradução. Porém, considerando a proposta de Toury, até mesmo esse distanciamento, esses desvios do texto de origem, ocorrem respeitando determinadas normas. O teórico justifica que sua opção pelo termo “norma inicial” se dá devido à importância dessa norma em relação a outras pertencentes a níveis mais específicos do processo (1995, p. 57).

As normas preliminares estariam relacionadas à natureza e à existência de uma política de tradução que governaria a escolha de textos a serem traduzidos e também questões como o grau de aceitação de traduções indiretas, a escolha da língua fonte e a escolha de uma língua intermediária, apenas para citar algumas.

Por fim, a terceira e última categoria de normas proposta por Toury compreende as normas operacionais, que por sua vez se subdividem em textuais e matriciais e estariam relacionadas às decisões tomadas ao longo do processo de tradução propriamente dito (1995, p. 58).

Toury esclarece que o sentido de uma norma é atribuído pelo sistema em que ela está incorporada, e que as normas não são fixas. Em alguns períodos elas podem mudar rapidamente, enquanto em outros elas resistem por períodos maiores, e dessa forma, não é raro encontrar pelo menos três tipos de normas coexistindo, cada uma com seus seguidores e com seu posicionamento específico na cultura geral (1995, p. 62-63):

- a. normas que dominam o centro do sistema;
- b. fragmentos de conjuntos de normas anteriores;
- c. rudimentos de novas normas pairando na periferia.

Toury observa ainda que as normas não estão disponíveis para observação; o que de fato pode ser observado são os comportamentos regidos por elas. Para ele, há duas fontes que possibilitam a reconstrução das normas de tradução: o texto traduzido em si (fontes textuais) e formulações semiteóricas ou críticas

como teorias prescritivas de tradução, afirmações de tradutores, editores e outras pessoas envolvidas na atividade (fontes extratextuais) (1995, p. 65). Ele comenta ainda que é natural e conveniente voltar os estudos do comportamento tradutório para normas específicas, sendo que a tradução é multidimensional, não permitindo fácil isolamento nem mesmo para fins metodológicos (p. 66).

Por fim, Toury propõe uma distinção gradual entre as normas em termos de intensidade, partindo do modelo de curva potencial proposta pelo sociólogo estadunidense Jay Jacksons (p. 67). De acordo com esse modelo, existiriam normas básicas ou primárias – obrigatórias para todas as instâncias de um certo comportamento, com intensidade máxima, ocupando o ápice da curva; normas secundárias ou tendências – comuns, porém não obrigatórias, predominantes em certas partes do grupo e determinando comportamentos favoráveis; e comportamento tolerado ou permitido – ocupando uma parte ainda positiva na curva, porém com menor intensidade.

Concluindo, Toury afirma que não é possível apontar métodos estatísticos rigorosos para lidar com as normas de tradução, já que essas são baseadas em intuições apoiadas em experiências prévias. Ainda assim, ele acredita que se deve investir em melhorias metodológicas e na cristalização de métodos de pesquisa sistemáticos, incluindo os estatísticos, a fim de transcender o estudo das normas que, segundo ele, são limitadas a um grupo social em um tempo específico, e, desta maneira, prosseguir para a formulação de leis gerais da tradução (1995, p. 69), objetivo bastante questionado, como será visto a seguir.

Embora os DTS (Descriptive Translation Studies) sejam instrumentais para essa pesquisa por se ocuparem de questões como o papel e a influência que as traduções exercem na literatura e cultura receptora, sua recepção pelo público em geral e pela crítica e a imagem que a cultura receptora forma em relação às obras traduzidas e seus autores, sabemos que há diversas críticas à proposta de Toury (1995). Muitas dessas críticas ocorrem devido a questões como a tentativa de formular uma teoria geral da tradução buscando universais no comportamento tradutório, e até mesmo à sua própria definição de tradução como tudo o que é visto ou aceito por uma comunidade cultural como tal. Segundo Marcia Martins (1999), “[o] primeiro problema da teoria de Toury é a sua preocupação em servir para *todo* tipo de estudo, em *todos* os níveis” (p. 60), projeto que a estudiosa aponta como consideravelmente ambicioso. Para Martins, “o objetivo de levar à

formulação de uma teoria geral da tradução parece desmedido, e de certa forma incompatível com a postura descritivo-explanatória de seu modelo” (1999, p. 61). A definição de tradução proposta por Toury como alternativa às definições essencialistas também é bastante criticada por muitos estudiosos. Theo Hermans (1985) reconhece que a formulação de Toury, que vê a tradução como sendo todo texto visto e aceito como tal por uma dada comunidade cultural, acaba se mostrando tautológica e circular (p. 13), visto que para que uma comunidade cultural aceite ou não um texto como sendo uma tradução é necessário que haja uma ideia pré-estabelecida das características que levam um texto a ser considerado como tal. Com posicionamento semelhante ao de Hermans, Martins (1999) comenta que diante dessa problemática identificada na definição de Toury, “uma definição como a implícita em reflexões de Anthony Pym (1993)” parece mais interessante por fugir, ao mesmo tempo, “de formulações substancialistas e da circularidade observada na definição de Toury” (p. 63). Para Pym “seriam vistos como ‘traduções’ aqueles textos aceitos como substitutos ou representantes de textos pré-existentes, produzidos num outro idioma” (Pym, 1993 apud Martins, 1999, p. 63).

Os conceitos de reescrita e patronagem de André Lefevere também nos serão muito relevantes, considerando que nosso objeto de pesquisa é uma obra proveniente de uma língua e uma cultura não-hegemônicas (Brasil, língua portuguesa) traduzida para uma língua e cultura hegemônica (EUA, língua inglesa). Lefevere adota como pressuposto a teoria dos polissistemas, porém imprime-lhe uma orientação diferente daquela proposta por Even-Zohar e Toury através da incorporação de fatores extrínsecos, explicitando a dimensão da chamada patronagem, ou estruturas de poder, além da relação de interdependência e influência recíproca entre as traduções e as culturas receptoras.

Em *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007) André Lefevere defende que a tradução é um tipo de reescrita e, como tal, é potencialmente “influyente por sua capacidade de projetar a imagem de um autor e/ou uma obra (série de) obra(s) em outra cultura, elevando o autor e/ou as obras para além dos limites de sua cultura de origem” (p. 24). Diante disso, muitas vezes a tradução constrói novas imagens para os autores e/ou obras traduzidas e transforma o texto-fonte a fim de atender a certos interesses da cultura de chegada.

Partindo do pressuposto de que a tradução é um processo inserido em sistemas políticos e culturais, esta pode ser responsável por múltiplas reconstruções do “outro”, já que a cultura de chegada analisará uma determinada obra a partir de pressupostos distintos daqueles da cultura de origem. Além disso, há que se considerar o projeto tradutório e as coerções presentes ao longo do processo de tradução, pois, como afirma Lefevere,

[p]roduzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescretores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época. (2007, p. 23)

Muitas vezes também, essas manipulações (cortes, perdas, alterações) ocorrem devido a coerções por parte das editoras, influenciando consideravelmente o produto final e também a imagem criada para um autor e sua obra em uma cultura de chegada. Por este motivo Lefevere defende que “a tradução cria uma imagem do texto original, de seu autor, de sua literatura e de sua cultura” (1990, p. 14-15).

Ao abordar a questão da construção da imagem de um autor por meio da tradução, Lefevere apresenta como exemplo a tradução do *Diário de Anne Frank*. Segundo ele, quando Anne Frank soube que seu diário seria publicado, ela decidiu reescrever partes dele adotando um estilo mais literário e suprimindo informações muito íntimas antes presentes. No entanto, seu trabalho não pôde ser concluído devido a sua morte. Posteriormente, seu pai, Otto Frank, decidiu datilografar e editar esse material, e sua edição veio a servir como base para a versão holandesa do *Diário de Anne Frank* publicado em 1947, bem como para as traduções em diferentes línguas. Além das intervenções do pai, ainda houve imposições por parte da editora quando Otto Frank mostrou seu interesse pela publicação do material.

Lefevere descreve que a tradução alemã do diário feita por Anneliese Schutz utilizou como texto de partida não a versão alterada pela editora Contact, mas sim a primeira versão datilografada dos escritos de Anne Frank, editada apenas por Otto Frank. Daí o fato de haver referências na tradução alemã que não estão presentes na edição holandesa, como as que dizem respeito à sexualidade, por exemplo. No caso da edição alemã, Schutz se baseou em fatores ideológicos para manipular consideravelmente determinados trechos do livro, principalmente

aqueles que faziam uma referência negativa aos alemães. Conforme a tradutora, “um livro que se queira vender bem na Alemanha não deve conter nenhum insulto direto aos alemães” (Schutz, 1995 apud Lefevere, 2007, p. 112). Em uma postura igualmente manipuladora, percebe-se que no texto holandês a condição dos judeus foi descrita de uma forma branda, diferente dos escritos de Anne Frank. Em ambas as traduções, Lefevere aponta que houve um alto grau de intervenção por parte dos tradutores no sentido de responder a coerções de ordem econômica, ideológica e cultural, influenciando muito, dessa forma, as imagens da autora e de sua obra construídas nos diferentes contextos de recepção.

Ainda ilustrando seu argumento de que a tradução pode criar diferentes imagens para um autor/obra, Lefevere aponta que muitos clássicos feministas publicados nos anos 1920, 1930 e 1940, aparentemente “esquecidos”, foram republicados nos anos 1970 e 1980 sobre o pano de fundo de um conjunto de ideias feministas. Embora o valor intrínseco de tais obras não tenha mudado, o pano de fundo desse período as incorpora e fundamenta, podendo propor uma nova leitura para as mesmas e criar uma outra imagem para essas obras e suas autoras (2007, p. 14). Dessa maneira, para Lefevere,

[a t]radução é, certamente, uma reescritura de um texto original. Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada. (2007, p. 11)

Propondo pensar a literatura em termos de sistema, Lefevere afirma que “uma cultura, uma sociedade é o ambiente do sistema literário” (2007, p. 33). Segundo ele, nesse sistema literário, críticos, resenhistas, professores e tradutores são profissionais responsáveis por reescrever obras literárias “até que elas se tornem aceitáveis à poética e à ideologia de uma determinada época e lugar” (p. 34) ou, até mesmo, por rejeitar alguma obra literária que se oponha de forma muito evidente à ideologia de uma sociedade ou à de poética literária dominante (p. 33-34).

Lefevere aponta ainda que o mecenato, também conhecido como *patronagem*, é um fator de controle que opera, muitas vezes, no sistema literário; trata-se de “poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura” (2007, p. 34). Segundo o autor, a *patronagem* é constituída por três elementos que podem interagir de formas

distintas: um componente ideológico, um componente econômico e um elemento de *status*. O primeiro componente está relacionado à escolha e ao desenvolvimento da tradução; o segundo, à viabilidade do trabalho de escritores e reescretores, garantida pelo mecenas por meio de suporte financeiro; e, por fim, o terceiro diz respeito ao *status*, pois aceitar a patronagem implica aceitar um determinado estilo de vida e/ou determinadas coerções. Esses três componentes podem coexistir e ser fornecidos por um mesmo mecenas – como era o caso dos governos absolutistas do passado – ou podem ser relativamente independentes – como é o caso da tradução de *best-sellers* (2007, p. 37).

Os conceitos de reescrita e patronagem tal qual propostos por Lefevere são instrumentais a esta pesquisa na medida em que estamos trabalhando com uma obra proveniente de um contexto não hegemônico. Por se tratar de uma escritora não muito conhecida pelo público brasileiro em geral, é significativo que o romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo tenha sido selecionado por uma editora estadunidense para ser traduzido para o inglês – língua e cultura hegemônicas. Certamente, a possibilidade da tradução desse romance está ligada a questão da patronagem, como proposta por Lefevere. Os lugares sistêmicos ocupados pela autora e sua obra nos polissistemas de origem e recepção também serão considerados no presente estudo e, para tal, o conceito de reescrita como uma forma de manipulação do texto literário será de grande relevância. Na introdução da coletânea *The Manipulation of Literature: studies in literary translation* (1985), Theo Hermans afirma que “do ponto de vista da literatura receptora, toda tradução implica certo grau de manipulação do texto-fonte, com um determinado objetivo” (p. 9). Pode-se entender que esse objetivo seja ocupar uma função (isto é, um lugar sistêmico) pré-definido no sistema receptor. O lugar sistêmico mais relevante ao tipo de questão que o paradigma quer abordar é aquele que a tradução estava destinada a ocupar quando foi realizada, visto ser essa a única posição que pode ter regido a produção do trabalho e as decisões tomadas durante a sua realização. No quarto capítulo deste trabalho apresentaremos algumas informações sobre a editora responsável pela tradução do romance, sua proposta e lugar ocupado no sistema literário estadunidense tomando como base a teoria aqui apresentada.

1.3 Estudos culturais

Algumas ideias provenientes dos estudos culturais também orientarão o presente trabalho, mais especificamente aquelas que dizem respeito aos estudos de gênero e sobre a crítica pós-colonial, já que estamos trabalhando com a obra de uma mulher, tema que poderia ser analisado à luz das teorias que se ocupam das questões de gênero, e afro-descendente, fato que pode ser analisado à luz das teorias que abordam as literaturas produzidas pelas chamadas minorias étnicas.

Com o desenvolvimento do pensamento feminista da década de 1960 em diante, o papel da prática acadêmica patriarcal passou a ser constantemente questionado. Segundo a professora e pesquisadora Lucia Zolin, da Universidade Estadual de Maringá, “[e]studos acerca de textos literários canônicos mostram inquestionáveis correspondências entre sexo e poder” (2009, p. 271). Nesse sentido, a crítica feminista buscou promover debates e reflexões acerca do espaço relegado à mulher na sociedade patriarcal, questionando a posição de mulher-objeto, submissa, subjugada e sem voz.

Embora desde o século XVIII já se possa perceber alguns questionamentos quanto a essa posição da mulher na sociedade, como, por exemplo, *Some Reflections upon Marriage*⁶ (1730), de Mary Astell; *Déclaration des droits de La femme et de la citoyenne*⁷ (1791), de Marie Olympe de Gouges; e *Vindication of the Rights of Woman*⁸ (1792), de Mary Wollstonecraft – constituindo o que costumamos chamar de proto-feminismo – é a partir do século XIX que começa a surgir em países como a Inglaterra e a França um movimento mais sólido e organizado em prol dos direitos das mulheres reivindicando, inicialmente, igualdade legislativa, o direito ao voto e a reforma nas leis do divórcio.

Uma figura de considerável importância para o desenvolvimento do feminismo no Brasil é a republicana e abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta com seu livro *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1832), inspirado no famoso *Vindication of the Rights of Woman*, de Wollstonecraft e visto por muito tempo como a tradução do mesmo. Neste livro, Nísia Floresta

⁶ Algumas reflexões sobre o casamento

⁷ Declaração dos direitos da mulher e da cidadã

⁸ As reivindicações dos direitos da mulher

discute questões como os ideais de igualdade e independência, o direito à educação e à vida profissional.

Como consequência dessas manifestações feministas, um significativo número de mulheres tornam-se escritoras por profissão, mesmo que, muitas vezes, tenham que optar por pseudônimos masculinos, já que essa era uma profissão eminentemente masculina. Com isso,

[p]ersonagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes econômica e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, passam, paulatinamente, a ser engendradas como sendo conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação. Ou, de outro lado, passam a ser inseridas em contextos que, de alguma forma, trazem à baila discussões acerca dessa problemática. (Zolin, 2009, p. 222)

Nomes como Kate Millet, Elaine Showalter, Hélène Cixous, Julia Kristeva e Gayatri Spivak, apenas para citar alguns, são fundamentais para o desenvolvimento das ideias feministas, porque cada uma dessas pesquisadoras, embora seguindo linhas distintas e partindo de pressupostos diferentes, contribuíram para esse novo olhar proposto em relação à mulher e ao seu espaço na sociedade. Todo esse movimento, além de questionar valores hegemônicos e dar voz a mulheres antes silenciadas, também promoveu uma rediscussão dos cânones literários:

[h]istoricamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo. (Zolin, 2009, p. 327)

De acordo com Carole Boyce Davies (1994, p. 27), a literatura tem grande relevância nesse processo de questionamento, já que é um espaço onde o subalterno pode mostrar resistência e lutar contra esse discurso excludente e suas múltiplas opressões em relação a cor, gênero, classe social, etnia, discurso eurocêntrico, dentre outras formas de opressão. Em seu famoso e polêmico artigo “Can the Subaltern Speak”, publicado em 1988, Spivak atenta para as múltiplas camadas de opressão enfrentadas pelo subalterno do sexo feminino, o que tende a silenciá-lo. Posteriormente, em “Diasporas Old and New: Women in the

Transnational World” (1996), Spivak retoma a questão da voz do subalterno revendo alguns aspectos em relação a seu posicionamento e afirmando que o subalterno possui voz, porém, muitas vezes, necessita buscar formas alternativas para que possa falar. A arte em geral e as produções literárias desses grupos são algumas das formas alternativas encontradas pelo subalterno para se fazer ouvir.

É relevante ressaltar que, mais recentemente, os estudos de gênero vêm ampliando o seu escopo e já não se ocupam apenas das questões feministas. O estudo de produções que abarquem questões como o homem subalterno, gays, lésbicas e minorias sexuais em geral vem se tornando cada vez mais comum na contemporaneidade. Segundo Lucia Zolin,

pode-se dizer que, se as vozes femininas, assim como as vozes das minorias étnicas e sexuais, estiveram por tanto tempo silenciadas no âmbito social e,consequentemente, na literatura, o final do século XX assistiu a uma considerável reviravolta nesses domínios. (2009, p. 335)

Na literatura brasileira, desde sua formação até a contemporaneidade, os afro-descendentes têm sido apresentados a partir de discursos marcados negativamente. Muitas vezes, a mulher negra, por exemplo, é apresentada como um corpo-objeto relacionado a um passado de escravidão. Entretanto, esse discurso literário estereotipado negativamente pode ser questionado e subvertido pela produção literária de autoras negras que deixam, então, de ser objeto da representação de um outro para ocuparem a posição de sujeito e objeto da escrita literária. Através de suas perspectivas marcadas pela vivência de mulher, negra e algumas vezes ainda de classe social desfavorecida, essas escritoras contribuem para a constituição de uma história que revela elementos apagados, desprivilegiados e/ou manipulados pela escrita hegemônica. Conceição Evaristo é uma dessas escritoras negras que vêm se destacando pela sua atuação profissional, literária e política, assim como pela valorização da cultura afro-brasileira.

Em *The Location of Culture*, Homi Bhabha, importante teórico dos estudos pós-coloniais, afirma que “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados na base da origem racial, a fim de justificar sua conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (1994, p. 101); em outras palavras, o discurso colonial tende a colocar o colonizado em uma posição inferior a fim de controlá-lo e dominá-lo.

No contexto pós-colonial, “o sujeito e o objeto pertencem a uma *hierarquia* em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador” (Bonnici, 2009, p. 265). Por isso, alguns teóricos como Spivak já defenderam, em algum ponto de sua trajetória, que o subalterno acaba por não ter voz. Porém, há aqueles que, como Fanon (1990), acreditam que o subalterno, ao transformar-se em um ser politicamente consciente capaz de enfrentar o opressor, pode inscrever-se na história, e a literatura pode ser um meio para essa inserção. Dessa maneira, alguns pesquisadores defendem que “[h]á uma estreita relação entre o estudos pós-coloniais e o feminismo” (Bonnici, 2009, p. 266), já que ambos se preocupam com a integração, à sociedade, de grupos marginalizados e dão especial atenção ao estudo de obras literárias como uma forma de reescrever a história, antes contada a partir de olhares hegemônicos.

A literatura é assaz sensível para representar, a seu modo peculiar, as repercussões do racismo, diáspora, multiculturalismo e outros tópicos que revelam a condição humana e sua luta para encontrar sentido de sua existência. Portanto, a teoria pós-colonial vai além de uma mera releitura para a recuperação histórico-literária retirada de textos canônicos ou não; tampouco é um relato de culpabilidades, acusações e lamúrias sobre o sofrimento havido e sobre a perda cultural irreparável. (Bonnici, 2009, p. 274-275)

Ambos os estudos, de gênero e pós-coloniais, buscam compreender, questionar e subverter os mecanismos de exclusão há tanto tempo presentes em nossas sociedades, contando partes da história antes relegadas a uma posição marginal.

É interessante observar que a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo traz para as suas produções muito do que ela vivenciou, e mostra de forma bela e poética a complexa realidade daqueles que são tidos como inferiores pela sociedade hegemônica. Seus cenários também são notáveis por incluir espaços urbanos como barracos, calçadas, delegacias, bordeis e contrastar a realidade brasileira geralmente difundida pela mídia e por canais oficiais (praias, pontos turísticos e toda a beleza do Brasil) com aquela que possui destaque de acordo com um ponto de vista proveniente das margens da sociedade. Como bem sabemos, os relatos oficiais tendem a descrever esse ambiente dos excluídos de forma suavizada, mostrando apenas o que lhes possa ser interessante; ao contrário disso, Evaristo nos revela parte da dor e do sofrimento enfrentados por essa parcela da população através de um olhar ativo, proveniente da margem, permeado por experiências pessoais.

No artigo “Representações de gênero e afrodescendência na obra de Conceição Evaristo” (2008), a pesquisadora Florentina da Silva Souza, da Universidade Federal da Bahia, e sua orientanda de doutorado Francineide Santos Palmeira apontam que,

[n]o Brasil, as diferenças de raça/etnia, gênero e classe ainda são pouco consideradas. Um exemplo disso, é que embora o movimento feminista se faça presente, pelo menos, desde o início [sic] do século XX, a questão específica da mulher negra, segundo algumas estudiosas, só encontrou espaço para ser discutida, em 1988, com a realização do *I Encontro Nacional de Mulheres Negras*. Antes disso, as militantes negras não eram contempladas nem pelo movimento feminista, nem pelo movimento negro. Ambos os movimentos tinham uma visão geral, não contemplavam as especificidades de raça/etnia e de gênero. (p. 4)

Segundo as pesquisadoras, Evaristo, ao defender a *escrevivência* – conceito central em sua obra, que se refere à união de ficção e experiências próprias em sua escrita⁹ – trazendo muito de sua experiência de vida para sua ficção, evidencia seu lugar de enunciação. Essa demarcação é muito relevante, pois nenhum discurso literário é neutro ou transparente, e o discurso de Evaristo não só busca valorizar a cultura negra, mas também lança luz sobre um passado de opressão e exclusão, ressaltando aspectos muitas vezes esquecidos e/ou ignorados pelo olhar hegemônico. Em perspectiva semelhante, ao analisar *Ponciá Vicêncio*, Flávia Santos de Araújo aponta que,

[e]m meio à fragmentação imposta pela diáspora negra, pela escravatura e pela pobreza extrema, a narrativa de Evaristo conduz a sua protagonista à reconstrução de uma memória histórica e cultural afro-descendente, usando a figura do Vô Vicêncio, avô paterno de Ponciá, como elemento metonímico das rupturas e das desconexões sociais e culturais, mas também como símbolo da confluência dos elementos que caracterizam a formação identitária da protagonista. (2007, p. 1)

Em suma, além de questionar os cânones brasileiros, por ser uma literatura que funciona como “uma nova resistência ao imperialismo que rejeita fronteiras coloniais, sistemas, separações, ideologias, estruturas de dominação” (p. 108), como aponta Carole Boyce Davies em *Black Women, Writing and Identity* (1994), a obra literária produzida por escritoras afro-descendentes, como Conceição

⁹Para a autora, essa *escrevivência* possui um caráter político e ideológico e deve trazer reflexões e questionamentos: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como história para ninar os da casa grande e sim para acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2009). Discurso na *Primeira Conferência de Escritoras Brasileiras em Nova York* em 16 de outubro de 2009 na BEA (Brazilian Endowment for the Arts) Biblioteca Brasileira de Nova York.

Evaristo, pode ser vista como uma forma de dar voz a esses grupos historicamente excluídos – mulheres e afro-descendentes – trazendo a público partes de nossa história que muitas vezes são apresentadas e manipuladas a partir de relatos de vozes hegemônicas.

1.4 Lawrence Venuti: sobre a geração e a manipulação de imagens culturais

No capítulo “A formação de identidades culturais” em seu livro *Escândalos da Tradução* (2002), Lawrence Venuti fala sobre a geração e a manipulação de imagens culturais que pode ocorrer pela via da tradução. Para Venuti, a tradução é uma prática cultural e pode levar à formação de identidades culturais, devendo, portanto, respeitar uma ética da diferença (p. 157).

Segundo Venuti, a tradução é, muitas vezes, vista como suspeita por domesticar textos estrangeiros, inserindo neles valores linguísticos e culturais de comunidades domésticas específicas. Desde a escolha do texto a ser traduzido, sua produção, circulação até a recepção da tradução, há seleções sendo feitas. Essas seleções podem ser responsáveis por estabelecer cânones a partir de admissões e exclusões, criando centros e periferias. A tradução também pode criar estereótipos para culturas estrangeiras, levando grupos étnicos, raciais ou nacionais específicos a serem respeitados ou estigmatizados (2002, p. 130).

Como são destinadas a comunidades específicas, as traduções, segundo Venuti, iniciam um processo ambíguo de formação de identidades, e a escolha dos textos a serem traduzidos e das estratégias tradutórias adotadas pode mudar ou consolidar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas clínicas e práticas comerciais na cultura doméstica (2002, p. 131).

Ao defender a sua ideia de ética da diferença, Venuti argumenta que uma prática tradutória que redireciona rigorosamente seu etnocentrismo pode subverter ideologias e instituições domésticas. Essa prática poderia ainda formar uma identidade verdadeiramente intercultural, já que cruza fronteiras culturais entre os vários públicos domésticos; e também histórica, por ser caracterizada por um conhecimento das tradições culturais tanto domésticas como estrangeiras, inclusive das tradições de tradução (2002, p. 157 e 160). Venuti sugere ainda que qualquer agenda de resistência cultural para a tradução deve tomar formas

especificamente culturais, escolhendo textos estrangeiros e métodos tradutórios que se desviem daqueles que são canônicos ou dominantes (p. 161).

Segundo Venuti na introdução de *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology* (1992), há teorias que propõem um método mais incisivo de ler a tradução, considerando que a tradução emerge como uma reconstituição ativa de um texto estrangeiro mediado pela irredutibilidade de diferenças linguísticas, discursivas e ideológicas da cultura alvo (p. 10). Venuti também comenta as estratégias de tradução resistentes onde o tradutor participa da construção do sentido, causando um efeito ilusório de transparência no texto traduzido – exemplos típicos desse tipo de trabalho seriam as traduções das feministas canadenses, como Barbara Godard e também a famosa tradução de *A Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Godwin Wollstonecraft, feita por Nísia Floresta Brasileira Augusta, já citada neste trabalho. Godard e as feministas canadenses se destacam por defender a tradução como uma operação criativa e produtora de significados, capaz de subverter a linguagem para que fale em favor das mulheres, fazendo dela um instrumento de sua luta político-ideológica (Godard, 1990). Augusta, por sua vez, ficou conhecida por sua tradução do livro de Wollstonecraft do francês para o português em 1832. É interessante notar que o texto foi escrito em inglês, traduzido para o francês, e a tradução de Augusta tomou como texto fonte a tradução francesa. Ao analisar *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*, a tradução de Augusta para o trabalho de Wollstonecraft, Marie-France Dépêche (2005) observa que em português há ausências de inúmeros trechos da obra, além da presença de passagens inteiras inexistentes no texto fonte. Para Dépêche, a tradutora acrescentou ideias ao texto ao longo do processo de tradução, e através de sua manipulação, o texto tornou-se ainda mais importante para o movimento feminista naquele período. Dépêche considera que a ‘infidelidade criativa’ de Augusta resultou em uma argumentação clara, inteligente, bem ordenada, em um português refinado, sendo um texto superior ao ‘original’¹⁰ (2002, p. 8). Para Venuti, essas estratégias de tradução podem ajudar a

¹⁰Um estudo mais recente da historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke (1996) questiona essa tradução de Nísia Floresta, discutindo a possibilidade de um outro possível texto-fonte, que não o de Wollstonecraft. Mais informações ver: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta. In: _____. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 167-192. OLIVEIRA, Ana Olga Prudente; MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. Nísia Floresta e

tornar o trabalho do tradutor visível, convidando a uma apreciação crítica de sua função política e social e re-examinando o *status* inferior da tradução (2002, p. 12-13).

É essencial reconhecer também que a tradução, em muitos aspectos, possui enorme poder na construção de identidades nacionais e pode assumir um importante papel geopolítico – desde a seleção de textos estrangeiros até a implementação de estratégias discursivas para crítica e ensino de tradução. Venuti aponta ainda que qualquer tentativa de tornar a tradução visível hoje é necessariamente um ato político, já que contesta uma ideologia nacionalista implícita no *status* marginal da tradução e força uma reavaliação de práticas pedagógicas e divisões disciplinares que dependem de textos traduzidos. Por fim, Venuti defende que a tradução deve ser estudada e praticada como o lócus da diferença e não como uma tentativa de igualação do não igual¹¹ (2002, p. 13).

Partindo então das ideias de Venuti aqui apresentadas, este trabalho tentará compreender a imagem cultural criada para a literatura afro-brasileira traduzida para o contexto estadunidense através, principalmente, da escritora Conceição Evaristo e de seu romance *Ponciá Vicêncio*. Considerando ainda as ideias de André Lefevere quanto aos diferentes lugares sistêmicos ocupados por obras fonte e suas traduções, verificaremos como a posição ocupada por Conceição Evaristo e seu referido romance nos respectivos polissistemas de origem e de recepção é semelhante ou apresentam diferença.

1.5 O modelo metodológico de Lambert e Van Gorp

direitos das mulheres e injustiça dos homens: uma tradução em busca do original. In: *Scripta Uniandrada*, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2012. p. 25-45.

¹¹ A ideia de “tentativa de igualação do não-igual” utilizada neste trabalho vem do texto “sobre verdade e mentira no sentido extramoral” de Friedrich Nietzsche (1978) onde o autor, ao falar da formação de conceitos, aponta que há uma certa tendência à buscar características comuns a fim de alcançar uma “igualação do não-igual” (p. 102). Embora o contexto em que a expressão foi utilizada por Nietzsche seja outro e ele esteja se referindo à formação de conceitos, ao tomarmos a ideia de “lócus da diferença” proposta por Venuti no que diz respeito a tradução, podemos dizer que, assim como Nietzsche, Venuti também é contra a “tentativa de igualação do não-igual” defendendo a manutenção das diferenças culturais, sociais, linguísticas, ideológicas, dentre outras, existentes entre texto/cultura fonte e texto/cultura alvo. (Nietzsche, Friedrich. “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”. In: *Coleção Os pensadores*. Trad. Rubens Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1978.)

Partindo das teorias desenvolvidas por Even-Zohar e Toury já apresentadas neste trabalho, José Lambert e Hendrik Van Gorp propuseram um modelo para o estudo descritivo de traduções literárias através de uma abordagem funcional e sistêmica. O objetivo central desse modelo é compreender aspectos como a escolha do texto a ser traduzido, a recepção de uma determinada tradução e as normas que atuam durante o processo tradutório¹².

José Lambert e Hendrik Van Gorp abrem seu texto “On Describing Translations” (1985) afirmando que, com as contribuições dos estudos de tradução e das teorias sobre tradução, a tradução passou a ser vista como um objeto legítimo para a investigação científica. Porém, segundo os autores, as ligações entre as diferentes áreas dos estudos da tradução ainda devem ser mais bem estabelecidas. Eles argumentam que, para que as pesquisas sobre tradução sejam mais relevantes de um ponto de vista teórico e também histórico, devemos nos perguntar como as traduções devem ser analisadas. A proposta apresentada por Lambert e Van Gorp nesse texto é a de esboçar uma metodologia para estudar vários aspectos da tradução dentro de um contexto geral e flexível.

Para isso, o primeiro ponto desenvolvido é um esquema hipotético para descrever traduções que, segundo os autores, contém parâmetros básicos para o estudo do fenômeno tradutório como apresentado por Itamar Even-Zohar e Gideon Toury no contexto da teoria dos polissistemas.

Segundo a proposta de Lambert e Van Gorp, há pelo menos dois sistemas literários em questão em uma tradução. O sistema (literário) um seria o sistema fonte e o dois seria o sistema meta. Eles propõem que a palavra “literário” fique entre parênteses, pois os sistemas literários fonte e meta não estão isolados dos sistemas religiosos, sociais, e outros. Eles indicam ainda que todos os elementos desses sistemas são complexos e dinâmicos. Devido a sua complexidade e a seu dinamismo, a comunicação entre esses sistemas não é previsível e depende das prioridades do tradutor, prioridades essas que possivelmente estarão relacionadas a normas dominantes.

¹² Ao falarmos de processo tradutório na presente tese estamos nos referindo ao trabalho de tradução, desde a seleção do texto a ser traduzido até a concretização da tradução – considerando as possíveis motivações para a seleção da obra e do tradutor, as estratégias tradutórias, entre outras questões – e não ao processo mental do tradutor durante a execução da tradução, como os estudos cognitivos o fazem, visando “investigar empiricamente os processos cognitivos envolvidos na realização da tradução e lançando luz sobre os aspectos de monitoramento e gerenciamento do processo tradutório” (Liparini, 2011, p. 1).

Já que, segundo Lambert e Van Gorp, a tradução é essencialmente o resultado da seleção de estratégias de sistemas de comunicação, a tarefa principal deve ser estudar as prioridades que determinam essas estratégias, ou seja, os modelos e normas dominantes. Dessa maneira, eles acreditam que tanto o processo de tradução quanto o texto resultante desse processo, assim como sua recepção, podem ser estudados de maneira macro ou microestrutural, a partir de diferentes enfoques.

Lambert e Van Gorp falam ainda da tradicional relação binária existente entre o texto fonte e o texto meta, relação essa que muitas vezes é reduzida a aspectos linguísticos ou à questão da correspondência (se apropriada ou não, existente ou não). Eles criticam essa relação binária argumentando que ela acaba por não respeitar a natureza complexa da equivalência e as inevitáveis interferências do sistema meta. Para os autores, toda análise sistêmica deve tentar determinar quais são as ligações dominantes e qual é a função precisa de cada sistema, e a comparação entre texto fonte e texto meta deve considerar tanto a relação entre o sistema fonte e o sistema meta como a posição do tradutor entre esses sistemas. Lambert e Van Gorp consideram que o texto traduzido é um documento óbvio para o estudo de conflitos e paralelos entre a teoria e a prática tradutória.

Os autores também falam sobre o modelo prático para análise textual elaborado a partir das pesquisas descritivas desenvolvidas por eles e cujo objetivo é tentar descrever e testar estratégias tradutórias. O primeiro passo desse modelo consiste na análise de dados preliminares como o título, a presença ou ausência de indicação de que se trata de uma tradução, o gênero, o nome do autor e do tradutor, os metatextos (comentários, resenhas, críticas e obras de referência em geral), dentre outros aspectos que levem a hipóteses para a análise futura nos níveis micro e macrotextuais. O passo seguinte consiste em coletar informações sobre as características macroestruturais da tradução, como divisão do texto, títulos de capítulos, estratégia geral utilizada na tradução, tipo de narrativa, estrutura interna da narrativa (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo, estrutura poética, dentre outros). O terceiro passo desse modelo consiste em uma análise microestrutural considerando aspectos como a seleção de palavras, padrões gramaticais dominantes, estruturas literárias formais (métrica, rima,...), formas de reprodução do discurso (direto, indireto), perspectiva e ponto de vista

da narrativa, modalidade (ativa ou passiva, expressão de incerteza, ambiguidades,...) e registro (arcaico, popular, dialeto, jargão,...). Por fim, o quarto e último passo consiste na análise do contexto sistêmico, com foco nas oposições entre níveis micro e macro e entre texto e teoria, assim como nas relações intertextuais e intersistêmicas. É relevante ressaltar que, para os autores, o modelo apresentado não deve ser aplicado em sua totalidade, ele apenas mostra os aspectos que podem ser analisados. Desses, deve-se eleger alguns, os mais relevantes para cada caso.

Concluindo, Lambert e Van Gorp afirmam que não consideram absurdo o estudo de uma única tradução ou de um único tradutor, nem a comparação entre textos fonte e meta, porém consideram ser absurdo ignorar que uma tradução ou um tradutor possuem ligações com outras traduções e tradutores, já que traduções pertencem a sistemas literários. Por esse motivo, o estudo de literatura traduzida consciente de todos os aspectos por eles propostos pode contribuir substancialmente para a compreensão de interferências literárias, históricas e poéticas, e até mesmo de sistemas literários.

O modelo metodológico de Lambert e Van Gorp nos será instrumental neste trabalho para a análise de alguns aspectos da tradução do romance *Ponciá Vicêncio* para o inglês. Considerando que a tradução é o resultado de uma seleção de estratégias dentro de um sistema de comunicação, as estratégias tradutórias devem ser estudadas e compreendidas; dessa maneira, iremos analisar determinados aspectos da tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, como o a variedade linguística utilizada, a seleção vocabular, os metatextos gerados pela obra e o contexto sistêmico.

Após a apresentação dos paradigmas teóricos que fundamentam a presente pesquisa, o capítulo que segue fará um exame da literatura selecionada a respeito da obra de Conceição Evaristo, tentando compreender o lugar sistêmico ocupado pela escritora e por seu romance, *corpus* da presente pesquisa, no polissistema cultural brasileiro.

Capítulo 2: Conceição Evaristo no polissistema cultural brasileiro

Segundo André Lefevere e Susan Bassnett a tradução é um tipo de reescrita, que constrói imagens do autor e de sua obra e manipula o texto-fonte para atender a determinados interesses do sistema receptor. Desta forma, “a tradução, como toda (re)escrita, nunca é inocente. Sempre há um contexto no qual a tradução ocorre, sempre há uma história da qual um texto emerge e para o qual um texto é transposto” (Lefevere, 1990, p. 11).

Já que, segundo André Lefevere, a tradução é responsável pela imagem de uma obra, de um escritor, de uma cultura (1990, p. 27) e por isso, muitas vezes, ocupa um lugar sistêmico no polissistema receptor diferente daquele que seu original ocupa no polissistema fonte devido a questões políticas, ideológicas, culturais, dentre outras envolvidas nesse processo de transposição, nos propomos a investigar neste capítulo a imagem da escritora Conceição Evaristo no polissistema cultural brasileiro, seu polissistema de origem.

Iniciaremos com algumas considerações sobre a literatura afro-brasileira, discutindo o próprio conceito e apresentando um breve panorama da mesma. Em seguida, traremos alguns dados biográficos da autora. Trabalharemos, ainda, com alguns fragmentos extraídos de metatextos como resenhas, artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado provenientes do polissistema de origem na contraluz dos paradigmas teóricos apresentados, a fim de tentarmos compreender o lugar sistêmico ocupado pela autora e sua obra no polissistema cultural brasileiro.

2.1 A literatura afro-brasileira e seus desafios

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar ou inserir para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente

desde pequena, nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-

negra.
Conceição Evaristo¹³

Ao longo do presente estudo nos referimos diversas vezes ao sistema de literatura afro-brasileira, mas o que seria esse sistema literário? Para entendermos o lugar sistêmico ocupado pela escritora Conceição Evaristo e sua obra no Brasil é necessário trazeremos algumas ideias sobre a literatura afro-brasileira, já que esse é um sistema ainda não consagrado e não consolidado no polissistema literário brasileiro.

Diferentemente de sistemas como a literatura afro-americana, por exemplo, sistema esse reconhecido, consolidado, bem delineado e com bases sólidas – a ser melhor explorado no próximo capítulo, a literatura afro-brasileira ainda é um sistema em busca de seu espaço no nosso polissistema literário. O fato de o negro aparecer como tema em obras literárias desde o século XVIII ou de podermos citar obras produzidas por negros há mais de um século não significa que a literatura afro-brasileira já seja uma discussão de longa data no Brasil. Podemos apontar a presença do negro na literatura brasileira em produções como as de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz (1719-1778), escrava, uma das primeiras mulheres negras no Brasil a conseguir publicar um livro de sua própria autoria; Castro Alves (1847-1871), poeta pertencente à classe dominante que tinha como tema os escravos em um momento político-abolicionista no Brasil e que acabou sendo rapidamente aceito pelo cânone; e de Luís Gama (1830-1882), que além de escritor era advogado e trabalhou em prol da libertação de muitos escravos – autor que, embora não possua grande reconhecimento no polissistema de literatura brasileira, é citado em historiografias como *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2007). Contudo, cabe ressaltar que o que

¹³“Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” In: Marcos Antônio Alexandre (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 20.

encontramos, em muitos casos, é uma imagem estereotipada do negro no Brasil, e que o fato de o negro ser trazido como tema de uma obra literária não necessariamente significa estar dando voz a esse negro e incluindo a obra em questão no sistema de literatura afro-brasileira que estamos discutindo na presente tese. Como observa Maria Aparecida Salgueiro,

[o]s nomes que passaram à literatura oficial são, às vezes, estudados sem referência à origem étnica do autor, ou, quando tal ocorre, nenhuma análise mais fundamentada do assunto sob o ponto de vista contextual, cultural e histórico é realizada, como se não houvesse aí diferença, que levasse ao enriquecimento cultural. Exemplos precisos encontram-se em Castro Alves, Olavo Bilac, Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto e assinalando-se ainda, ausência de qualquer menção feminina. (2004, p. 105)

Embora haja a ausência de mulheres negras no cânone literário brasileiro, como apontou Salgueiro, Eduardo de Assis Duarte nos lembra da importância da produção de Maria Firmina dos Reis, autora de *Úrsula* (1859), um romance abolicionista que foi redescoberto na década de 1980 e, mesmo não sendo considerado um romance canônico, é visto por estudiosos da literatura afro-brasileira como pertencente às bases de tal sistema literário. Em “Notas sobre a Literatura Brasileira Afro-descendente” (2002), Duarte assinala que no mesmo ano em que Luiz Gama publica seu livro de poesias satíricas sob o título *Primeiras trovas burlescas* (1859), Maria Firmina dos Reis publica seu romance *Úrsula* que, assim como a obra de Gama, também destoa da literatura produzida na época por diversas razões, dentre elas, o fato de o negro não aparecer apenas como tema, mas como sujeito de enunciação.

Mesmo estando presente há bastante tempo na literatura brasileira, como observa Duarte, apenas recentemente o ser negro pôde passar da condição de objeto a sujeito do próprio discurso já que, no contexto do século XIX, ele surge como objeto ou pano de fundo para mostrar o poder burguês. Nas obras de escritores canônicos, o negro geralmente aparece de forma estereotipada, tido como ingênuo, submisso, inferior ou ainda como objeto erótico, no caso da figura da mulata. Na contramão desse discurso, “surge a literatura afro-brasileira, que vem demonstrar, em sua diferença, novo olhar a tudo que antes fora dito para e sobre o negro; este que antes era objeto de uma escritura torna-se sujeito da mesma, construindo uma nova identidade” (Silva, 2009, p. 1). Obras como *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, são a prova de que

é possível se fazer emergir uma literatura daqueles autores que os livros didáticos ocultam, reafirmando uma História que sempre os omitiu e os embranqueceu. Uma Literatura que os renegou e trouxe os personagens negros encaixados em estereótipos e, na maioria das vezes, mudos e desprovidos, inclusive, do olhar. (Arruda, 2007, p. 93)

Embora muitos trabalhos acadêmicos tenham surgido nas últimas décadas contemplando produções literárias provenientes do contexto afro-brasileiro, ainda há muita discussão em torno desse sistema, e muitos questionamentos são frequentemente levantados pondo em xeque a necessidade de tal espaço.

Em sua dissertação de mestrado em teoria literária, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do professor Eduardo de Assis Duarte, Aline Alves Arruda se propõe a discutir algumas especificidades do discurso afro-descendente de Conceição Evaristo em *Ponciá Vicêncio* e, ao situar a obra de Evaristo como pertencente ao sistema de literatura afro-brasileira, Arruda lembra que esse é um sistema ainda polêmico e em constante discussão, mas que tem se fortalecido dia após dia, trazendo a público produções relegadas a uma posição marginal durante muitos anos. Segundo ela,

[a] literatura afro-brasileira é ainda um conceito em construção, no âmbito da crítica e da historiografia literária. Essa literatura se constitui a partir do ponto de vista afro-descendente do autor ou autora. (...) Ou seja, o *ponto de vista interno é característica definidora e distintiva* que, junto a outros componentes, constitui a perspectiva afro no âmbito da literatura brasileira. (2007, p. 12)

Em perspectiva semelhante, Flávia Santos de Araújo, sob a orientação de Liane Schneider, na Universidade Federal da Paraíba, aponta em sua dissertação intitulada *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo* (2007), que “são, ainda, incipientes as discussões acerca de uma tradição literária afro-brasileira” (p. 11) e que isso acontece porque esse tipo de literatura desconstrói a ideia de uma identidade nacional una e coesa, sem conflitos de gênero, classe, raça e/ou etnia. Segundo Araújo,

no caso da literatura brasileira, entendemos que os contornos teóricos da literatura afro-descendente passam, em primeiro lugar, pela desconstrução do conceito de uma identidade nacional una e coesa que, por sua vez, descansa sob o manto da harmonia e homogeneidade geralmente ligadas a noções de nacionalidade. Argumenta-se, então, a partir deste critério, que nossa literatura é uma só – brasileira – e, assim, não teríamos a necessidade de demarcar territórios específicos – sejam eles étnicos, de classe ou gênero, fragmentando o corpo de nossa tradição literária. (2007, p. 18)

Tomando como base os estudos culturais, mais especificamente as discussões

sobre gênero, raça e identidades, Araújo propõe resgatar em seu trabalho vozes de escritoras negras silenciadas ao longo dos séculos por um discurso opressor eurocêntrico. Porém, segundo ela, há uma certa resistência quanto à aceitação da literatura afro-brasileira e dessas vozes silenciadas, pois tal sistema literário se apresenta como um risco, fragmentando a nossa tradição literária. Dessa maneira, em nome dessa pseudo univocidade literária, o que se percebe é o apagamento de uma vasta produção inscrita nas margens do tecido social e cultural (Araújo, 2007, p. 18).

Se, por um lado, há questionamentos quanto à necessidade da criação de um sistema que abarque a literatura brasileira produzida por afro-descendentes, por outro lado, há um grupo de escritores e pesquisadores brasileiros que não apenas defendem o sistema de literatura afro-brasileira como já existente no polissistema literário brasileiro, mas também reúnem seus esforços para delinear as fronteiras desse sistema, para eles em fase de consolidação. A professora e pesquisadora Florentina da Silva Souza, por exemplo, em seu livro *Afro-descendências em Cadernos Negros e jornal do MNU* (2005), já em uma tentativa de delinear o que seria a literatura afro-brasileira, aponta que

[n]ão será a cor da pele ou a origem étnica o elemento definidor dessa produção textual, mas sim o compromisso de criar um discurso que manifeste as marcas das experiências históricas e cotidianas dos afro-descendentes no país. O conjunto de textos circula pela história do Brasil, pela tradição popular de origem africana, faz incursões no iorubá e na linguagem dos rituais religiosos, legitimando tradições, histórias e modos de dizer, em geral ignorados pela tradição instituída. (p. 61)

Com posicionamento semelhante ao de Souza, já considerando o sistema de literatura afro-brasileira como existente no polissistema literário brasileiro, a escritora Conceição Evaristo, em entrevista a Eduardo de Assis Duarte publicada no quarto volume da antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011), inclusive se define como escritora pertencente a tal sistema.

Eu sou uma escritora brasileira, mas não somente. A minha condição de brasileira agrega outras identidades que me diferenciam: a de mulher, a de negra, a de oriunda das classes populares e outras ainda, condições que marcam, que orientam a minha escrita, consciente ou inconsciente. Nesse sentido, não tenho receio algum em não só afirmar a existência de uma literatura afro-brasileira, como ainda me encaixar no grupo de autoras/es que criam um texto afro-brasileiro. E ainda asseguro a existência de um texto feminino negro, ou afro-brasileiro, como queiram. O meu texto se apresenta sob a perspectiva, sob o ponto de vista de uma mulher negra inserida na sociedade brasileira. (p. 114)

No Brasil, já podemos listar nomes de pesquisadores muito relevantes e influentes no que diz respeito à pesquisa sobre literatura afro-brasileira, vários deles já citados neste trabalho. Maria Nazareth Soares Fonseca e Eduardo de Assis Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais; Elisalva Madruga Dantas e Liane Schneider, da Universidade Federal da Paraíba; Maria Consuelo Cunha Campos e Maria Aparecida Andrade Salgueiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Florentina da Silva Souza, da Universidade Federal da Bahia, são alguns dos pesquisadores que vêm trazendo contribuições relevantes para a consolidação desse sistema literário. Além de suas publicações, alguns desses professores e pesquisadores têm orientado alunos de mestrado e doutorado que vêm dando seguimento às pesquisas por eles propostas. Com isso, o número de publicações e trabalhos apresentados a respeito de Conceição Evaristo e sua obra, assim como sua importância para a literatura afro-brasileira, aumenta a cada dia.

Além do crescente interesse da academia pela literatura afro-brasileira, as constantes publicações das autoras afro-brasileiras no Brasil e no exterior, assim como suas participações em eventos nacionais e internacionais, têm dado cada vez mais visibilidade a esse grupo, ajudando no processo de consolidação desse sistema literário. Em *Brasil Afro Autorrevelado* (2010), Miriam Alves – uma das reconhecidas escritoras afro-brasileiras – traça uma espécie de panorama da literatura afro-brasileira e aponta que esta

[p]ode até ser um conceito em construção academicista, mas consiste numa prática existencial para os seus produtores, que ressignifica a palavra **negro**, retirando-a de sua conotação negativa, construída desde os tempos coloniais, e que permanece até hoje, para fazê-la significar autorreconhecimento da própria identidade e pertencimento etnicorracial. (p. 42)

Segundo Alves, a literatura afro-brasileira é, na verdade, “uma manifestação literário-cultural que foi adquirindo fortes feições de movimento literário” (2010, p. 7) e que busca valorizar a literatura produzida por afro-descendentes, inscrevendo tal grupo na história, valorizando as origens africanas, ressaltando a diversidade presente em nossas sociedades e possibilitando que esses sujeitos, por muito tempo silenciados ou “falados”, falem por si mesmos. Apresentando um posicionamento semelhante, ao referir-se à produção literária das mulheres negras no Brasil mais especificamente, Conceição Evaristo afirma que “[e]ssas escritoras buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz a uma fala literária

construída nas instâncias culturais do poder” (2005, p. 54). Dessa forma, como aponta Maria Aparecida Salgueiro, “[a] *arte negra*, portanto não é uma arte abstrata – trata-se na verdade, em termos ideológicos, de uma arte que apresentou uma forma de ver o mundo, diversa dos padrões europeus” (2004, p. 18).

Cabe lembrar ainda que, além do movimento de valorização da cultura e literatura negra que vem acontecendo no Brasil nas últimas décadas pelo movimento negro e pela academia, a lei federal 10.639 sancionada em 09 de janeiro de 2003, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em instituições de ensino fundamental e médio, também deve ser vista como uma contribuição para que a literatura e a cultura afro-brasileira sejam mais estudadas e divulgadas na contemporaneidade.

Antes de concluirmos a presente seção, acreditamos ser importante esclarecer que a literatura afro-brasileira não abarca apenas escritos femininos, embora tenhamos escolhido trabalhar com a literatura de autoria feminina na presente tese. Essa escolha se deu pelo fato de a produção de autoria feminina no sistema de literatura afro-brasileira possuir grande relevância e destaque conseguindo, algumas vezes, alcançar visibilidade até mesmo fora do Brasil, como é o caso da escritora Conceição Evaristo aqui estudada. A contribuição de tais produções para o movimento negro no Brasil também foi um fator relevante para essa escolha.

2.2 Quem é Conceição Evaristo?

*Escrevo. Deponho.
Um depoimento em que as imagens se confundem,
um eu- agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte.
E como a escrita e o viver se con(fundem),
sigo eu nessa escrevivência.
Conceição Evaristo¹⁴*

¹⁴“Conceição Evaristo por Conceição Evaristo” (2009), em *Portal Literafro* da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>

Já que Conceição Evaristo ainda não é uma autora vastamente conhecida pelo público em geral, julgamos necessário trazer algumas breves informações biográficas da autora antes de prosseguir com o presente estudo.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946, em uma família humilde, vivendo em uma favela na zona sul da capital mineira. Para ajudar a família, “[a]os oito anos surgiu seu primeiro emprego doméstico e ao longo dos anos, outros foram acontecendo. Conceição Evaristo também participou com sua mãe e tia da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas” (Lima, 2009, p. 53). Nesse cenário de grandes dificuldades financeiras, Evaristo aprendeu a escrever e a ler. A aquisição dessas habilidades é relatada pela escritora em seu artigo “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2007). Evaristo recorda que “as mãos de lavadeira de sua mãe guiaram os [seus] dedos no exercício de copiar [seu] nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, os difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semi-analfabetas” (p. 18).

Na tese de doutoramento intitulada *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães* (2009), Omar da Silva Lima apresenta aspectos biográficos e literários das escritoras cujas produções foram seu objeto de pesquisa e, ao falar de Evaristo, Lima comenta que a relação da escritora com a literatura vem desde cedo, ainda em seus tempos de escola primária (o que hoje chamamos de ensino fundamental um). Segundo Lima, “[a]o terminar o primário, em 1958, Conceição Evaristo ganhou o seu primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação” (p. 54), escrevendo de forma notável e bela sobre o orgulho de ser brasileira. A própria autora também revela que sua adolescência foi marcada por um diário, por sensíveis redações e, ainda, por pequenos contos e poesias, material que se perdeu ao longo do tempo: “[r]asguei, queimei, joguei fora” (p. 154). Após terminar o que era chamado de escola primária em seu tempo, Evaristo seguiu seus estudos, porém com muitas interrupções.

Mesmo em meio a grandes dificuldades, Evaristo optou por estudar e, enquanto trabalhava como doméstica, conseguiu concluir seu curso normal em sua cidade. Por não conseguir indicação das famílias para quem trabalhava para que pudesse lecionar, migrou para o Rio de Janeiro em 1973 e foi aprovada em

concurso público para o magistério na cidade de Niterói, dois anos depois. Em 1976, Evaristo conheceu Oswaldo Santos de Brito, com quem se casou e teve sua única filha, Ainá Evaristo de Brito, portadora de uma síndrome genética que comprometeu o seu desenvolvimento psicomotor. Seu marido faleceu em 30 de dezembro de 1989.

Optando pelo mundo das letras, em 1976, Evaristo ingressou em seu curso superior na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, posteriormente, em 1992, em seu mestrado em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde defendeu a dissertação *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*, em 1996. Recentemente, em 2011, a autora concluiu seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, defendendo a tese intitulada *Poemas malungos: cânticos irmãos*, cujo objeto é a análise comparativa entre a escrita afro-brasileira de Nei Lopes e de Edimilson Almeida Pereira e a angolana de Agostinho Neto, observando aspectos como os modos de apropriação das tradições afro-brasileira e africana na poesia dos escritores e os lugares de enunciação dos poetas enquanto agentes de uma poética afirmativa de identidades de povos que sofreram com a colonização e a escravidão.

No que diz respeito a sua produção, Evaristo publica constantemente na série *Cadernos Negros*, e foi através de seus poemas nessa série que a escritora começou a ser conhecida no sistema de literatura afro-brasileira. Sua estreia foi no número 13 da série, em 1990, com seis poemas: “Mineiridade” (p. 29), “Eu-mulher” (p. 30), “Os sonhos” (p. 31), “Vozes-mulheres” (p. 32), “Fluida lembrança” (p. 34) e “Negro-estrela” (p. 35). Além de sua poesia e de seus trabalhos acadêmicos publicados, Evaristo é autora de dois romances: *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), ambos publicados pela editora Mazza, sendo que o primeiro foi traduzido para o inglês em 2007, como já mencionamos. Em 2008, Evaristo lançou uma coletânea que reúne uma série de poemas anteriormente publicados nos *Cadernos Negros* sob o título *Poemas da recordação e outros movimentos* e, em 2011, a escritora publicou seu mais recente livro, uma coletânea de contos intitulada *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

Segundo Lima, a publicação da tradução em língua inglesa de *Ponciá Vicêncio* “torna Conceição Evaristo a segunda escritora afro-brasileira a ter uma obra publicada em terras estrangeiras. A primeira foi Carolina Maria de Jesus com

o seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*” (2009, p. 57). Cabe lembrar que diversos poemas de Evaristo já estão traduzidos para a língua inglesa como consequência da recente tradução dos *Cadernos negros, Black Notebooks* (2008); seu conto “Maria” também foi traduzido em 1995, publicado no volume 18 da revista *Callaloo*; o conto “Ana Davenga” foi traduzido e publicado na coletânea *Fourteen Female voices From Brazil* em 2002; “Duzu-Querença” foi publicado na coletânea bilíngue *Women Righting: Afro-Brazilian Women's Short Fiction*, editada por Mirian Alves e Maria Helena Lima em 2005; e um excerto de seu segundo romance, *Becos da memória*, foi publicado em inglês em 2007 no volume 30 da revista *Callaloo*, sob o título “Ditinha”.

2.3 Conceição Evaristo no Brasil

Voltando nosso olhar mais especificamente para a escritora Conceição Evaristo, apresentaremos alguns fragmentos de metatextos provenientes do polissistema literário de origem a fim de compreendermos qual é o lugar sistêmico ocupado por Evaristo e sua obra no polissistema cultural brasileiro.

Segundo Luiz Henrique Silva de Oliveira – doutor pela UFMG orientado por Haydée Ribeiro Coelho e Eduardo de Assis Duarte – Conceição Evaristo é uma escritora engajada e “participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país” (2009, p. 85). Oliveira observa, ainda, que seu “lugar de enunciação mostra-se solidário e identificado com os menos favorecidos, sobretudo com o universo das mulheres negras” (p. 87).

Em seu trabalho apresentado no Colóquio dos 30 Anos da Seção Luso-Brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia em 2008, sob o título *Diálogos com a cultura Afro-brasileira*, Maria Aparecida Salgueiro tece algumas comparações entre as literaturas afro-brasileira e afro-americana e afirma:

[n]o Brasil, assim como nos Estados Unidos – consideradas as diferenças culturais – as mulheres afro-brasileiras vêm escrevendo e publicando de forma organizada há alguns anos, representando um grupo com traços próprios. No entanto, devido a características culturais nacionais específicas, embora boa parte de seu trabalho já tenha sido traduzido e se transformado em objeto de debate com agraciamento em alguns setores no exterior, no Brasil, um pleno reconhecimento de sua produção e valor literário ainda não chegou. (p. 144)

Isso porque a própria questão do ser negro no Brasil é bastante diferente daquela nos Estados Unidos, embora seja possível falar de um passado histórico com algumas semelhanças devido à experiência da escravidão africana ocorrida em ambos os países. Em “A relação entre cor e identidade étnica em traduções brasileiras de um romance norte-americano” (1997), Aurora Neiva discute os padrões raciais estadunidense e brasileiro com base em algumas ideias de Carl N. Degler. Ela aponta que o padrão racial estadunidense é dicotômico, já que “uma pessoa é considerada ‘black’, nos Estados Unidos, em razão de sua ascendência africana e não em virtude da cor exata de sua pele” (p. 532). Dessa maneira, mesmo que o indivíduo possua pele branca, havendo um negro em sua ascendência, essa pessoa é considerada negra pelos padrões estadunidenses, daí o termo *one-drop rule* – uma única gota de sangue negro torna o indivíduo negro, independente de sua aparência. Em contrapartida,

a dicotomia white/black, típica da sociedade norte-americana, se desdobra entre nós, brasileiros, numa escala cromática de valores, quanto mais próximo nessa escala estiver o indivíduo do ideal branco, mais aceito socialmente o será. Nuances de cor de pele são, portanto, altamente marcadas entre os não brancos, refletindo assim os mecanismos simbólicos de discriminação étnica que caracterizam o imaginário da população brasileira em geral. (Neiva, 1997, p. 533)

Outra questão de extrema relevância no que diz respeito à negritude no Brasil é o mito da democracia racial. Como ser negro no Brasil não é algo dicotômico e bem definido como o é nos Estados Unidos, e ainda devido à suposta tolerância racial e ausência de discriminação pregada pelas elites políticas e intelectuais, assim como pela mídia, muitos acreditam que as relações raciais no Brasil não são desiguais como no contexto estadunidense e que, ao invés disso, questões como gênero e classe social, por exemplo, seriam muito mais relevantes do que a questão racial no que diz respeito à discriminação nesse país. Em *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea* (2010), Miriam Alves nos lembra que, infelizmente, há uma tendência a “reforçar o mito da democracia racial brasileira, com a imagem de um Brasil socialmente harmônico, um paraíso para todas as raças e culturas, numa convivência pacífica e igualitária” (p. 29).

Todos esses fatores contribuíram para que o movimento negro no Brasil se desse de forma consideravelmente diferente daquele nos Estados Unidos, sendo esse um movimento que vem ganhando seu espaço décadas depois da

consolidação do mesmo em terras estadunidenses, apenas na contemporaneidade. Do mesmo modo, o sistema de “literatura afro-brasileira no âmbito acadêmico brasileiro ainda é território de polêmicas conceituais” (2010, p. 42), como aponta Miriam Alves e, por isso, ainda não é um sistema com pleno reconhecimento e valor literário no polissistema brasileiro.

Com base nos dados apresentados e nas articulações efetuadas até o presente momento, e compreendendo um pouco mais a respeito do contexto de origem do romance *Ponciá Vicêncio*, podemos dizer que a escritora Conceição Evaristo é uma autora conhecida na academia por pesquisadores que trabalham com literaturas da diáspora negra, porém não é familiar ao público em geral, embora seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio* já tenha sido indicado algumas vezes como leitura obrigatória para vestibulares, como já mencionamos. Sua obra vem sendo muito estudada nos últimos anos, gerando um grande número de artigos, teses e dissertações, e consolidando o lugar ocupado pela escritora na academia e no sistema de literatura afro-brasileira. Porém, o prestígio no polissistema de literatura brasileira ainda não foi alcançado. Como aponta Eduardo de Assis Duarte em entrevista concedida a mim em março de 2013 e apresentada na íntegra em anexo,

Conceição, de todas as escritoras negras brasileiras, é a que mais visibilidade tem. Não estou dizendo que ela está sendo canonizada, não é isso, mas eu penso que ela conseguiu realmente furar um bloqueio muito forte. Sua obra não está publicada ainda por nenhuma grande editora, ela vem publicando em editoras menores, e vem tendo muito sucesso apesar disso, e dos problemas com a divulgação e a distribuição de seus livros, problemas característicos de editoras pequenas que não têm capital para investir na divulgação, propaganda, distribuição, coisas desse tipo.

Mesmo assim, Evaristo vem conseguindo ampliar o seu círculo de leitores dia após dia, e o interesse da academia em suas produções tem se mostrado crescente. Em palestra na Universidade de Brown em 2012¹⁵, Duarte constata que o romance *Ponciá Vicêncio* vendeu no Brasil cerca de 20 mil exemplares e que a primeira edição da sua tradução para o inglês já está esgotada. Através dos metatextos selecionados e analisados para a composição dessa seção, foi possível perceber que a imagem da autora aqui no Brasil vem, pouco a pouco, sendo modificada através do tempo por influência de diversos fatores, entre eles, a repercussão da sua imagem no polissistema de literatura estadunidense, embora essa repercussão

¹⁵ Palestra acessada em 03 de abril de 2013 no endereço: <http://vimeo.com/54322727>

ainda seja bastante pequena, como veremos no próximo capítulo. Porém, em linhas gerais, Conceição Evaristo tem sido apresentada no Brasil como uma escritora que defende a valorização da cultura africana/afro-descendente através de sua *escrevivência* de mulher negra.

Mais recentemente, com o avanço dos estudos sobre literatura afro-brasileira, com a crescente visibilidade do movimento negro no Brasil e com a influência da posição ocupada pela escritora no sistema literário afro-americano, a ser estudado no próximo capítulo, a escrita de Evaristo tem sido cada vez mais apontada como altamente engajada, militando por questões sociais, étnicas e de gênero aqui no Brasil. Na antologia sobre literatura afro-brasileira, publicada em 2011 com o título *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, Eduardo de Assis Duarte e Consuelo Cunha Campos afirmam que,

Conceição Evaristo articula seus projetos literário e existencial: a uma longa e persistente militância social, étnica e de gênero agrega-se a atuação acadêmica e a criação poética e narrativa. Põe em cena, sob uma perspectiva feminina e afro-identificada, problemas do cotidiano de mulheres negras, conectando sua literatura às raízes étnicas. Centrados na temática afro-brasileira, seus escritos consubstanciam sua resistência ao sexismo, ao racismo e aos demais preconceitos e formas correlatas de exclusão. Mas sem perder a ternura jamais. (p. 213a)

Além dos diversos estudos que vêm sendo realizados a seu respeito, Evaristo também tem publicado vários artigos sobre questões de gênero e raça em periódicos respeitados na academia, além de suas constantes palestras e participações em eventos aqui e no exterior, onde Evaristo busca evidenciar sua escrita marcada pela condição de mulher e negra. Em palestra na universidade de Brown em 2012, onde apresentou a fala “Poética da dissonância: vivência e escrita de mulheres negras brasileiras”, Evaristo, logo de início, faz questão de evidenciar o seu lugar de enunciação: “[g]ostaria também de afirmar que toda a minha produção, tanto literária como a produção crítica, é extremamente marcada, atravessada, pela minha posição de mulher negra na sociedade brasileira”. Se, por um lado, sua obra não é muito conhecida dentro do polissistema de literatura brasileira, em contrapartida, ela já é uma autora consagrada dentre os escritores que compartilham uma identidade literária afro-brasileira e que integram um sistema literário afro-brasileiro ainda em fase de consolidação, como vimos.

Após conhecermos um pouco mais sobre o sistema de literatura afro-brasileira – um sistema pertencente ao polissistema cultural brasileiro – e

discutirmos algumas de suas questões centrais, o próximo capítulo da presente tese buscará compreender um pouco mais sobre o polissistema cultural estadunidense e o lugar ocupado por Conceição Evaristo e a tradução de seu romance *Ponciá Vicêncio* nesse contexto.

Capítulo 3: Conceição Evaristo no polissistema cultural estadunidense.

No capítulo anterior, afirmamos algumas vezes que a imagem da escritora Conceição Evaristo e de sua obra aqui no Brasil vem sendo paulatinamente modificada através do tempo devido a alguns fatores, dentre eles, o reflexo de sua imagem no polissistema de literatura estadunidense. Mas que imagem é essa que a escritora possui no polissistema cultural estadunidense? E como essa imagem foi construída? Propomo-nos a investigar, neste capítulo, a imagem da escritora Conceição Evaristo no polissistema cultural estadunidense, polissistema de recepção da tradução do romance *Ponciá Vicêncio*, nosso objeto de estudo.

Iniciaremos com algumas considerações sobre a literatura afro-americana, apresentando um breve esboço do desenvolvimento da mesma e tecendo alguns comentários sobre a sua relevância histórica nos Estados Unidos. Em seguida, trataremos da literatura afro-brasileira traduzida para a língua inglesa, tentando compreender a imagem da literatura brasileira contemporânea produzida por afro-descendentes no polissistema literário estadunidense. E, por fim, buscaremos compreender o lugar sistêmico ocupado por Conceição Evaristo e sua obra no polissistema cultural estadunidense. Devido à escassez de estudos sobre a literatura afro-brasileira traduzida e, portanto, a quase inexistência de material abordando essas questões, vemos as duas últimas seções do presente capítulo como altamente desafiadoras.

3.1 Breves considerações sobre o desenvolvimento da literatura afro-americana

Já que a literatura afro-americana, diferentemente da afro-brasileira, possui uma longa trajetória e é um sistema consagrado, reconhecido e consolidado no polissistema literário estadunidense, não será possível aqui uma apresentação mais detalhada desse sistema, o que por si só poderia ser tema de um novo trabalho. Mas, para que possamos entender a imagem de Evaristo criada a partir da tradução de sua obra para o polissistema literário estadunidense, trataremos algumas

breves considerações sobre o mesmo, ressaltando alguns aspectos especialmente relevantes dessa literatura. Antes de iniciarmos tal esboço, porém, cabe aqui apontar que, mesmo com a reconhecida trajetória da literatura afro-americana, há vertentes que questionam essa posição consagrada e consolidada. Um exemplo disso é o livro *What was African American Literature*, de Kenneth Warren, publicado em 2011, onde o autor defende que “a literatura afro-americana pode ser vista como uma entidade ‘histórica’ e não como a expressão contínua de pessoas distintas” (p. 8), questionando o papel político e social que essa literatura possui até os dias de hoje no polissistema cultural e literário estadunidense. Entretanto, em oposição a esse posicionamento, temos o reconhecido legado da literatura afro-americana, e ainda o visível espaço que ela ocupa na academia estadunidense. Diversas universidades nos Estados Unidos, como Dartmouth College, Harvard e Michigan, apenas para citar algumas, possuem departamentos de estudos de literatura africana e afro-americana, os AAAS (Department of African and African American Studies), o que, de certo modo, confirma a relevância desse sistema literário na contemporaneidade.

Partindo então para nossas breves considerações sobre a literatura afro-americana, a fim de que possamos compreender tal produção literária é necessário estarmos atentos a alguns acontecimentos históricos nos Estados Unidos. Momentos como a Guerra Civil (1861-1865), o Movimento pelos Direitos Civis, dentre outros acontecimentos que ocorreram nas décadas de 1960 e 1970, motivaram a comunidade negra estadunidense, trazendo fortes reflexos ao redor do mundo, fomentando o surgimento de uma produção literária voltada para as questões de gênero e raça. Escritores como Lorraine Hansberry, Toni Morrison, Alice Walker, Langston Hughes, Claude McKay e Countee Cullen, apenas para citar alguns, contribuíram para a construção da identidade cultural dos afro-descendentes estadunidenses e ajudaram a fortalecer o sistema hoje vastamente reconhecido como literatura afro-americana.

Outro acontecimento histórico de extrema relevância para o movimento negro estadunidense é o Renascimento do Harlem, movimento que surgiu em meio à revolta social e intelectual da comunidade afro-americana no início do século XX, mais precisamente nas décadas de 1920 e 1930. Após a Guerra Civil, houve o desenvolvimento de uma classe média negra nos Estados Unidos, com mais oportunidade de acesso à educação e emprego. Com o acesso cada vez maior

de negros à educação acadêmica e com o número expressivo de cidadãos negros socialmente conscientes que se estabelecia no Harlem, a área se transformava no centro político e cultural da América negra, com uma nova agenda política que defendia a igualdade racial, com destaque para nomes como W. E. B. Du Bois. O Renascimento do Harlem é considerado um marco na história da literatura e da cultura afro-americana. O movimento conseguiu atrair a atenção dos estadunidenses, brancos inclusive, de forma muito significativa. O Renascimento do Harlem apresentou manifestações literárias – com destaque para nomes como Claude McKay, Jean Toomer, Langston Hughes, Wallace Thurman e Zora Neale Hurston; na música – com destaque para o jazz e o blues; no teatro; nas artes em geral e na política afro-americana.

O movimento negro nos Estados Unidos é bastante conhecido ao redor do mundo. É um movimento forte e organizado que obteve e continua obtendo muitas conquistas ao longo de sua existência. A literatura produzida pelos afro-americanos faz parte desse processo de questionamento, subversão e luta contra o preconceito e a opressão, sendo uma grande arma para esse movimento negro. Isso porque líderes – principalmente do sul dos Estados Unidos – como Martin Luther King Jr. pregavam a necessidade de uma luta pacífica, sem uso de violência. Com isso, boicotes como o de 1955 no sul do país em Montgomery, no Alabama¹⁶, muito contribuíram para essa luta antissegregacionista, assim como a produção artística desse grupo tem considerável participação nesse processo. Embora agindo de forma consideravelmente diferente, a comunidade negra do norte dos Estados Unidos também estava engajada na luta racial. Conscientes da função política do movimento negro, militantes do norte optaram por um ativismo

¹⁶O boicote aos ônibus de Montgomery foi um boicote político e social, com o objetivo de se opor à política de segregação racial vigente no transporte público da cidade. De acordo com esse sistema de segregação, os brancos que entrassem no veículo sentavam-se na parte da frente, preenchendo-o em direção ao fundo. Os negros que entrassem no ônibus deviam sentar-se no fundo, preenchendo os lugares em direção à parte frontal do veículo desde que os dois grupos não se encontrassem e que não houvesse brancos de pé. No caso disso acontecer, exigia-se que o negro ficasse em pé, se levantando para dar lugar ao branco. Muitas pessoas hoje reconhecidas estiveram envolvidas nesse boicote tais como Martin Luther King Jr., Rosa Parks e outros. Esses negros resolveram não respeitar esse sistema de segregação, sentando-se nos lugares destinados aos brancos. O movimento causou déficits elevados no sistema de transporte público de Montgomery, em função de uma grande porcentagem de pessoas brancas que usavam o transporte público deixarem de usá-lo. O esforço levou a uma decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos declarando inconstitucionais as exigências legais de segregação nos ônibus no estado do Alabama e na cidade de Montgomery.

mais violento, reunindo estudantes e radicais com destaque para as lideranças de Malcolm X – que acreditava que a violência não era uma forma de barbárie, mas um meio legítimo de conquistas, uma metodologia de transformação, já que todas as mudanças históricas se deram de maneira violenta; e Stokely Carmichael – líder do Student Non-Violent Coordinating Committee – SNCC (movimento estudantil que pregava a não-violência na luta contra o racismo e pelos direitos iguais) e, mais tarde, Primeiro-Ministro Honorário do partido político formado por negros atuantes e combativos contra a discriminação (Panteras Negras), adotando um posicionamento inicialmente mais pacífico, na mesma linha ideológica de Martin Luther King, porém, aderindo posteriormente a movimentos nacionalistas negros e pan-africanistas. Além da luta diária pelos mesmos direitos oferecidos à população branca, ativistas como Malcolm X acreditavam que, para que a desigualdade econômica nos Estados Unidos fosse revertida, seria necessário que afro-americanos alcançassem posições de comando na política, na economia, na educação, assim como em todas as áreas de interesse da população. Dessa forma, de maneira pacífica ou mais radical, o movimento negro nos Estados Unidos conseguiu mobilizar multidões.

Na literatura não foi diferente. Escritores negros estadunidenses buscaram subverter a posição silenciada a eles relegada, lutando para que pudessem ter voz e para que suas vozes pudessem ser ouvidas. Lorraine Hansberry, por exemplo, teve sua peça *A Raisin in the Sun* produzida pela primeira vez no ano de 1959 nos palcos da Broadway em um período em que não se podia imaginar a possibilidade de uma produção de uma escritora negra e ainda com elenco e direção de negros em tal local. Na introdução para a edição da peça publicada em 1994, Robert Nemiroff, ex-marido de Hansberry e responsável por sua obra após sua morte, destacou o inusitado de se

trazer para a Broadway a primeira peça escrita por uma mulher negra (jovem e desconhecida), dirigida por outro negro e ainda iniciante, em um teatro onde praticamente não existia público negro e onde, em toda a história do teatro americano, nunca houve dramaturgia de sucesso produzida por negros para fins comerciais! (Nemiroff, 1994, p. 6)

É desnecessário dizer que foi um grande desafio para a autora. Hansberry utilizou a sua obra para questionar e subverter valores hegemônicos da sociedade estadunidense, desconstruindo o sonho americano e denunciando a realidade de exclusão, segregação e preconceito enfrentada pelos afro-americanos. Importância

semelhante têm as produções de autoras como Maya Angelou, Toni Morrison e Alice Walker. Como aponta Luciana de Mesquita Silva em sua dissertação de mestrado:

[n]o contexto dos Estados Unidos, a década de 70 do século XX foi marcada pelo trabalho de escritoras negras como Maya Angelou, Nikki Giovanni e Toni Morrison. Tais autoras buscaram trazer à luz discussões acerca das relações raciais em seu país, demonstrando, assim, como a literatura produzida por mulheres pode ir além de questões ligadas ao universo feminino. (2007, p. 11)

O contexto estadunidense é completamente diferente do brasileiro no que diz respeito aos afro-descendentes porque a própria questão racial se difere consideravelmente em ambos os países, como temos ressaltado ao longo deste trabalho. Enquanto no Brasil não tivemos leis segregacionistas, por exemplo, nos Estados Unidos esse foi um dos primeiros alvos da luta dos afro-americanos. Por tudo isso, o posicionamento em relação às questões raciais e à produção literária dos afro-descendentes em ambos os países também se difere bastante.

A literatura afro-americana é vista no polissistema de literatura estadunidense como uma forma de dar voz aos grupos historicamente excluídos, contemporaneamente chamados de minorias étnicas, possuindo caráter ideológico, político e sendo vista como uma forma de resistência ao excludente discurso colonial¹⁷. Enquanto isso, no polissistema de literatura brasileira, a produção dos afro-descendentes ainda é pouquíssimo conhecida e, muitas vezes, vem sendo apontada apenas como uma forma de valorizar a cultura negra. A própria busca pela consolidação do sistema literário afro-brasileiro é um movimento bastante recente, como já vimos neste trabalho.

Com o esforço dos pesquisadores da área, assim como dos próprios escritores pertencentes a tal grupo, essa literatura vem, aos poucos, adquirindo uma força mais política, aproximando-se, de certo modo, dos propósitos da literatura afro-americana e buscando dar voz aos afro-descendentes historicamente excluídos no Brasil. Isso porque apenas recentemente o *mito da democracia racial* vem sendo contundentemente questionado e desconstruído, e as questões de raça vêm sendo mais amplamente discutidas em nosso país. Nesse contexto, cabe

¹⁷Nos estudos culturais, entende-se por discurso colonial o discurso de poder – o posicionamento hegemônico, isto é, o discurso do colonizador, que nega voz ao colonizado (subalterno segundo Spivak ou sujeito ex-cêntrico / marginal segundo Hutcheon) buscando-se o apagamento de sua identidade cultural (cf. Bhabha 1994, Spivak 1997, Hall, 1996, Hutcheon 1993, 2000).

ressaltar a grande relevância de trabalhos como a antologia recentemente organizada por Eduardo de Assis Duarte, já citada algumas vezes neste trabalho. Em entrevista concedida a mim em março de 2013, Duarte comenta que

o objetivo principal da antologia foi jogar alguma luz sobre esses autores que estão aí esquecidos e, muitas vezes, propositadamente, pelo fato de assumirem uma posição mais explicitamente política nos seus textos. Muitas vezes esses autores não são considerados autores de literatura, mas sim figuras panfletárias, militantes, pessoas do movimento negro, porque realmente há um formalismo muito grande na academia, que, em alguns casos, não aceita como literatura nem mesmo a poesia política de Carlos Drummond de Andrade. (...) Nós não pretendemos, de maneira nenhuma, estabelecer um cânone alternativo à literatura brasileira canônica. Nós pretendemos, na verdade, trazer elementos de reflexão a respeito de escritores que nunca entraram na chamada literatura brasileira e que estão aí o tempo todo publicando e, lamentavelmente, sendo esquecidos, pela instituição universitária. (...) o papel principal, de maior relevo que eu vejo na antologia é exatamente esse, é trazer elementos novos para se discutir a história da literatura brasileira e para se questionar esse cânone que aí está estabelecido.

Como ser negro no Brasil não é algo dicotômico como nos Estados Unidos, e ainda devido à suposta tolerância racial e ausência de discriminação pregada pelas elites políticas e intelectuais, assim como pela mídia, muitos acreditam que as relações raciais no Brasil não são desiguais como ocorre no contexto estadunidense. Como aponta a socióloga Gevanilda Santos em seu livro *Relações raciais e desigualdade no Brasil* (2009),

[a] ideia do brasileiro cordial é muito divulgada. Supõe uma vocação nacional para a convivência harmônica diante da desigualdade racial aqui existente, e, ao mesmo tempo, esconde o modo de ser preconceituoso do brasileiro. (...) o debate sobre temas relativos ao preconceito racial, à prática discriminatória e à concepção do racismo no Brasil foi afastado da História, dos currículos escolares, do cotidiano do jovem leitor e de toda a sociedade. A impressão é que não existe racismo no Brasil. (p. 21)

Todas essas questões fazem com que a produção literária dos afro-descendentes no Brasil e nos Estados Unidos seja bastante diferente e encontre recepções bastante distintas. Não podemos deixar de lembrar que os Estados Unidos têm uma história de democratização das populações negras e da cultura negra muito anterior ao Brasil e isso, certamente, tem impacto na produção e na recepção da literatura produzida por esses grupos.

3.2 A literatura afro-brasileira traduzida

Antes de falarmos sobre a literatura afro-brasileira traduzida para a língua inglesa e publicada no polissistema literário estadunidense, faz-se necessário tecer algumas breves considerações sobre a literatura brasileira traduzida para esse polissistema. Estudos sobre a literatura brasileira traduzida demonstram que nossa literatura e cultura ocupam uma posição periférica nos polissistemas de língua inglesa. Mesmo com o crescimento dos incentivos no Brasil para que nossa literatura seja levada para outras línguas e outros sistemas literários, o número de obras traduzidas ainda é bastante reduzido e o estudo dessas traduções ainda mais raro. Em 2011, durante a Festa Literária de Paraty, a então ministra da cultura Ana de Hollanda apresentou um novo programa de apoio à tradução de obras brasileiras no exterior. Tal plano pretendia disponibilizar 7,6 milhões de dólares para que grandes obras da literatura brasileira fossem traduzidas para a língua espanhola e para a língua inglesa. Cabe ressaltar que as ditas “grandes obras” geralmente incluem apenas obras pertencentes ao cânone e aquelas que alcançaram grande sucesso de vendas – alguns dos *bestsellers*. Ainda assim, não é muito expressivo o número de obras provenientes da literatura brasileira presentes nos sistemas literários de língua inglesa.

Em sua dissertação de mestrado *Identidades Refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira construída por tradução* (2005), Maria Lúcia Santos Daflon Gomes apresenta um levantamento de obras da literatura brasileira traduzidas para os polissistemas de língua inglesa ao longo do século XX. Partindo de outro levantamento apresentado anteriormente por Heloisa Barbosa em 1994 e da pesquisa em fontes como o guia *Babelguides* de obras brasileiras em tradução para o inglês, Gomes aponta que

foi possível contar 166 obras de ficção, na maioria romances, traduzidas (ou retraduzidas) para o inglês ao longo de 94 anos, a partir do início do século XX até o ano de 1994, quando ela [Barbosa] encerrou [sua] pesquisa. Somando-se a esse número mais 19 obras traduzidas entre 1990 e 1994, não incluídas na pesquisa de Barbosa, e outras 21 traduzidas entre 1995 e 2000, a média do século XX chega a 2,08 livros por ano, com 100 autores traduzidos. (p. 59-60)

Ao falarmos da tradução da literatura brasileira para a língua inglesa, podemos citar alguns nomes de destaque como os escritores canônicos Jorge Amado, considerado um dos escritores brasileiros mais traduzidos para o polissistema literário anglo-americano, com 16 títulos traduzidos segundo o *blog*

*talqualmente*¹⁸ que se propõe apresentar uma lista de livros brasileiros disponíveis em inglês; os consagrados pela crítica literária Machado de Assis e Clarice Lispector; assim como o escritor contemporâneo Paulo Coelho que, embora não tenha alcançado grande sucesso com a crítica, está entre os escritores brasileiros mais traduzidos e mais vendidos no polissistema literário estadunidense, não se devendo esquecer de que nos Estados Unidos a literatura traduzida não é alvo de interesse prioritário dos leitores.

Gomes aponta em seu estudo que até década de 1980, autores canônicos lideraram a classificação dos mais traduzidos, devido à importância da academia e da crítica universitária na seleção e na tradução de textos literários brasileiros. Muitas das traduções desse período foram publicadas por editoras ligadas a universidades (2005, p. 64-66). Apenas a partir da década de 1990, a popularidade dos autores no polissistema de origem passou a ser também um critério importante na seleção de obras brasileiras para tradução. Assim, “o que antes se fazia majoritariamente a partir de referências acadêmicas, passou a ser feito de acordo com a lógica do mercado” (p. 73), influenciando também a “feição do sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês. O autor que vende bem aqui é forte candidato a se lançar em tradução” (p. 91).

No artigo “A tradução da literatura brasileira” (2011), o antropólogo e jornalista Felipe Lindoso argumenta que, embora o português seja o terceiro idioma ocidental com mais falantes no mundo, “a projeção internacional da literatura produzida em português depende das traduções. E depende muitíssimo de traduções para o inglês, pois a partir desse idioma – a língua franca – é que se processa a difusão para os demais” (s/n.). O surgimento de um interesse comercial pela literatura brasileira apontado por Gomes (2005) contribuiu para a geração de um canal de exportação de autores nacionais, o que é bastante positivo por dar maior visibilidade à nossa cultura e literatura. No entanto, um aspecto que deve ser observado em relação a essa maneira de exportar a literatura brasileira diz respeito à formação de identidades culturais a partir da tradução e da veiculação dessas obras no exterior. Em sua dissertação, Gomes tece alguns comentários

¹⁸<http://talqualmente.wordpress.com/>

Mais informações sobre a tradução da obra de Jorge Amado, ver a dissertação de mestrado de Marly D’Amaro Blasques Tooge: *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*, defendida em 2009 na Universidade de São Paulo.

sobre a imagem do Brasil construída a partir de sua literatura traduzida para o polissistema literário estadunidense e aponta que a imagem do “Brasil rural, pobre, ou do Brasil sensual e tropical, ou místico e exótico, era forte a ponto de nortear a escolha de editores estrangeiros interessados em publicar traduções de obras brasileiras” (p. 93) até o final do século XX. Nos dias de hoje, temos acompanhado o surgimento de uma outra imagem, também estereotipada, que reflete a cidade brasileira, particularmente Rio de Janeiro e São Paulo, onde ressalta-se “a condição miserável da vida nas favelas, a corrupção e o crime, por exemplo” (p. 94).

Com o crescimento dos estudos culturais, os estudos feministas, homoeróticos, latinos e estudos relacionados a questões de gênero e etnia, de um modo mais amplo, vêm alcançando maior visibilidade. Com isso, o interesse acadêmico na produção cultural e literária de tais grupos e/ou comunidades também tem crescido, impulsionando o processo de tradução dessas produções. O processo de inserção dessas obras no polissistema literário estadunidense por via da tradução pode influenciar a imagem da literatura e da cultura brasileira nesse contexto, questionando e/ou desconstruindo estereótipos ou imagens criadas pelas traduções majoritariamente canônicas presentes em tal sistema até então. Gomes comenta que

[e]m alguns casos, a utilização de textos como material de estudo para essas áreas gerou rótulos rejeitados pelos autores, como no caso de Caio Fernando Abreu, tomado como escritor *gay*, ou recebidos com surpresa pela crítica e pela própria comunidade de leitores da cultura fonte, como no caso de Clarice Lispector, cuja ligação com o feminismo vem do exterior. (2005, p. 75)

No caso da inserção da literatura afro-brasileira no polissistema literário estadunidense, podemos perceber claramente a desconstrução da imagem do Brasil como uma democracia racial, como já argumentamos neste trabalho. Porém, o número de traduções de obras provenientes do sistema de literatura afro-brasileira para o contexto estadunidense ainda é muito reduzido. Se, a literatura brasileira aqui reconhecida pela crítica e canonizada, ou reconhecida pelo público e sucesso de vendas, não possui muito espaço no sistema de literatura brasileira traduzida nos Estados Unidos, menos espaço ainda possui a literatura pertencente às margens de nosso polissistema literário.

Em *Brazilian Women Writers in English: translation of culture and gender in works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, and Ana Maria Machado* (2008), tese de doutorado desenvolvida na Universidade de Massachusetts, Lilian Feitosa discute a inserção das escritoras brasileiras citadas no título de seu trabalho no polissistema literário estadunidense pela via da tradução. Além das escritoras canônicas Clarice Lispector e Ana Maria Machado, Feitosa inclui em sua pesquisa uma escritora afro-brasileira, a primeira a ter sua obra traduzida para o inglês, Carolina Maria de Jesus. Porém, antes de abordar as traduções das três escritoras em questão, Feitosa apresenta um levantamento das traduções de obras provenientes do sistema de literatura brasileira para o inglês a partir do exame da história literária brasileira e de listas oficiais de autores brasileiros fornecidos pela Biblioteca Nacional e pelo Ministério da Cultura do Brasil, a fim de ter uma ideia do número de escritores (homens e mulheres) presentes nas histórias oficiais da literatura brasileira. Além do seu levantamento, Feitosa utiliza ainda três estudos antecessores da sua pesquisa: a tese de doutorado de Heloisa Gonçalves Barbosa (1994), a dissertação de mestrado de Maria Lúcia Santos Daflon Gomes (2005) – ambos já citados nesta tese – e a tese de doutorado de Carla Melibeu Bentes, intitulada *Clifford Landers – tradutor do Brasil* (2005). Feitosa aponta que “os resultados obtidos ao final da coleta de dados em 21 de março de 2007 apresentam um total de 12.931 autores: 10.618 homens (82%) e 2.313 mulheres (18%)” (p. 83), o que mostra um número consideravelmente pequeno de obras traduzidas e, menor ainda, de traduções de obras provenientes de grupos vistos como historicamente excluídos, como mulheres, afro-descendentes e, ainda, no caso do estudo de Feitosa, de literatura infantil. Para ressaltar sua constatação, Feitosa fornece um exemplo que claramente demonstra o desequilíbrio comercial existente entre as indústrias editoriais britânicas e estadunidenses e suas contrapartes estrangeiras: o fato de que, de acordo com a UNESCO, em 1987, 1.500 traduções do inglês foram trazidas para o Brasil, enquanto que apenas quatorze obras da literatura brasileira foram levadas pelos editores britânicos e estadunidenses (2008, p. 24).

Não podemos deixar de mencionar que, certamente, fatores históricos muito contribuíram para essa presença reduzida da literatura produzida por grupos marginalizados em tradução. Durante a Ditadura do Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985) a criatividade e o pensamento crítico foram

duramente reprimidos. Com isso, no intuito de evitar a formação de sujeitos pensantes que pudessem se opor ao sistema, só eram admitidas pela censura, leituras de textos comprometidos com o sistema ou que não trouxessem oposição e questionamentos. A produção literária também foi duramente controlada. Muitos escritores e artistas em geral precisaram buscar exílio em outros países para que pudessem continuar produzindo fora dos padrões estabelecidos pelo sistema, fugindo, assim, da repressão. Apenas após o período de repressão ditatorial mais intensa é que a literatura voltou a apresentar, de forma mais aberta, o seu status questionador e, só então, a produção dos grupos tidos como minorias começaram a ganhar mais força e a conseguir algum espaço. Certamente, isso também se reflete na tradução.

Feitosa comenta que um fator que ajudou não só as mulheres, objeto de seu estudo, mas também outros grupos marginalizados a alcançarem certa visibilidade foi o início da abertura política em meados dos anos 1970 e a anistia que ocorreu em 1979, ainda durante o período ditatorial. Como resultado, durante o final da década de 1970, não só a literatura produzida por mulheres, mas também a literatura infantil e literatura afro-brasileira começaram a (re)florescer (2008, p. 69). Citando Helena Parente Cunha, editora de uma antologia de escritoras brasileiras (1999, p. 16), Feitosa afirma que nas décadas de 1970/80 houve uma explosão do discurso feminino, revelando nomes que alcançaram inegável prestígio no cenário da literatura atual como Rachel de Queiroz, que foi a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras em 1977 (2008, p. 69). Além de Queiroz, a Academia Brasileira de Letras elegeu apenas outras sete mulheres Dinah Silveira de Queiroz (1980), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélida Piñon (1989), Zélia Gattai (2003), Ana Maria Machado (2003), Cleonice Berardinelli (2009) e Rosiska Dacy de Oliveira (2013). Observa-se, no entanto, o fato de que as poucas mulheres pertencentes à ABL são todas brancas.

Cabe ressaltar ainda que a primeira obra publicada por uma escritora afro-descendente no Brasil e traduzida para o inglês, alcançando grande sucesso, foi *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, em 1960. Segundo Feitosa, após um curto período de sucesso, Carolina e suas obras desapareceram da vista e do interesse do público (2008, p. 260). Certamente, o novo período de ditadura iniciado em 1964 muito contribuiu para o desaparecimento da obra de Carolina no Brasil. Quando Carolina Maria de Jesus morreu, em fevereiro de 1977, ela estava

pobre e esquecida, alguns poucos grandes jornais relataram a sua morte. Até hoje, no Brasil, até mesmo a sua posição como escritora é questionada. Como aponta Eduardo de Assis Duarte na entrevista a mim concedida, “[b]asta perceber o absoluto ostracismo em que está Carolina de Jesus hoje, ela não faz parte de nenhum programa universitário, ela não é lida em canto algum, é apenas o fenômeno de uma catadeira de papel que publicou um diário nos anos 60 e ponto” (2013). É interessante notar que, embora Carolina esteja bastante esquecida no Brasil, sua obra foi traduzida para diversos idiomas e, até os dias de hoje, ainda é bastante estudada. Nos Estados Unidos, por exemplo, não é difícil encontrar estudos comparativos entre a sua obra e as obras de escritoras afro-americanas. Em uma rápida busca em livrarias virtuais, como a *Amazon*, é possível encontrar livros como *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*, do pesquisador estadunidense Robert Levine e do brasileiro José Carlos Meihy, publicado pela editora da Universidade do Novo México em 1995. Podemos afirmar seguramente que Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são escritoras afro-brasileiras lidas, estudadas e respeitadas nos Estados Unidos, por estudiosos interessados em literaturas da diáspora negra.

Em sua tese de doutorado *Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas – uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston* (2011), Fernanda Felisberto Silva trata de uma questão fundamental no que diz respeito à publicação da literatura afro-brasileira. Um dos pontos de sua tese é a dificuldade encontrada por escritores afro-brasileiros no mercado editorial desse país. Silva nos lembra que já existe no Brasil um pequeno segmento editorial e de livrarias se estruturando em torno da temática étnico-racial negra (livrarias como a Kitabu, no Rio de Janeiro, já citada neste trabalho; e editoras como a Mazza, de Belo Horizonte, que publicou os dois romances da escritora Conceição Evaristo, e a Nandyala, também de Belo Horizonte, que publicou uma coletânea de contos e outra de poemas da mesma autora) porém, ainda assim, há grande dificuldade para publicar esse tipo de literatura (Silva, 2011, p. 47). As editoras reconhecidas e com maiores estruturas ainda não abriram as portas para que esses grupos historicamente excluídos pudessem publicar as suas produções. Com isso, dadas as dificuldades para a publicação e a circulação de tal literatura no Brasil, a

tradução de obras provenientes desse sistema literário ainda é bastante restrita, dependendo de aspectos como a patronagem para que possa existir.

Estudos sobre as traduções já existentes são ainda mais raros. No polissistema estadunidense, mais especificamente no sistema de literatura afro-americana, a maior parte dos estudos encontrados sobre as traduções de obras provenientes da literatura afro-brasileira têm como foco questões de gênero e/ou etnia. Em se tratando de estudos voltados para questões da área de tradução, durante a minha pesquisa pude encontrar um número muito reduzido de trabalhos tanto no Brasil, como nos Estados Unidos. Em ambos os contextos, há apenas alguns poucos estudos sobre a tradução da literatura afro-brasileira, sendo, a maioria deles, sobre *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, com destaque para as teses de doutorado *Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*, defendida em 2000 por Elzira Divina Perpétua, na Universidade Federal de Minas Gerais; *Brazilian Women Writers in English: Translation of Culture and Gender in Works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, and Ana Maria Machado*, defendida em 2008 por Lilian Passos Wichert Feitosa, na Universidade de Massachusetts Amherst, já mencionada neste trabalho; e também uma tese de doutorado defendida em 2012, por Rosângela de Oliveira Silva Araújo, sob o título *A “escrivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e inglês*, na Universidade Federal da Paraíba, trazendo uma análise microtextual de alguns aspectos pontuais da tradução do romance *Ponciá Vicêncio*, nosso objeto de estudo. Araújo analisa o romance em português e sua tradução para o inglês com base nos estudos culturais e pós-coloniais, a partir dos conceitos de diáspora, cultura e identidade. Por fim, ela propõe uma análise microtextual da tradução do romance, com base nos conceitos de domesticação e estrangeirização de Lawrence Venuti e nas tendências deformadoras de Antoine Berman. Araújo apresenta uma comparação das capas do romance e o cotejo de alguns pontos específicos da tradução, classificando as opções da tradutora de acordo com os conceitos de Venuti.

Assim, dado o caráter inovador da pesquisa aqui proposta, a inexistência de estudos sobre a recepção da tradução de *Ponciá Vicêncio* nos Estados Unidos, e a existência de pouquíssimas referências sobre a tradução de literatura afro-

brasileira, entrevistas com estudiosos da área se fazem muito necessárias para que possamos entender a imagem da literatura afro-brasileira traduzida para o sistema literário estadunidense.

3.3 Conceição Evaristo nos Estados Unidos

Como já vimos neste trabalho, grande parte dos escritores afro-americanos apresentam um posicionamento altamente engajado no que diz respeito à população negra nos Estados Unidos. Se falarmos de escritoras negras, além da questão racial, a questão de gênero também é, muitas vezes, contemplada. A literatura é, para os afro-americanos, uma forma de lutar contra a exclusão vivida, tendo um caráter social, político e ideológico, como já argumentamos.

Conceição Evaristo, ao ter sua obra traduzida para o inglês, acaba sendo apresentada no contexto de recepção como uma autora altamente engajada no movimento negro, tal como as afro-americanas são. Isso acontece porque, ao chegar ao polissistema receptor, a obra traduzida é vista sob uma nova perspectiva, partindo de outros pressupostos e com um olhar muito influenciado por questões da cultura de recepção. Segundo Maria Aparecida Salgueiro, em entrevista concedida a mim em 2013,

Lá [nos Estados Unidos] há uma grande preocupação em focar, em visualizar, em compreender, a diáspora negra ao longo de diferentes países do atlântico, e aqui eu cito como fonte de referência especial a obra de Paul Gilroy. Eles buscam compreender as diferentes visões que essa diáspora negra ao longo do Atlântico apresenta de si própria.

Com isso, obras produzidas por escritores pertencentes a essa diáspora em outros países acabam recebendo especial interesse. É interessante notar que até mesmo pesquisadores brasileiros trabalhando nos Estados Unidos e conhecendo ambos os contextos sistêmicos são influenciados pela imagem mais ativista e engajada que a autora possui naquele polissistema. Um exemplo disso é o trabalho da doutoranda Flávia Santos de Araújo, da Universidade de Massachusetts. Em sua dissertação de mestrado na Universidade Federal da Paraíba, já citada nesse estudo, ela aponta que Evaristo é uma autora afro-brasileira que busca valorizar a cultura negra tão presente no Brasil. Já em um trabalho publicado no congresso da associação de estudos latino-americanos em Toronto, em 2010, durante seu doutorado, Araújo

apresenta Evaristo de uma forma muito mais engajada, como uma ativista brasileira, uma militante participante dos movimentos negros e de mulheres negras no Brasil. Posição muito mais afinada à que encontramos nos Estados Unidos em relação a Evaristo e sua obra. Segundo Araújo,

[d]urante as últimas três décadas, escritoras afro-brasileiras, trabalhando juntamente com os movimentos negros e os movimentos de mulheres negras, têm se comprometido a construir novos paradigmas de expressão e representação cultural, analisando criticamente, desconstruindo e denunciando as formas de opressão que operam nas interseções de raça, gênero, classe e sexualidade. (p. 8)

É possível perceber, a partir dessa citação, que a posição mais recente de Flávia Araújo parece estar mais influenciada pela posição ocupada por Evaristo e sua obra no sistema de recepção. Não estamos aqui negando o posicionamento ativista de Evaristo e nem questionando seu engajamento nas questões raciais e de gênero no Brasil, porém, como temos ressaltado todo o tempo ao longo deste trabalho, essas questões se realizam de formas completamente diferentes nos polissistemas brasileiro e estadunidense.

Nos Estados Unidos, Evaristo tem aparecido em muitas publicações sobre diáspora, estudos de gênero e etnia. Isso porque, como aponta Stephen M. Hart, professor da University College London – UCL e responsável pelo departamento de estudos hispânicos e latino-americanos dessa universidade, Conceição Evaristo vem sendo vista como “uma das mais importantes escritoras afro-brasileiras contemporâneas” (2007, p. 279). Vale ressaltar que, nas publicações sobre ela no contexto estadunidense, o sistema de literatura afro-brasileira não é questionado, como acontece aqui no Brasil; pelo contrário, ele é visto como um sistema já estabelecido, assim como ocorre com o sistema de literatura afro-americana.

Algumas antologias e coletâneas de artigos recentes onde encontramos a obra de Evaristo como objeto de estudo são: *Fourteen Female Voices from Brazil: interviews and works*, coletânea organizada por Elzbieta Szoka (2002) – livro lançado pela Host, mesma editora que publicou a tradução de *Ponciá*. Nesse livro, há um capítulo sobre a obra de Evaristo rico em dados biográficos e o conto “Ana Davenga”, de sua autoria, traduzido para o inglês. Uma outra publicação muito relevante é o capítulo escrito pela reconhecida pesquisadora afro-americana Carole Boyce Davies intitulado “Women and Literature in African Diaspora”, como parte da *Encyclopedia of Diasporas, Immigrant and Refugee Cultures*

Around the World organizada por Melvin Ember, Carol Ember e Ian Skoggard, da Yale University (2005). Nesse capítulo, Davies aponta que

[c]oletâneas de textos de áreas geográficas específicas, como Estados Unidos, Caribe, Brasil e países da África apresentaram imagens mais completas e particulares da variedade de escritores na diáspora. Escritoras negras contemporâneas, com suas produções engajadas, têm sido indispensáveis para uma plena compreensão dessa literatura. (p. 384)

Davies, crítica e teórica dos estudos da diáspora africana, vem trabalhando há alguns anos com a literatura afro-latino-americana, dando atenção especial à literatura afro-brasileira. Em suas produções mais recentes, a estudiosa fala sobre a obra de Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro e atenta para a importância dessas produções comprometidas provenientes das escritoras da diáspora. Outra produção de Davies em que Evaristo recebe atenção é *Moving Beyond Boundaries: International Dimensions of Black Women's Writing*, publicada em 1995.

Conceição Evaristo também vem sendo tema de teses de doutorado nos Estados Unidos, tanto de estudantes brasileiros que levam as suas pesquisas para universidades estadunidenses, como de estudantes estadunidenses interessados na produção de escritoras afro-descendentes na América latina. Alguns estudos recentes desenvolvidos nos Estados Unidos são a tese de doutorado de Sarah Soarina Ohmer, intitulada *Re-Membering Trauma in the Flesh: Literary and performative representations of race and gender in the Americas*, defendida em 2012, na Universidade de Pittsburgh, onde a pesquisadora estadunidense trabalha com os traumas causados pela escravidão, pela discriminação e marginalização social em diferentes gerações de mulheres de cor, analisando, de forma comparativa, *Beloved* de Toni Morrison, *Ponciá Vicencio* de Conceição Evaristo, e *I, Tituba, Black Witch of Salem* de Maryse Condé; e a tese de Flávia Santos de Araújo, que está sendo desenvolvida na Universidade de Massachusetts Amherst, com o título *The Diasporic Black Female Body in Contemporary Afro-Brazilian and African American Literary Representations*.

Além de diversas pesquisas e publicações a seu respeito por pesquisadores renomados nos estudos afro-americanos/latino-americanos/afro-brasileiros, como Boyce Davies e Hart, Evaristo tem sido convidada para diversos eventos nos Estados Unidos, e sua obra tem sido utilizada até mesmo em cursos de pós-graduação em universidades estadunidenses, como o Dartmouth College. No *site*

da Universidade do Tennessee, ao falar sobre o lançamento de *Ponciá Vicêncio* em inglês em 2007, Evaristo já é apontada como uma líder afro-brasileira:

Maria da Conceição Evaristo é escritora líder afro-brasileira e colabora com a ONG Criola, primeira ONG de mulheres negras no Rio de Janeiro. Professora por profissão, sua militância é mais evidente em associações comunitárias, orientações, ensino e publicações. Está trabalhando em seu Doutorado em Literatura Comparada da Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro e está nos Estados Unidos como convidada da Host Publications para lançar a versão em inglês do seu primeiro romance, *Poncia Vicêncio*.¹⁹

Além da recepção crítica de *Ponciá Vicêncio*, também cabe tecermos alguns breves comentários sobre a recepção geral do romance. Ao longo dos meus quase quatro anos de pesquisa para a realização desta tese, pouco foi encontrado na mídia impressa e/ou eletrônica sobre *Ponciá Vicêncio* no contexto estadunidense fora da academia. Porém, mais recentemente, surgiram algumas resenhas – *reviews* – do romance em alguns *sites*, o que mostra que a obra vem alcançando leitores, mesmo que poucos, fora da academia também. É bastante relevante falarmos sobre essas resenhas que aparecem na internet, já que *sites* como *Amazon*, *Good Reads*, *MyShelf*, dentre outros – onde é possível postar resenhas de livros lidos e onde, algumas vezes, há leitores especializados escolhidos para postarem resenhas – acabam funcionando como formadores de opinião.

No caso de Evaristo, o leitor que buscar referências na web sobre o romance *Ponciá Vicêncio* encontrará em inglês uma avaliação bastante positiva. No *site Good Reads*²⁰ a obra recebeu 18 avaliações e, de cinco estrelas possíveis, foi avaliada com quatro estrelas, o que mostra uma recepção positiva por parte dos leitores.

No *site Myshelf*²¹ há uma resenha profissional escrita por Laura Strathman Hulka, da Califórnia, onde a resenhista diz que *Ponciá* é “um fascinante romance de estreia da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo”. Hulka acrescenta ainda que Evaristo oferece um olhar admirável sobre o negro latino-americano, escrevendo de forma bela e despojada. Por fim, a resenhista afirma que “a tradutora, Paloma Martinez-Cruz, fez um trabalho notável dando ao leitor ocidental o sabor e o significado da obra original, sem tornar o livro muito

¹⁹<http://www.lib.utk.edu/outreach/enews/nov2007/brazil-writers.html>

University of Tennessee - the Department of Foreign Languages and Literatures, African Studies, and the University Libraries

²⁰http://www.goodreads.com/book/show/1947209.Poncia_Vicencio#other_reviews

²¹<http://www.myshelf.com/literary/07/ponciavincencio.htm>

estranho ou difícil de ler”, o que mostra uma avaliação positiva não apenas do romance de Evaristo, mas também da tradução de Martinez-Cruz.

Por fim, um *site* bastante importante na formação de opinião de leitores é o da livraria virtual *Amazon*. No *site* da *Amazon*,²² além de ser possível comprar a tradução de *Ponciá Vicêncio*, até o momento em que encerramos a presente pesquisa, em 01 de setembro de 2013, encontramos disponível uma descrição do livro, a apresentação da autora, uma resenha editorial e uma resenha de um cliente leitor, que inclui uma avaliação que vai de zero à cinco estrelas. No caso da avaliação, o livro foi avaliado por apenas uma pessoa e recebeu as cinco estrelas possíveis. A leitora que avaliou o romance escreveu que amou o livro e que a leitura foi muito interessante. “[*Ponciá*] é, agora, um dos meus livros favoritos. Essa foi a primeira vez que li um romance de alguém que não é nascido nos Estados Unidos”. A resenha editorial apresentada é da famosa revista de resenhas *Rain Taxi*, que publica uma edição impressa com suas resenhas a cada quarto meses, além de disponibilizar conteúdo *online*. Na apresentação da autora, encontramos o mesmo texto que está disponível na orelha da tradução de *Ponciá*, escrito pela editora Host, e a descrição do livro apresentada na *Amazon* também é proveniente da própria edição estadunidense, estando na contra-capa da tradução.

Com base nos dados apresentados e nas articulações efetuadas até o presente momento, podemos dizer que a escritora Conceição Evaristo é ainda pouco conhecida nos Estados Unidos, porém vem ganhando visibilidade e reconhecimento nos estudos de gênero, etnia e diáspora. Sua obra tem sido objeto de estudo de pesquisadores que trabalham com literatura afro-americana, afro-brasileira e latino-americana, e ela tem sido apresentada por esses pesquisadores como uma escritora ativista que luta contra preconceitos raciais e de gênero através de sua produção literária. No que diz respeito à recepção pelo público em geral, embora o romance ainda seja pouco lido, constatamos que a acolhida vem sendo bastante positiva entre os leitores.

Em *Literary Passion, Ideological Commitment: Toward A Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers* (2008), Dawn Duke afirma que Conceição Evaristo “usa a si mesma como um importante exemplo de alguém que

²²http://www.amazon.com/Poncia-Vicencio-Conceicao-Evaristo/product-reviews/0924047348/ref=cm_cr_dp_see_all_btm?ie=UTF8&showViewpoints=1&sortBy=bySubmissionDateDescending

foi capaz de romper o círculo vicioso do racismo, do sexismo, da pobreza e do analfabetismo para alcançar o seu sonho de ser altamente qualificada e uma escritora” (p. 133). Para Duke, Evaristo está inserida em um contexto onde “[a] escrita parece revigorante como um discurso socialmente motivado que é, por sua própria natureza, transformador, provocante e confrontador, embora também tenha um caráter isolador, dada a contundência de algumas de suas mensagens” (p. 218).

Embora seja notável o esforço de Evaristo, assim como o dos escritores afro-descendentes de um modo mais amplo, o do movimento negro no Brasil e dos pesquisadores da área, para que essa literatura alcance visibilidade e reconhecimento de mérito, assim como, eventualmente, opere como instrumento de revolução e questionamentos, como acontece nos Estados Unidos, argumentamos ao longo deste trabalho que tal movimento ainda é bastante recente no Brasil e, portanto, acontece de forma consideravelmente diferente nesse contexto. Percebemos que nos Estados Unidos a produção de Conceição Evaristo e também de outras escritoras afro-brasileiras vem sendo analisada à luz do legado da literatura afro-americana. Isso porque, como aponta a própria escritora Conceição Evaristo (2013), a descoberta da existência dessa literatura nos Estados Unidos se dá por pesquisadores das literaturas da diáspora negra, geralmente ligados aos departamentos de estudos africanos e afro-americanos. Desta maneira, o lugar ocupado por Conceição Evaristo e *Ponciá Vicêncio* nos contextos de origem e recepção da tradução se mostram consideravelmente diferentes.

Há que se considerar também os diferentes posicionamentos das sociedades brasileira e estadunidense, não apenas em relação à questão da negritude, mas em relação à própria literatura. Em entrevista concedida a mim em março de 2013, já citada outras vezes nesse trabalho, Duarte afirma que a relação da sociedade estadunidense com a literatura é historicamente diferente do que acontece aqui no Brasil. Isso porque a própria questão do analfabetismo nos Estados Unidos é muito diferente da encontrada aqui. Duarte aponta que, nas décadas de 1870 e 1880, quando ocorre o primeiro censo da população brasileira, somente 14,6% da população brasileira sabia ler, enquanto 84% era analfabeta. Se compararmos com os dados da mesma época na cidade de Nova York, perceberemos que mais de 80% da população naquela época já era alfabetizada. Com toda a apartação racial que aconteceu nos Estados Unidos, já naquela época existiam escolas e

universidades para atender a população negra, enquanto que, “aqui no Brasil, debaixo da camuflagem chamada democracia racial, o que ocorreu na prática foi que os negros foram impedidos de se educar, porque tinham que trabalhar horrendamente, quase que como escravos novamente para que pudessem se manter” (Duarte, 2013). Os Estados Unidos têm uma história desde o século XIX, com um número significativo de pessoas negras alfabetizadas. Sendo assim, é possível afirmar que a recepção diferenciada da literatura produzida por afro-descendentes aqui e lá pode ser compreendida, primeiramente, através das diferenças históricas entre esses países. Recentemente, no final do século XX, início do século XXI, é que o Brasil está iniciando um processo de ações afirmativas e de cotas, que já foram implantadas nos Estados Unidos há mais de 50 anos.

Dessa maneira, confirmando a afirmação de Gideon Toury de que a tradução não pode ocupar o mesmo lugar sistêmico de seu original (1995, p. 26), fica claro que Evaristo ocupa diferentes lugares sistêmicos se compararmos os polissistemas brasileiro e estadunidense. Enquanto no Brasil Evaristo é constantemente apontada como uma escritora que trabalha pela valorização da cultura afro-descendente e, apenas mais recentemente, vem sendo vista como uma militante do movimento negro em busca de dar voz às mulheres afro-descendentes há muito ignoradas por nossa sociedade, nos Estados Unidos sua obra é vista como uma espécie de luta em prol das questões sociais, raciais e de gênero, assim como as obras de escritoras afro-americanas geralmente o fazem. Isso porque, como afirma a própria escritora Conceição Evaristo em nossa entrevista em maio de 2013, “[o] estudo da autoria negra americana acaba por suscitar, nas pesquisadoras, a pergunta se no Brasil não haveria algo semelhante”, e isso as leva a buscar características comuns entre a literatura produzida em ambos os países em questão. Evaristo atenta para a relevância desses estudos para o reconhecimento da literatura afro-brasileira, pois, tais estudos

não consolidam o objeto [a literatura afro-brasileira], pois o objeto já existe, mas buscam conceituar (exercício perigoso) e mesmo provar a existência do mesmo, que embora existindo em sua materialidade, por mil motivos, é desconhecido e dado como inexistente pelos estudiosos da literatura e pelos leitores em geral. Esses estudos constroem novos espaços de circulação, de compreensão, de recepção para esses textos, que na maioria das vezes já circulavam em espaços diminutos. (2013)

Como reflexo do lugar sistêmico ocupado por Evaristo e sua obra no polissistema literário estadunidense, no Brasil a autora e sua obra vem recebendo pouco a pouco um status mais engajado, e sua produção tem contribuído para a consolidação do movimento das mulheres negras nesse país. Embora Evaristo tenha revelado na entrevista que acredita que a influência da literatura produzida por mulheres negras nas discussões de raça no Brasil ainda é muito pequena, ela aponta que

as nossas vozes, enquanto militantes do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, têm ajudado a gerar algumas políticas públicas, notadamente nas áreas da educação e da saúde. E quando digo como “militantes do MN”, baseio-me no fato de que tanto as escritoras, como os escritores negros contemporâneos, quando não se formaram dentro do MN, foram contaminados, em algum momento, pelos discursos reivindicativos e afirmativos de uma identidade negra brasileira, propalados no interior e fora do movimento. Tanto os discursos do MN contaminam a nossa criação literária, como a nossa criação literária influencia e ajuda organizar o discurso da militância negra. Quanto ao aproveitamento dos textos de autoria de mulheres negras, observa-se uma divulgação maior nos estudos de literatura e na área da educação, embora, possam ser encontradas também pesquisas sobre nossos textos, no campo da história, da psicologia e da comunicação. (2013)

Se, por um lado, vemos que os reflexos da recepção de *Ponciá Vicencio* (na tradução, o título perde o acento circunflexo presente em *Vicêncio* em português) nos Estados Unidos não foram tão fortes como o esperado aqui no Brasil, por outro lado, como aponta Salgueiro, a boa recepção de Evaristo nos Estados Unidos e o reconhecimento pouco a pouco conquistado pela escritora, acabam influenciando o reconhecimento de Evaristo e de sua obra no Brasil, mesmo não sendo no grau esperado. Salgueiro comenta que o reconhecimento fora ajuda “até pela própria visão generalizada no Brasil de que ‘tudo o que é bom lá fora é bom aqui’. Lamentavelmente, muitas vezes, para se reconhecer aqui, a gente ainda precisa de lá, apesar de isso estar mudando” (2013). Estudiosos da área como Salgueiro e Duarte, e a própria escritora Conceição Evaristo, deixaram claro nas entrevistas concedidas que a influência da produção literária dos afro-descendentes no Brasil ainda é muito pequena, entretanto, essa literatura vem, pouco a pouco, galgando o seu espaço.

Nos Estados Unidos, a literatura de Evaristo e de outras escritoras afro-brasileiras, junto a “pesquisas comparativas com outras escritoras afro-americanas, já defendidas, em nível de mestrado e doutorado” (Evaristo, 2013), vem sendo muito bem recebida, conquistando o seu espaço, principalmente na

academia, influenciando na (des)construção da imagem do Brasil nesse polissistema. Segundo Salgueiro,

para os estadunidenses afro-americanos, tem havido influência, sim, na medida em que eles vêm percebendo essa desmistificação da democracia racial, vêm mostrando as desigualdades sociais, raciais, de classe. Agora, quanto aos estadunidenses de uma forma geral, de novo, a gente volta aos sistemas hegemônicos, e afetar os sistemas hegemônicos é sempre uma coisa complicada. Eu acho que para o estadunidense afro-americano isso vem mudando aos poucos, sem dúvida, porque esse grupo vem lendo literatura afro-brasileira traduzida para o inglês, e aí essa imagem vem se modificando. Especialmente o grupo afro-americano estadunidense ligado às universidades, em especial ligado à área das humanidades. (2013)

Após conhecermos um pouco mais sobre a recepção da obra de Conceição Evaristo nos contextos brasileiro e estadunidense, respectivamente, o próximo capítulo do presente trabalho se ocupará de questões relacionadas à tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês.

Capítulo 4: Observação e análise de *Ponciá Vicêncio*

José Lambert e Hendrik Van Gorp propuseram um modelo para o estudo descritivo de traduções literárias através de uma abordagem funcional e sistêmica, como já vimos no primeiro e no segundo capítulos. Esse modelo visa permitir o estudo de vários aspectos da tradução dentro de um contexto teórico geral e flexível da tradução. Em oposição à tradicional relação binária existente entre texto fonte e meta, muitas vezes reduzida a aspectos linguísticos ou à questão da correspondência, os teóricos propõem que tanto o processo de tradução quanto o texto resultante desse processo, bem como sua recepção, podem ser estudados de maneira macro ou microestrutural, a partir de diferentes enfoques. Para eles, a comparação entre texto fonte e texto meta pode até acontecer, porém deve considerar tanto a relação entre o sistema fonte e o sistema meta quanto a posição do tradutor entre esses sistemas, e não apenas os textos em questão. Lambert e Van Gorp ressaltam que uma tradução ou um tradutor possuem ligações com outras traduções e tradutores, já que traduções pertencem a sistemas literários. Por isso, o estudo de literatura traduzida deve levar em conta os aspectos históricos, culturais, dentre outros envolvidos.

O quarto e último capítulo deste trabalho propõe a análise de alguns aspectos do romance *Ponciá Vicêncio* e de sua tradução. Nos capítulos anteriores, nosso foco foi nos contextos sistêmicos de origem e recepção do romance e no lugar ocupado por ele e sua autora em ambos os sistemas em questão. Após conhecermos um pouco mais sobre Conceição Evaristo, sobre o sistema de literatura afro-brasileira e o sistema de literatura afro-americana, este capítulo trará informações mais detalhadas sobre o romance em questão, e em seguida analisará aspectos de sua tradução para o inglês segundo o modelo proposto por Lambert e Van Gorp, dando especial atenção a questões como recursos estilísticos, seleção vocabular e patronagem. Embora apenas o item 4.2 se ocupe de questões mais diretamente relacionadas à linguagem e à seleção vocabular, buscando possibilitar ao leitor um contato maior com o texto traduzido – já que o objeto de pesquisa do presente trabalho é a tradução de *Ponciá Vicêncio* para a língua inglesa – todos os fragmentos do romance apresentados ao longo do presente capítulo serão seguidos de suas traduções.

4.1 Conhecendo *Ponciá Vicêncio*

Ponciá Vicêncio nos apresenta a trajetória da protagonista que dá nome ao romance, uma mulher negra e descendente de escravos, desde sua infância no campo, passando pela idade adulta na cidade grande, até o seu retorno às terras de origem. Através de uma narrativa fragmentada, recheada de frases entrecortadas e com constantes flashbacks, o romance promove uma articulação entre presente e passado, poesia e sofrimento, vivências e memórias. Ao longo da construção da protagonista, fragmento a fragmento, percebemos que a memória da infância inocente e repleta de boas recordações da menina vivendo no campo vai sendo substituída pela memória da adolescente negra, empregada doméstica, insatisfeita com sua realidade e, ainda, da mulher que deixou a família e as terras de origem em busca de uma vida melhor na cidade grande, porém acabou vivendo em condições tão degradantes quanto às que vivia no campo, sofrendo violências do seu companheiro e perda dos seus e de si mesma. “Ponciá se adentrava num mundo só dela, onde o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta” (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 109), “gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu” (p. 45). “*Ponciá went deeper into a world that was hers alone, in which he, there on the other side, as much as he cared for her, could only stand on his side of the impenetrable door*” (2007, p. 110), “*she liked the absence, covered herself with it, with unknowing herself, becoming a distant figure to her self*” (p. 39).

O romance apresenta flashes da experiência de vida da protagonista Ponciá, de seu irmão Luandi e de sua mãe Maria Vicêncio, e ressalta a relevância da memória afro-descendente centrada na herança identitária de Vô Vicêncio para a construção da identidade da protagonista. Mulher oriunda do mundo rural, Ponciá teve que aprender a lidar com grandes perdas durante sua vida. Perdeu o avô e o pai, teve desaparecidos mãe e irmão. Perdeu os sete filhos que gerou, até que veio a se perder em seus próprios devaneios. Em seu prefácio para a edição de bolso de *Ponciá Vicêncio* publicada em 2006, Maria José Somerlate Barbosa afirma que

[o] romance explora a fundo as sucessivas perdas de Ponciá (a morte do avô, do pai, dos sete filhos, a separação da mãe e do irmão), penetrando no “apartar-se de si mesma”. Analisa tal fato como uma consequência de grandes abalos emocionais, de profundas ausências e vazios, mas também como resultado de fatores sociais

(extrema pobreza, desamparo e injustiças sociais) que levam a situações extremamente estressantes. (p. 7)

Neta de escravos e filha de um homem beneficiado pela Lei do Ventre Livre, Ponciá Vicêncio é obrigada a ajudar sua mãe, Maria Vicêncio, como oleira, moldando vasos de barro, desde muito jovem. Enquanto Ponciá e sua mãe cuidam dos afazeres domésticos e dos utensílios de barro, vendidos nas proximidades da Vila Vicêncio, onde moram, seu pai e seu irmão trabalham na lavoura, ficando dias longe de casa. “Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos” (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 17). “*Ponciá Vicencio remembered very little about her father. The man never came home. He was always gone, working the fields that belonged to the whites*” (2007, p. 7). As terras em que Ponciá e sua família viviam pertenciam ao coronel Vicêncio.

As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. (2006, p. 48)

The lands had been offered by the old owners, who said they were giving the gift of liberation. They could stay there to build their dwellings and plant their sustenance. There was only one condition, and it was that they had to continue to work the land for Colonel Vicencio. (2007, p. 42-43)

Com o passar dos anos, após a morte repentina de seu pai e insatisfeita com a falta de perspectiva da vida que levava, Ponciá decide buscar uma vida melhor para si na cidade grande. A menina junta então suas poucas economias e compra uma passagem de trem para a cidade, viagem que dura cerca de três dias. Durante o percurso, se alimenta com apenas um pedaço de rapadura que, ao invés de mastigar, chupava, economizando para as eventualidades.

Na cidade, após dificuldades iniciais e uma noite junto a mendigos na porta da igreja, Ponciá chega a desejar sua volta ao campo: “[d]esejou estar no trem, estar de volta. Escondeu o rosto sobre a trouxa que estava no colo e bem baixo, quase silenciosamente, quase escondida de si própria, chorou” (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 41) – “*She wanted to be on the train, to be going back. She hid her face in the bundle that was pressed against her breast and very softly, almost silently, almost hidden even from herself, she cried*” (2007, p. 33). Ainda na igreja, na manhã seguinte, Ponciá consegue um emprego como empregada doméstica, “ia

aprendendo muito bem. Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. Trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar a mãe e o irmão. A vida lhe parecia possível e fácil” (2006, p. 43) – “*she learned a lot, too. Her heart was light in discovering that life had provided a way out. She would work, save up money, buy a little house and go back and find her mother and brother. Life had become possible, even easy*” (2007, p. 36). Depois de muitos anos, Ponciá finalmente consegue comprar um quartinho em um morro na periferia da cidade grande e volta ao povoado em busca dos seus, porém depara-se com a casa vazia. De volta à cidade, sem esperanças e motivações já que “[t]rabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltava-lhe os seus” (p. 74) – “[s]he had worked, she had managed to save up a small amount of money with which to buy a tiny house, but her family was gone” (2007, p. 72) – Ponciá conhece um homem trabalhador na construção civil, com quem acaba vivendo uma relação infeliz e complexa, com muitos episódios de violência e com a perda dos sete filhos que gerou. “Lá estava ela agora com seu homem, sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz” (2006, p. 54) – “*There she was now with her husband, no children and no idea where to find the joy that was evading her*” (p. 49) – com um companheiro que “por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés” (2006, p. 55) – “[l]ately he was often angry with her, letting loose a shower of blows and kicks over the slightest thing” (2007, p. 49). Assim, em sua busca por uma vida melhor, Ponciá acaba em condições degradantes, vivendo em uma favela acompanhada de um homem que não a compreendia.

Encorajado pela atitude da irmã, seu irmão Luandi também parte para a cidade grande, mas acaba perdendo o endereço de Ponciá e, assim, o seu drama pessoal ganha tonalidade maior em parte do romance. Na estação ferroviária, sem rumo em sua primeira noite na cidade, Luandi é acordado por um policial e, por portar um canivete, é conduzido à delegacia. Ali surge um fio de esperança em Luandi que “[a]cabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor do que na roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! que beleza! Na cidade, negro também mandava!” (2006, p. 70) – “[h]e had just made a discovery. The city truly was better than the fields. There was the proof. A Black soldier! Ah! How beautiful! In the city a black man could give orders too!” (2007, p. 67). Foi nessa delegacia que Luandi conseguiu seu primeiro emprego na cidade grande,

como faxineiro. Foi ali também que ele encontrou esperança e um ídolo, o soldado Nestor, negro como ele.

Assim como sua irmã, Luandi volta à Vila Vicêncio para reencontrar a mãe e na esperança de ter notícias da irmã, mas, assim como Ponciá, retorna sem informação alguma. Na esperança de que elas ainda voltassem à Vila Vicêncio, deixa seu endereço com alguns conhecidos no povoado. Na cidade, Luandi aprende a ler e a escrever com o soldado Nestor e apaixona-se por Bilisa, uma prostituta que acaba sendo assassinada por seu gigolô, Negro Climério. A profunda tristeza de Luandi devido à morte de Bilisa só é amenizada pelo reencontro com sua mãe que, depois de anos, resolve ir em busca de seus dois filhos na cidade.

Quando Maria Vicêncio chegou à estação na cidade, soldado Nestor estava de serviço lá “[e] quando a mãe de Ponciá e Luandi entregou ao soldado Nestor um papelzinho dobrado, quase rasgado pelo tempo e que ela cuidadosamente guardava enrolado num pedacinho de pano, entre os seios, ele sorriu reconhecendo a própria letra” (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 116) – “[a]nd when the mother of Ponciá and Luandi handed Soldier Nestor a small, folded up piece of paper, nearly worn through by time, that she had painstakingly folded into a piece of cloth and placed between her breasts, he smiled to recognize his own handwriting” (2007, p. 119). O reencontro de Luandi com sua mãe o ajudou a se recuperar da perda de Bilisa e a continuar em busca de seu sonho de se tornar soldado, que já estava próximo de se tornar realidade. Seu primeiro dia de trabalho como soldado foi na estação ferroviária “e eis que, de repente, capta a imagem de uma mulher que ia e vinha, num caminho sem nexos, quase em círculo, no lado oposto em que ele se encontrava” (p. 123) – “and discovered, out of the blue, the figure of a woman who came and went, pacing aimlessly, almost in circles, on the far side of the station” (p. 126). Era Ponciá. E ali, na estação ferroviária, encerra-se a busca de Luandi pelos seus.

Após o reencontro da família, Luandi percebe que seu sonho de ser soldado e poderoso era, na verdade uma ilusão, já que “[a]penas cumpria ordens, mesmo quando mandava, mesmo quando prendia” (p. 126) – “[a]ll he did was follow orders, even when he gave them orders, even when he made arrests” (p. 130-131). Assim, a cidade idealizada pela família Vicêncio como o local onde teriam possibilidade de uma vida em melhores condições foi pouco a pouco sendo

desconstruída, e os sonhos trazidos pela família foram se perdendo. Todos acabaram vivendo sob condições tão degradantes quanto as que viviam no campo e, já sem esperanças, acabaram voltando à sua terra de origem.

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (2006, p. 83)

What was the point of all the suffering of the ones who stayed behind? What purpose had the courage of those who had chosen to run away served, living like slaves in hiding? What good had it done, all of Grandpa Vicencio's anguish? He, in the act of courage-cowardess, had rebelled and killed one of his own and had even tried to kill himself too. What good was any of it? The slave's life still went on. Yes, she too was a slave. Slave to condition that kept repeating itself. Slave to despair, the absence of hope, the impossibility of launching new battles, organizing new communities, imagining a better life. (2007, p. 82)

Embora tenhamos o uso da variedade linguística padrão e de uma linguagem poética em *Ponciá Vicêncio*, a forte presença de peculiaridades regionais e o constante apelo aos sentidos se apresentam como uma característica marcante do romance. Como afirma Maria José Somerlate Barbosa no prefácio para a edição de 2006,

Ponciá Vicêncio é um romance que convida o (a) leitor (a) a conhecer a protagonista pelos sentidos. Revela cheiros, sabores, paisagens e a percepção da menina que escuta tudo e todos, olha, vê, sente e se emociona com o arco-íris, com as comidas, com o cheiro do café fresco e das broas de fubá e que trabalha o barro, modelando objetos de argila. (p. 11)

Ponciá Vicêncio traz ainda fatos históricos relacionados à questão da negritude no Brasil como a Lei Áurea, a Lei do Ventre Livre e a situação dos negros no período pré e pós-abolicionista. Segundo Duarte,

[a] ausência de cidadania que assinala a condição da maioria dos afro-brasileiros é marca constitutiva não só do enredo, mas da própria identidade da protagonista, pois o Vicêncio que lhe serve de nome provém diretamente do antigo senhor de seus ancestrais. (2011, p. 209a)

Em alguns dos flashbacks apresentados pela voz narrativa, o romance retorna às terras do Coronel Vicêncio, dono dos escravos avós de Ponciá, e mostra

o avô da menina enlouquecido ao ver que, mesmo após a Lei do Ventre Livre, filhos de escravos supostamente libertos continuavam sendo vendidos.

Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para seus senhores. (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 51)

Grandpa Vicencio and his wife and children had lived for years and years working in those fields. Three or four of his own, born of “free womb,” had been sold like so many others. One night his despair got the best of him. Grandpa Vicencio murdered his wife and then tried to take his own life. Armed with the same sickle that he had used on his wife, he severed his own hand. They stopped him and kept him from going through with it. He was mad, crying and laughing at the same time. Grandpa Vicencio did not die. Life kept going for him whether he wanted it or not. They wanted to sell him. But who would buy a crazy slave with a cut-off hand? He became a hindrance to the masters. (*Ponciá Vicencio*, 2007, p. 45-46)

Ponciá Vicêncio mostra “a crueldade do cotidiano dos excluídos” (Duarte, 2011, p. 208a) através de memórias individuais e coletivas que recuperam traços da cultura e da história afro-brasileira, questionando registros e relatos hegemônicos. O romance também valoriza a cultura afro-brasileira, assim como a brasileira de um modo mais amplo, trazendo elementos como a religião – com diversas menções ao Candomblé, religião comumente praticada entre os afro-brasileiros; alimentos da culinária local e o próprio conceito de *favela*, que merece atenção especial por ser, por exemplo, bastante diferente da ideia de gueto nos Estados Unidos.

Na tese de doutorado intitulada *Similaridades e diferenças: o negro nos Estados Unidos da América e no Brasil segundo Alice Walker e Conceição Evaristo* (2008), desenvolvida na Universidade de São Paulo, Rosa Maria Laquimia de Souza propõe o estudo da relação entre a família Vicêncio, criada por Evaristo, e a história do Brasil. Nesse estudo, Souza afirma que “o romance é nutrido por um realismo alegórico que remete à história do próprio país, Ponciá Vicêncio e sua família são legítimos representantes do Brasil” (p. 99).

Sem dúvida, todas essas características se apresentam como desafios na hora de se traduzir tal tipo de produção literária, pois muitos dos objetos, comidas típicas, paisagens, dentre outros, não possuem um equivalente na cultura de

chegada, exigindo uma escolha cuidadosa por parte do tradutor que vai optar entre manter essas características da obra original, acrescidas de esclarecimentos para o leitor, ou vai retirar os elementos da cultura-fonte que possam causar estranhamento na cultura-alvo e, conseqüentemente, empobrecer o texto traduzido. Por esse motivo, se justifica o estudo dos contextos de origem do romance e de recepção da sua tradução, como apresentado neste trabalho, assim como o estudo do romance em si, atentando para a complexidade do enredo e dos outros aspectos envolvidos na tradução.

Dessa forma, partindo do modelo metodológico proposto por Lambert e Van Gorp para o estudo de traduções, analisaremos alguns aspectos da tradução do romance *Ponciá Vicêncio* para o inglês. Até o momento, nos preocupamos em compreender os contextos sistêmicos de origem e recepção, o lugar ocupado pela autora em ambos os contextos, assim como a complexidade do romance em si. Voltando nosso olhar mais especificamente para a tradução de *Ponciá Vicêncio*, deste ponto em diante, verificaremos questões como a variedade linguística utilizada, a seleção vocabular e a patronagem.

4.2 Recursos estilísticos e seleção vocabular

Ao estudarmos obras literárias provenientes do sistema de literatura afro-americana, uma das primeiras características que geralmente observamos é o uso da linguagem. Devido a questões políticas, ideológicas e outras, muitas escritoras e escritores afro-americanos optam pela utilização do *ebonics*, como já vimos no decorrer deste trabalho. No caso do Brasil, porém, não podemos falar em uma linguagem específica utilizada por afro-descendentes, como acontece nos Estados Unidos. Embora tenhamos conhecimento da obra *O português afro-brasileiro*, livro organizado por Dante Lucchesi, Alan Baxter e Ilza Ribeiro, publicado em 2009, fruto de uma pesquisa sobre a linguagem utilizada em comunidades rurais isoladas no interior da Bahia, predominantemente habitadas por afro-descendentes, no Brasil, não há uma variedade linguística relacionada apenas à questão étnica, com implicações ideológicas, como ocorre no contexto estadunidense.

A escritora afro-brasileira Conceição Evaristo utiliza em suas produções uma linguagem poética, criativa, com uma seleção vocabular muito cuidadosa e até mesmo, algumas vezes, com a construção de novos vocábulos para alcançar os efeitos desejados em sua escrita. Na introdução à tradução de *Ponciá Vicêncio* para a língua inglesa, a tradutora Paloma Martinez-Cruz aponta que “a linguagem criativa de Evaristo investe tanto na transformação da consciência individual e social como na inovação artística” (2007, p. ii) e isso, certamente, gera grandes desafios ao longo do processo tradutório. Um exemplo bastante interessante dessa linguagem criativa utilizada pela autora é o seu poema “Eu-Mulher”, que apresenta claras evidências dessa escrita criativa de Evaristo que pode ser vista através de vocábulos como “antevejo”, “antecipo”, “antes-vivo”, além de todas as aliterações e assonâncias, dentre outros efeitos utilizados pela autora. Esse poema foi publicado em 1990, no número 13 da série *Cadernos Negros* e, posteriormente, em *Poemas da recordação e outros movimentos* em 2008. Embora o presente trabalho não tenha como objetivo estudar a poesia de Evaristo, creio que seja interessante conhecermos esse poema quando falamos das características de sua escrita. Segundo Barbosa em seu prefácio para a edição de *Ponciá Vicêncio* de 2006,

[e]scrito de dentro para fora, *Ponciá Vicêncio* apresenta muitas das mesmas qualidades da poesia lúcida e insone da autora. Eu costumava dizer que a poesia de Conceição Evaristo é uma poesia de vísceras, profundamente marcada por palavras escolhidas a dedo pelo impacto verbal e emocional que causa nos leitores. Depois de ler *Ponciá Vicêncio*, passei a crer que há uma grande proximidade entre sua poesia e prosa. (p. 11)

Eu-Mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.

Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.

Antes-vivo.

Antes-agora-o que há de vir.

Eu fêmea-matriz.

Eu força-motriz.

Eu-mulher

abrigo da semente

moto-contínuo

do mundo.

Embora *Ponciá Vicêncio* seja um romance, em prosa, narrado em terceira pessoa e utilizando a variedade linguística padrão da língua portuguesa do Brasil, a escrita criativa de Evaristo também se faz presente. É fácil perceber a linguagem poética utilizada por Evaristo e sua cuidadosa escolha de palavras em fragmentos como

O trem ia lento, cheio de preguiça, sem vontade alguma de chegar. E, aos poucos, na medida em que a tarde virava noite, o soldado sonolento despercebia-se das suas funções de zelar por uma paz, que sempre existia. O sacolejo mole da máquina cheia de preguiça acabou por adormecer a atenção dele. A noite madurou madrugada, e só depois, muito depois da manhã-menina se ter maturado dia, foi que Luandi acordou desapontado, próximo da Vila Vicêncio. (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 85)

The train traveled slowly, lazy, with no desire whatsoever to arrive. After a little while, as the afternoon gave way to night, the sleepy soldier grew slack in his efforts to maintain the order that was always being threatened. The soft shaking of the lazy train finally dulled his vigil. Evening grew into late night and only afterward, long after early morning had ripened into day, did the disappointed Luandi awaken, already close to Vicencio Village. (Ponciá Vicêncio, 2007, p. 85)

Somando-se à linguagem poética do romance e a seleção vocabular cuidadosa feita pela autora, também é de grande relevância a forte presença de peculiaridades regionais e o forte apelo aos sentidos que ocorre a partir de imagens, sabores e odores também bastante peculiares do Brasil, mais especificamente de regiões do interior do país.

Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 13)

She enjoyed the newly cleared land, the river that ran between the rocks, the feet of the sunbittern, the feet of the bitter palm, the stalks and the cornfield. She loved the play she shared with the towering dolls of maize. Ponciá ran and jumped among them. (Ponciá Vicencio, 2007, p. 2)

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, liso, escorregadio, paredes de pau-a-pique e cobertura de capim. As camas dos adultos e das crianças eram jiraus que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvore amarrados com cipós. O colchão de capim era, às vezes, cheiroso, dado ao alecrim que se misturava ali dentro na hora de sua feitura. Os grandes vasilhames de barro ou ferro e os tachos onde as mulheres faziam doces permitiam imaginar farturas. As crianças gostavam de raspar os tachos se lambuzando com os doces de mamão, cidra, banana, goiaba, leite, abóbora e o melado de rapadura. (p. 59)

To a stranger's eye, the homes in the lands of blacks all looked the same. Smooth and slippery packed-earth floor, walls of packed mud and twigs and a thatched roof. The adults' and children's beds were all mats made from tree branches that men and women tied together with vines. The straw-filled mattresses were sometimes perfumed with rosemary leaves strewn among the branches. The large iron or clay casks and the great bowls in which the women made sweets yielded great abundance. The children loved to scrape the bowls, savouring the sweet taste of papaya, citron, banana, guava, milk, pumpkin, and brown sugar molasses. (p. 54)

Sentiu o cheiro de biscoito frito, de café fresco dado para as mulheres e as crianças que estavam fazendo quarto ao defunto. Sentiu também o cheiro de pinga que exalava da garrafinha e da boca dos homens sentados lá fora com o chapéu no colo. (p. 15)

She felt the smell of fried sweet bread, of the fresh coffee that was served to the women and children that were holding wake for the dead. She felt the smell of white rum exhaled from the mouth of the flask and of the men seated outside who held their hats over their chests. (p. 5)

Nos três fragmentos anteriormente apresentados é notável a presença desses elementos tipicamente brasileiros que comentamos. Um leitor que não tenha um pouco de conhecimento da nossa cultura terá grande dificuldade para compreender e visualizar alguns elementos como, por exemplo, “os pés de pequi”, fruta nativa do cerrado brasileiro, muito utilizada na cozinha nordestina, do centro-oeste e norte de Minas Gerais; a imagem das crianças “raspando os tachos” onde eram preparados os doces como “o melado de rapadura”, doce feito a partir da cana de açúcar que, embora conhecido nos Estados Unidos pelo próprio nome “rapadura”²³ e originário das Ilhas Canárias no século XVI, é típico do nordeste do Brasil e de algumas regiões da América Latina²⁴; “o cheiro de biscoito frito”,

²³ Desde 2006 o Brasil vem lutando contra uma empresa alemã que patenteou a rapadura nos Estados Unidos (1993) e na Alemanha (1989). Mais informações ver: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,oab-tenta-anular-patente-da-marca-rapadura-na-alemanha-e-nos-eua,153513,0.htm>

²⁴ Mais informações ver: <http://modadecomidachefcrisleite.blogspot.com.br/2010/06/rapadura.html>
<http://projetcoculturaafro.blogspot.com.br/2008/10/rapadura.html>

quitute típico da culinária mineira, geralmente servido com café, ambos com aroma bastante forte e característico; “os pés de coco-de-catarro”, um tipo de palmeira natural do Brasil também conhecida por outros nomes como macaúba, cujo nome científico é *Acromia aculeata*, comum na mata atlântica desde o Pará até São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro. Embora essa planta também seja encontrada na Argentina, no Uruguai, Paraguai, na Bolívia, Colômbia, Venezuela, nas três Guianas, no México e na América Central, um leitor do polissistema estadunidense provavelmente não terá conhecimento da mesma.

A tradução de elementos culturais é sempre um grande desafio, por essa razão, não é difícil encontrarmos registros dessa discussão na literatura dos estudos de tradução. Questões como: o que faz o tradutor diante de questões complexas e cheias de implicações presentes no texto a ser traduzido, quais são as suas opções enquanto mediador, quais são os prós e os contras de cada possibilidade de tradução, como tratar os elementos sem correspondentes na língua alvo, qual o efeito causado pelas escolhas do tradutor no leitor da tradução, entre outras, são frequentemente encontradas em trabalhos dessa área. Tradutores reconhecidos como Millôr Fernandes e Clifford Landers e teóricos como Lawrence Venuti e Javier Aixelá, de diferentes maneiras, já se ocuparam dessa discussão.

O brasileiro Millôr Fernandes, muito conhecido por suas traduções de clássicos de Shakespeare, Tchecov e Sófocles, em *The cow went to the swamp ou A vaca foi pro brejo* (1988), traz a questão da tradução de elementos culturais de uma forma bastante lúdica, traduzindo para o inglês, ao pé da letra, expressões populares que fazem parte da cultura brasileira. A proposta de Fernandes mostra que, embora as expressões traduzidas estejam em língua inglesa, fora do contexto de origem elas não fazem sentido algum, a começar pelo próprio título dado à obra em questão. Expressões populares entre os brasileiros como “Comeu mosca”, “Cozinhou em banho-maria”, “Ela é sapatão” e “Carioca da gema”, apenas para citar algumas, se traduzidas ao pé da letra, resultariam em expressões completamente ininteligíveis para um leitor do contexto anglo-americano, sendo, segundo a proposta de Fernandes, “*He ate fly*”, “*He cooked in Mary's bath*”, “*She's a big shoe*” e “*Carioca of the egg's yolk*”. O autor reforça essa questão da diferença cultural apresentando ilustrações do famoso cartunista brasileiro Ernani Diniz Lucas, mais conhecido como Nani, mostrando a maneira como as

expressões traduzidas provavelmente seriam compreendidas se fossem lidas por leitores do contexto de recepção. Com essa abordagem de Fernandes, fica fácil perceber que a tradução de elementos culturais é sempre muito desafiadora e cabe ao tradutor escolher a solução mais pertinente em cada situação.

O tradutor estadunidense Clifford Landers, conhecido por seu trabalho de divulgação da literatura brasileira no contexto estadunidense pela via da tradução, também se ocupa da questão da tradução de elementos culturais. Em *Literary translation – a practical guide* (2001), ao falar da tradução do conto *Passeio Noturno*, de Rubem Fonseca, para o inglês, e tentar colocar suas possíveis motivações para traduzir literatura, Landers afirma que

as recompensas intelectuais da tradução (que doravante vai se referir a tradução literária, exceto quando indicado) são muitas. Para alguns, o prazer de solucionar quebra-cabeças é um elemento importante. Como encontrar um equivalente para um trocadilho da língua-fonte? O tom do original pode ser reproduzido na língua-alvo? O que fazer com gírias, apelidos, coloquialismos, provérbios, referências à cultura popular, metalinguagem (quando uma língua se torna autorreferencial, como por exemplo, uma alusão ao tú vs. usted em espanhol)? O prazer, mental que seja, que um tradutor sente em cortar qualquer um desses nós górdios pode ser melhor descrito como algo entre chocolate e sexo. (p. 5)

Para o autor, embora essas referências se mostrem como grandes desafios ao longo do processo de tradução, tão difíceis como desfazer nós górdios – conhecidos por serem quase impossíveis de desatar, alcançar soluções para tais questões é um prazer e uma recompensa para o tradutor.

Landers trata a questão das referências culturais na tradução literária de forma diferente de Millôr Fernandes, apresentando uma abordagem mais teórica e falando também da sua prática como tradutor, propondo possíveis soluções para algumas situações específicas. Ao longo de seu livro, principalmente nos capítulos intitulados “Fluency and transparency” e “When not to translate cultural cues”, Landers aponta que a tradução ideal, a seu ver, é aquela que menos soa como tal, despertando no leitor da tradução as mesmas sensações oferecidas pelo texto original (2001, p. 50). Assim, o autor deixa claro a sua predileção por uma tendência mais domesticadora ao traduzir. Landers acredita que o tradutor deve oferecer o máximo de informação possível em seu texto, porém, sem recorrer à artificialidade e sem causar estranhamento ao leitor (p. 80). Ao exemplificar a sua colocação falando de comidas típicas regionais, Landers aponta duas estratégias que ele vê como possíveis soluções: a *interpolação* – informação acrescida no

próprio texto, como em “a fish stew called moqueca” (p. 80); e a *descrição genérica* – traduzindo o regional acarajé como “manioc fritters” (p. 80) e, conseqüentemente, negando aquele conhecimento cultural ao leitor da tradução. É relevante comentar que o prato típico da Bahia chamado acarajé não leva sequer mandioca em sua composição. Em sua dissertação de mestrado *Clifford Landers – tradutor do Brasil*, ao estudar o posicionamento de Landers em sua prática tradutória, Carla Melibeu Bentes comenta que a tendência domesticadora de Landers pode estar ligada ao seu contexto de trabalho, já que “Landers, ao contrário de seus colegas brasileiros e de outros países em situação periférica no jogo político mundial, é tradutor numa terra onde o público-alvo é pouco afeito a receber e a perceber o diferente que vem de fora” (2005, p. 89).

O teórico estadunidense Lawrence Venuti é também uma referência no que diz respeito à discussão sobre a tradução de peculiaridades culturais. Embora sua teoria sobre a geração e a manipulação de imagens culturais tenha sido a escolhida como instrumental para este trabalho, não podemos deixar de mencionar os seus conceitos de tradução *estrangeirizadora* e *domesticadora*, que são de uso recorrente nos estudos de tradução e aparecem algumas vezes, embora de forma breve, neste trabalho. Embora ambos os termos tenham sido cunhados por Venuti, os conceitos a eles inerentes foram anteriormente propostos pelo alemão Friedrich Schleiermacher. Em “Sobre os diferentes métodos de tradução” (2001 [1813]), Schleiermacher aponta que, em sua concepção, há apenas duas opções ao traduzir: “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele” (p. 43). Assim, utilizando os conceitos propostos inicialmente por Schleiermacher, Venuti propõe duas estratégias de tradução: a tradução domesticadora (*domesticating translation*) onde o tradutor apagará itens da cultura de origem, levando apenas o necessário ao leitor da tradução, evitando estranhamentos e propiciando uma leitura fluente, que não soe como tradução, assim como Landers propõe; e a tradução estrangeirizadora (*foreignizing translation*), onde o tradutor vai respeitar a ética da diferença mantendo os elementos culturais presentes no texto fonte e permitindo que leitor da tradução tenha contato com a cultura de origem do texto que está lendo.

Venuti atenta para o fato de que uma tradução, geralmente, é considerada aceitável para o senso comum se o texto puder ser lido como se tivesse sido escrito na própria língua do leitor, já que esse, na maioria das vezes, sequer

considera o fato daquela produção ter sido proveniente de outra língua. Em se tratando de redatores e revisores, uma tradução é considerada aceitável, segundo Venuti, apenas quando sua leitura é fluente e há a ausência de qualquer característica da língua estrangeira que cause estranhamento na língua de chegada (1996, p. 123). Venuti ainda observa que os próprios tradutores acreditam, muitas vezes, que o trabalho da tradução deve ser apagado, e caso isso não aconteça, é porque “o texto traduzido não satisfaz o critério da fluência” (p. 111) que se exige de um texto traduzido. O autor acredita que essa desejada invisibilidade por parte do tradutor pode estar relacionada ao “baixo *status* ainda atribuído ao seu trabalho” (p. 112). Esse baixo *status* pode ser percebido, por exemplo, no pouco ou nenhum reconhecimento dos tradutores. Geralmente o nome do tradutor não vem na capa de uma obra traduzida, ele muitas vezes não é sequer mencionado nos anúncios e resenhas, seu trabalho costuma ser encomendado e esse geralmente necessita abrir mão de todos os direitos sobre o texto traduzido e acaba sendo uma espécie de “trabalhador de aluguel” (p. 112).

Venuti acredita que é necessário haver certa visibilidade do tradutor, porém de forma “moderada”. Ele aponta que o tradutor pode e deve se fazer visível através de prefácios, notas do tradutor, paratextos em geral e também de uma estratégia mais estrangeirizante no processo de tradução, que permita ao leitor enxergar o texto traduzido como uma tradução, como um texto proveniente de outra língua/cultura (1996, p. 123) e, assim, também ter a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cultura do outro através da tradução. Dessa maneira, em textos como “A formação de identidades culturais” (2002) e “Translation as Cultural Politics: Régimes of domestication in English” (2010), Venuti deixa claro a sua preferência por traduções estrangeirizadoras, que respeitem uma ética da diferença, não se rendendo ao apagamento de características culturais.

Defender a tradução estrangeirizadora em oposição à tradição anglo-americana de domesticação não significa acabar com as agendas político-culturais. Obviamente, tal defesa é em si uma agenda. A questão é, ao invés disso, desenvolver uma teoria e prática da tradução que resistam aos valores culturais dominantes da língua alvo, de modo a transparecer a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro. (Venuti, 2010, p. 74)

Em “Culture-specific Items in Translation” (1996), o teórico espanhol Javier Aixelá discute as possibilidades de tratamento para os itens específicos de uma cultura. Aixelá comenta que tais itens aparecem nos textos através de objetos, sistemas de classificações e medidas de uso restrito da cultura fonte, e da transcrição de opiniões e hábitos desconhecidos da cultura alvo (1996, p. 56). Nessas situações, o tradutor é responsável por escolher a melhor maneira de agir diante da lacuna cultural apresentada. O teórico ressalta que

A assimetria cultural entre duas comunidades linguísticas é necessariamente refletida nos discursos de seus membros, com a potencial opacidade e inaceitabilidade que isto pode implicar para o sistema cultural alvo. Assim, diante da diferença decorrente do *outro*, com toda uma série de signos culturais capazes de negar e/ou questionar o nosso próprio modo de vida, a tradução oferece à sociedade receptora uma vasta gama de estratégias, que vão desde a conservação (a aceitação da diferença por meio da reprodução dos sinais culturais do texto original), à naturalização (transformação do outro em uma réplica cultural). (1996, p. 54)

Aixelá propõe então um modelo classificatório para as situações de traduções que envolvem essas especificidades culturais a que temos nos referido. De acordo com a classificação do teórico, as duas principais estratégias de tradução seriam a *conservação* e a *substituição*. A primeira estratégia, a conservação, teria como subitens: *repetição*, *adaptação ortográfica*, *tradução linguística*, *glosa extratextual* e *glosa intratextual*, que corresponde à “interpolação” de Landers. A segunda, por sua vez, seria subdividida em *sinonímia*, *universalização limitada*, *universalização absoluta*, *naturalização*, *exclusão* e *criação autônoma*.

A *repetição*, segundo a proposta de Aixelá, é a estratégia onde o tradutor mantém o item cultural tal como ele aparece no texto-fonte, levando o item estrangeiro para a tradução. O autor cita como exemplo dessa estratégia o uso da palavra *Seattle*, que seria mantida exatamente assim na tradução para uma outra língua, destacada por alguma espécie de grifo, ou não (p. 61). Em *Ponciá Vicêncio*, podemos encontrar a utilização dessa estratégia quando a tradutora decide manter o termo “Lei Áurea” no texto traduzido para a língua inglesa. Nesse caso, ela não utilizou nenhuma espécie de grifo, apresentando o termo entre aspas, assim como está no texto em português.

A *adaptação ortográfica* consiste na transcrição ou transliteração necessárias quando a referência original é expressa em um alfabeto diferente do utilizado pelos leitores da cultura alvo, como, por exemplo, um texto em grego

sendo traduzido para inglês. Outras duas utilizações que Aixelá menciona para essa estratégia é a integração de referências pertencentes às culturas não hegemônicas, como, por exemplo, a utilização de nomes russos em textos em inglês com alterações na ortografia; e a correção e/ou alteração de formas que podem causar problemas na compreensão. O autor cita como exemplo o nome feminino *Jose*, que em inglês corresponde a uma forma reduzida de Josephine mas que na tradução para o espanhol provavelmente seria confundido com o nome masculino *José* (1996, p. 61). Em *Ponciá Vicêncio*, a utilização dessa estratégia aparece logo no título do romance, nome da protagonista, já que, em inglês, o sobrenome Vicêncio perde o seu acento circunflexo na segunda sílaba, aparecendo como “Vicencio” na tradução.

A *tradução linguística* é uma estratégia que propõe oferecer uma versão inteligível na língua-alvo de um termo que pode ser reconhecido como pertencente à cultura do texto-fonte. O tradutor a emprega quando recorre a traduções já existentes, aceitas e reconhecidas na língua de chegada para decidir como tratar itens culturais como nomes de moedas, instituições públicas, entre outros. Aixelá cita como exemplo a tradução de *dollars* como “dólares” e *inch* como “polegada” (p. 62).

Ainda nos subitens da estratégia de conservação, a *glosa extratextual* consiste no acréscimo de explicações do tradutor para completar uma informação desconhecida pelo leitor. Por ser extratextual, as explicações desse tipo de glosa aparecem por meio de notas do tradutor em rodapé ou fim de página, glossários, textos explicativos, prefácios (como é o caso da tradução de *Ponciá Vicêncio*) etc. (p. 62).

Por fim, o último subitem proposto por Aixelá como estratégia de conservação é a *glosa intratextual*. Essa estratégia consiste no acréscimo de informações explicativas no corpo do texto. O objetivo da glosa intratextual é semelhante ao da extratextual, porém, aqui, o tradutor visa não dispersar a atenção do leitor na busca por explicações fora do texto. Essa estratégia geralmente mantém o termo estrangeiro, inserindo as explicações necessárias em forma de aposto ou adjunto (p. 62), proposta semelhante à estratégia de interpolação proposta por Landers, como já foi mencionado.

Passando então à estratégia de substituição, a primeira possibilidade apontada pelo teórico é a *sinonímia*. Essa estratégia busca substituir repetições por

palavras com o mesmo sentido – sinônimos – quando a língua de chegada não recomenda repetições, indo de encontro às normas de escrita do sistema receptor. Porém, Aixelá destaca que essa estratégia é mais motivada por questões estilísticas do que por conflitos e lacunas culturais, como é o caso das outras estratégias propostas por ele até então (p. 63). Em *Ponciá Vicêncio*, a palavra “barraco” é repetida diversas vezes ao longo do romance (p. 26, p.46, p. 44, p. 82, p.111, p.120). Na ausência de um correspondente direto para a palavra na língua de chegada, a tradutora optou por traduzir tal palavra de diversas maneiras, não apresentando, assim, a repetição de um termo apenas para corresponder a “barraco”, mas sim, utilizando a estratégia denominada por Aixelá como sinonímia e variando a tradução entre os termos “little home” (p. 112), “small house” (p. 123), “old shack” (p. 16) e “little shack” (p. 37).

A *universalização limitada* é um recurso proposto por Aixelá quando o tradutor julga que um item cultural específico da cultura fonte é ininteligível para a cultura alvo e, por essa razão, ele o substitui por um outro elemento, pertencente à cultura alvo. O exemplo fornecido pelo autor é do par de línguas inglês-espanhol, onde *an American football* seria traduzido como *um balón de rugby* (p. 63). No romance *corpus* deste trabalho, podemos citar como exemplo de utilização de universalização limitada o termo “quilombo” que foi traduzido como *community*, o que, infelizmente, gera uma perda de significado e da implicação sócio-política que a palavra “quilombo” possui para os afro-brasileiros, trazendo, claramente, a ideia de resistência à escravidão, coisa que o termo *community*, ou seja, “comunidade”, não faz.

A *universalização absoluta* seria utilizada em situação semelhante à anterior, porém, nesse caso, o tradutor não consegue encontrar uma opção na cultura meta e por isso, substitui o item cultural específico por uma referência que Aixelá chama de neutra para traduzir o termo em questão. Um exemplo oferecido pelo teórico é *corned beef* traduzido por *lanchas de jamón* (p.63). Em se tratando da cultura brasileira, uma ocorrência comum dessa estratégia é a tradução de “macumba” por termos referentes a outras práticas religiosas mais familiares a eventuais leitores-alvo, como *voodoo*. Em *Ponciá Vicêncio*, dois exemplos notáveis da utilização de tal estratégia são as traduções da típica “cachaça” brasileira como *white rum*, e da comida “angu” como *a piece of boiled manioc*. Cabe comentar aqui que o prato brasileiro chamado angu é, geralmente, preparado

com farinha de milho – fubá. Portanto, a generalização “pedaço de mandioca cozida”, proposta pela tradutora, se afasta bastante do prato apresentado por Evaristo no romance. Essa estratégia corresponde à generalização proposta por Landers e resulta no apagamento do referente estrangeiro.

Outra estratégia de substituição proposta pelo teórico é a *naturalização*. Essa estratégia é utilizada quando o tradutor decide aclimatar o item cultural específico à realidade da cultura receptora (p. 63-64). Um exemplo dessa estratégia seria substituir *dollar* por “reais”.

A *exclusão*, por sua vez, como o próprio nome já indica, é uma estratégia onde o tradutor exclui o item cultural específico, seja por algum conflito ideológico, ou por acreditar que o elemento excluído é irrelevante para a compreensão do todo (p. 64).

Por fim, o último subitem proposto por Aixelá como estratégia de substituição é a *criação autônoma*, que consiste no acréscimo de referências culturais não encontradas no texto fonte, podendo ocorrer como compensação (exclusão + criação autônoma em outra parte do texto causando um efeito similar), deslocamento (deslocamento da mesma referência para outro local do texto), ou atenuação (substituição, por questões ideológicas, de algo considerado inaceitável por algo mais adequado aos padrões da cultura de recepção) (p. 64).

É importante ressaltar que, ao longo da tradução de uma obra literária, o tradutor poderá utilizar diferentes estratégias para a tradução dos elementos culturais presentes no texto. Como vimos nos exemplos trazidos ao longo da apresentação das estratégias propostas por Aixelá, em *Ponciá Vicêncio*, é possível encontrar vários elementos culturais traduzidos de diferentes maneiras, utilizando variadas estratégias. Lilian Feitosa, ao fazer uma análise microtextual, cotejando os elementos culturais presentes em *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e sua tradução *Child of the Dark* (1962), constata que, na tradução em questão, o tradutor David St. Clair utilizou 58% de repetições, 11% de traduções parciais de nomes, 8% de glosas intra e extratextuais, 6% de exclusões, 5% de traduções totais de nomes próprios, 4% de naturalizações, 2% de traduções linguísticas e 1% de criações autônomas. Dados que comprovam que múltiplas estratégias de tradução podem ser usadas em uma única obra, gerando diferentes efeitos. No caso de *Child of the Dark*, a análise de Feitosa verificou que 58% das estratégias de tradução eram de conservação, o que causa um efeito geral de

estrangeirização na tradução do texto de Carolina Maria de Jesus, preservando parte das características culturais presentes no texto-fonte.

Em “Can *Another* Subaltern Speak/Write?” (1995), artigo sobre os prefácios das edições brasileiras e estadunidenses dos trabalhos de Carolina Maria de Jesus, Else Vieira comenta que, geralmente, os tradutores da literatura brasileira para o inglês fornecem informações sobre os detalhes culturais específicos presentes nos textos, já que muitos aspectos da nossa cultura são desconhecidos pelos leitores das culturas de recepção, e, como observa Feitosa (2008), os tradutores brasileiros de outras línguas em geral tendem a teorizar sobre tradução em seus prefácios (p. 285). O que mostra que, embora de maneiras diferentes, a utilização da glosa extratextual é uma estratégia bastante escolhida pelos tradutores (quando o projeto editorial permite a utilização de tal recurso). No caso de *Ponciá Vicêncio*, nossa proposta na presente tese não é apresentar uma análise microtextual, com o cotejo de todos os elementos culturais específicos presentes no texto, a fim de apresentar o percentual de cada estratégia utilizada pelo tradutor, assim como fez Feitosa. Porém, considerando que a tradução apresenta um prefácio de seis páginas, onde alguns elementos culturais específicos são abordados, achamos fundamental a apresentação de uma breve discussão sobre o conteúdo dessa glosa extratextual oferecida pela tradutora.

A tradução de *Ponciá Vicêncio* traz um capítulo introdutório onde a tradutora Paloma Martinez-Cruz (professora de estudos Latino-Americanos na Columbus State University) esclarece alguns aspectos históricos e culturais brasileiros encontrados ao longo do processo de tradução do romance que são fundamentais para a compreensão do texto. Nessa introdução, a tradutora traz algumas informações sobre a trajetória da autora e do romance em questão aproveitando algumas informações trazidas no prefácio do romance em português, escrito por Maria José Somerlate Barbosa (professora assistente do departamento de espanhol e português na Universidade de Iowa). A tradutora também aproveita esse espaço para “contextualizar alguns termos e alusões brasileiras” (2007, p. ii) que podem não ser claros para leitores não pertencentes a esse contexto. Ela ressalta que apresentará tais elementos em um texto introdutório, a fim de evitar interrupções com notas de pé de página ao longo do texto traduzido. Por fim, ela promete apresentar “uma reflexão sobre os problemas de linguagem que

enfrentamos quando a aparentemente simples prosa no Português do Brasil é traduzida para o Inglês dos Estados Unidos” (2007, p. ii).

O primeiro aspecto que a tradutora apresenta em sua introdução é a religião afro-brasileira Candomblé, “um sistema híbrido de crenças” (2007, p. ii) resultante da combinação do catolicismo e da espiritualidade africana. Embora a tradutora tenha falado sobre o Candomblé de forma bastante breve, suas considerações sobre essa religião afro-brasileira que, segundo ela, “é similar, em muitas maneiras, à Santeria hispano-caribenha, ou ao Voodoo franco-americano” (p. ii), ajudam o leitor a entender essa referência cultural presente no texto de Evaristo. Embora a palavra “candomblé” não apareça no texto, Evaristo faz muitas referências à essa religião, um exemplo é quando Ponciá, ainda menina e inocente, tinha medo de passar por debaixo do arco-íris e, com isso, mudar de sexo, deixando de ser menina. “Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô” (Ponciá Vicêncio, 2006, p. 13). “*So gathering the folds of her skirt, between her legs so that they covered her sex, heart leaping in her chest she passed underneath the Angorô in a single bound*” (Ponciá Vicêncio, 2007, p. 1). Acreditamos ser de grande relevância para o leitor da tradução o acesso a informações um pouco mais detalhadas, não apenas sobre o que é o candomblé, mas também sobre o significado e a importância de tal prática religiosa para a comunidade afro-brasileira. Com a chegada dos escravos no Brasil, as crenças com raízes na África negra se misturavam ao catolicismo imposto àquela sociedade através da coerção da censura eclesiástica e inquisitorial. Em seu artigo “Multiculturalismo e Religiões Afrobrasileiras: O Exemplo do Candomblé”, Sonia Aparecida Siqueira afirma que “após sua integração no Império Português, todo o processo de colonização foi marcado pelo transplante da crença, diluída na interioridade daqueles que chegavam e pelo apesamento da terra feito principalmente pela Companhia de Jesus” (2009, p. 37). Vindos de diferentes locais como Angola, Congo, Costa da Mina, apenas para citar alguns, as crenças que os escravos traziam consigo deviam ser apagadas. Como uma forma de resistência, ao invés de passivamente aceitar essa tentativa de apagamento,

[m]isturados nas senzalas, transmitiram a seus descendentes seus valores étnico-religiosos. Na luta pela permanência, na necessidade de crer acabaram construindo

a religião possível, fruto da interação das várias nações, eivada de hibridismos com o Catolicismo. (Siqueira, 2009, p. 41)

Embora acreditemos que mais informações sobre a prática do *candomblé* e suas implicações para a comunidade afro-brasileira sejam fundamentais ao leitor que não conhece a cultura brasileira, ou ainda, mais especificamente, a afro-brasileira, não podemos deixar de notar o esforço e a preocupação da tradutora em apresentar tal elemento cultural para o leitor da cultura de recepção, mesmo que de forma breve, não domesticando o texto de Evaristo. Na citação do romance em português (e de sua tradução em inglês) anteriormente apresentada, é possível notar que, em se tratando do elemento cultural “angorô”, a tradutora optou pela repetição como estratégia tradutória.

Uma breve explicação sobre o que seriam as favelas no Brasil também é apresentada, já que, após mudar para a cidade, Ponciá compra um barraco onde passa a morar com o seu companheiro. Segundo a tradutora, para os pobres que vivem em áreas rurais, “a mudança para a cidade significa simplesmente substituir a miséria do interior pela violência das favelas” (2007, p. iii), onde essas pessoas vivem, geralmente, em condições precárias. Acredito ser de grande importância esclarecer para o leitor da tradução do romance em língua inglesa que, o que chamamos de favela aqui no Brasil, difere consideravelmente dos *ghettos* estadunidenses. Um *ghetto* nos Estados Unidos é uma área ocupada por um grupo de raça, religião ou nacionalidade minoritárias, enquanto que uma favela no Brasil é uma área caracterizada por moradias precárias – “barracos” (Ponciá Vicêncio, 2006, p. 44) – “little shacks” (Ponciá Vicêncio, 2007, p. 37), falta de infraestrutura e regularização fundiária, ocupada por pessoas de baixíssimo poder aquisitivo – “comida posta na lata de goiabada vazia” (p. 44) / “the food from the empty guava can” (p. 37). Sabe-se que a análise microtextual da tradução em questão não é o objeto da presente pesquisa, porém, ao falarmos da cuidadosa seleção vocabular de Evaristo é interessante notar que a palavra barraco tenha sido traduzida de diferentes formas ao longo do romance, “little house” (p. 40), “small house” (p. 123), “shack” (p. 81), como já falamos brevemente ao exemplificar a estratégia tradutória proposta por Aixelá, denominada sinonímia. Em alguns casos como “little house” e “small house” (casinha ou casa pequena), a ideia de pobreza, de uma habitação precária, em uma favela, sem a menor infraestrutura acaba se perdendo. Para ilustrar a alteração semântica decorrente da tradução de “barraco”

por “little house”, por exemplo, cabe comentar a pequena resenha “Thoughts on *Ponciá Vicencio*” publicada no blog de uma leitora estadunidense. Em seu blog “Adventures of a Ph.D. Student in English”, a doutoranda Katherine Lashley, da Morgan State University, se refere ao barraco de Ponciá como sendo um pequeno apartamento “she sits by the windowsill in their *small apartment*, staring at nothing, thinking about nothing”²⁵ (*grifo nosso*), leitura equivocada que pode ter ocorrido devido a perda de significado ocasionada pela utilização de expressões como “little house” para se referir ao “barraco” onde Ponciá vivia com seu companheiro.

Voltando ao conteúdo do prefácio, a tradutora também traz alguns esclarecimentos sobre questões relacionadas à História do Brasil, mais especificamente sobre a escravidão. A família de Ponciá sofreu com a reminiscência de seu passado de escravidão. O pai de Ponciá era “[f]ilho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhômoço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o sinhômoço galopava sonhando conhecer as terras do pai” (*Ponciá Vicencio*, 2006, p. 17) – “[a]s the child of ex-slaves he had grown up on the ranch living the same life as his parents. He was the Young boss’ attendant. It was his duty to play with him. He was the horse on which the youngster would gallop and dream of seeing all of his father’s lands” (*Ponciá Vicencio*, 2007, p. 7). Ponciá se mostrava inconformada com a realidade em que sua família vivia, já que, teoricamente, eram livres e não mais escravos. “Se eram livres, porque continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos?” (p. 17) – “If they were free, why did they have to stay there? Why then were there so many blacks in the slave quarters? Why didn’t they move on and find other places and different Jobs?” (p. 8). A tradutora explica que, com base em acontecimentos como a “Lei do Ventre Livre”, que ela traduziu como *Law of Free Birth*, e a “Lei Áurea”, traduzida como *Golden Law* no prefácio, porém, mantida como “Lei Áurea” ao longo do texto, o Brasil construiu a imagem de uma democracia racial, sendo que essa imagem não passou de um mito. A tradutora apresenta para o leitor as datas dessas leis assinadas pela princesa Isabel e os seus objetivos. Tais leis são de grande

²⁵<http://englishlashley.blogspot.com.br/2011/10/thoughts-on-poncia-vicencio.html>

importância no romance, pois Ponciá se mostra indignada pelo não cumprimento das mesmas:

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos se regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno. (p. 49)

Long, long ago, when the blacks had first received those lands, they believed that they had been winning their freedom. Lies. Their situation had changed very little over time. The lands had been offered by the old owners, who said they were giving the gift of liberation. They could stay there to build their dwellings and plant their sustenance. There was only one condition, and it was that they had to continue to work the land for Colonel Vicencio. There was joy in the hearts of many – they were going to be free, to have homes out beyond the master’s ranch, to have their own lands and their own crops. For some, Colonel Vicencio was like a father, a God. Time went by and there were the former slaves, now liberated by the “Lei Aurea,” their children, born to “free wombs” and their grandchildren, who would never be slaves. All dreaming under the spell of a freedom granted by a princess, a fairy godmother, who from the ancient whip had fashioned a magic wand. Everyone still under the yoke of a power, that like God’s, was eternal. (p. 42-43)

Em entrevista concedida a mim no dia 20 de março de 2013, apresentada na íntegra como um dos anexos desta tese, a tradutora Paloma Martinez-Cruz comenta que era preciso haver espaço para apontar alguns dos caminhos da política racial brasileira, assim como a crítica de Evaristo às questões raciais no Brasil. “Uma princesa agitando uma varinha de condão, para um público afro-brasileiro, pode facilmente evocar a ideia da Princesa Isabel e da Lei Áurea, mas quisemos fornecer aos leitores estadunidenses a oportunidade de ter algumas informações sobre esta dinâmica,” diz a tradutora. Aqui, mais uma vez, percebemos a preocupação da tradutora em levar um pouco da cultura brasileira ao leitor estadunidense.

Além de toda a humilhação sofrida pelo pai de Ponciá em sua tarefa de pajem do sinhô-moço, o avô da protagonista – Vô Vicêncio – viu alguns de seus filhos, nascidos do ventre livre, serem vendidos, assim como muitos outros filhos

de supostamente ex-escravos. O fato deixou Vô Vicêncio desesperado, levando-o a matar sua própria mulher e a cortar a sua mão em um ato de loucura:

O pai não gostava de Vô Vicêncio. Dizia mesmo que ele era doido, assassino. Tinha matado a mulher e quase se matara depois, se não fosse acudido a tempo. Luandi sabia também que o avô fizera tudo aquilo em um momento de desespero. Não queria ser mais escravo. E só não matou o pai de Luandi, que na época era menino, porque ele conseguiu fugir em busca de socorro. Vô Vicêncio queria a morte. Se não podia viver, era melhor morrer de vez. O pai de Luandi guardou a imagem da cena de sua mãe ensanguentada, morta. E guardou durante toda a vida um ódio em relação ao pai, mesmo reconhecendo que ele enlouquecera. (Ponciá Vicêncio, 2006, p. 72)

His father had not cared for Grandpa Vicencio. He even said that the old man was crazy, a murderer. He had killed his wife and afterward was about to kill himself, and would have done so if he hadn't been stopped in time. Luandi also knew that Grandfather had done it in a moment of madness. He didn't want to be a slave any longer. And what kept him from killing Luandi's father was that the boy had been able to run away and search for help. Grandpa Vicencio had wanted to die. Luandi's father could not live then what remained was to die. Luandi's father held on to that picture in his mind of his blood-soaked mother, dead. And he held it throughout his life as a hatred for his father, even though he knew that the man had been deranged, driven mad. (Ponciá Vicencio, 2007, p. 70)

A tradutora também lembra que a questão da democracia racial no Brasil não passa de um mito e que “[a] legislação que supostamente traria a nação para um passo mais perto de uma harmonia racial não fez nada para lembrar o fato de que o Brasil foi o último país no hemisfério ocidental a abolir a escravidão, e só o fez sob intensa pressão diplomática e econômica” (2007, p. iv). Para o leitor do polissistema de recepção, o estadunidense, o esclarecimento de tais fatos é de grande relevância, já que a questão racial difere bastante do Brasil para os Estados Unidos. Para que o leitor da tradução do romance compreenda a indignação e a ironia de Ponciá diante das leis que beneficiariam os escravos, libertando os mesmos e seus filhos, é necessário que o leitor conheça um pouco sobre a questão racial no contexto de origem do romance.

O último elemento cultural presente na introdução de Martinez-Cruz que gostaríamos de comentar é, na verdade, um elemento que não está presente no texto fonte. Logo após as suas considerações sobre o Candomblé, a tradutora afirma que “é provável que os leitores não estejam familiarizados com uma espécie de pássaro que habita o rio da infância de Ponciá” (2007, p. iii). A tradutora então traz algumas considerações sobre uma espécie de pássaro apresentada como *sunbittern*, no intuito de auxiliar o leitor da tradução na

compreensão dessa referência cultural e afirma ainda que o prazer de Ponciá “em compartilhar o rio com este pássaro elusivo é um exemplo de seu convívio harmonioso com as águas da floresta” (p. iii). É interessante notar que nenhuma referência a tal animal é feita no texto em português. Por essa razão, decidi buscar a localização dessa referência na tradução e no texto fonte. Fazendo isso, notei que “os pés de pequi” que aparecem na página 13 do texto em português na edição de 2006, foram traduzidos como “the feet of the sunbittern”, sendo assim, o pé da fruta pequi, já comentada neste capítulo, aparece como os pés de um pássaro apresentado pela tradutora na introdução.

Por fim, a tradutora fala da linguagem utilizada no romance. É interessante notar que o discurso apresentado pela tradutora em sua introdução define a linguagem utilizada por Evaristo como marcada (pobre e negra) e facilmente identificada por leitores brasileiros, e isso não é o que ocorre de fato, já que o romance utiliza a variedade linguística padrão da língua portuguesa, apenas com algumas marcas de oralidade e considerando que no português do Brasil não há um dialeto ou uma linguagem específica para ressaltar tais características. No último parágrafo de sua introdução a tradutora comenta:

Minhas últimas considerações dizem respeito à tradução do estilo e do tom na escrita feminina e negra brasileira. Para um público leitor de língua inglesa, é importante compreender que uma leitura falada do original em português brasileiro imediatamente informaria ao público que o "sotaque" do romance transmite uma relação controversa e marginal com o uso convencional do Português Brasileiro. Embora um leitor brasileiro possa reconhecer imediatamente a linguagem do romance como pobre e negra, a busca de uma terminologia semelhante entre as comunidades negras dos Estados Unidos, ou a imposição de um determinado sotaque regional produziram um efeito forçado, provinciano e datado, assim optei por usar um inglês mais padrão do que seu homólogo em português. A decisão de desviar da fala caipira ou da linguagem urbana não é uma tentativa de "elevar" registros mais coloquiais de discurso, mas sim de proporcionar espaço suficiente para o dialeto, o jeito arrastado de falar, o falar cantado, ou o *patoá* que permite que a própria identidade do leitor seja refratada e transformada nos sons - e silêncios - do romance. (2007, p. vi)

Além da forte presença de elementos culturais, outra característica bastante importante da narrativa de Evaristo é a utilização de uma linguagem concisa, recheada de frases curtas, com poucos adjetivos e conjunções aditivas “[n]aquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava” (*Ponciá Vicêncio*, 2006, p. 13) – “[b]ack then Ponciá Vicêncio

enjoyed being a girl. She enjoyed being who she was. She enjoyed being everything. She enjoyed” (Ponciá Vicencio, 2006,p. 2). Segundo Barbosa,

[a]s diversas partes do texto (cada uma enfocando um dos personagens) vão se intercalando, como peças de um jogo ou de um quebra-cabeça. As frases curtas, quase secas, o uso de poucos adjetivos e de poucas conjunções aditivas contrastam claramente com a quantidade de emoções e de sentimentos que escorrem pelas entrelinhas. (2006, p. 8)

Ao falarmos da linguagem utilizada por Evaristo em seu romance e da forte presença de elementos culturais, cabe aqui trazermos alguns comentários, mesmo que de forma muito breve, sobre os efeitos gerais da tradução em questão. Embora o nosso objetivo ao estudar a tradução de *Ponciá Vicêncio* seja bastante diferente do objetivo de Feitosa ao estudar a tradução de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, já que não nos propusemos a fazer aqui um levantamento de todos os itens culturais específicos presentes no texto a fim de compreender como foram traduzidos, como fez Feitosa em sua tese, a partir das ocorrências e exemplos apresentados ao longo deste capítulo com o intuito de ilustrar as possíveis estratégias de tradução propostas por Aixelá, é possível perceber que houve a preocupação por parte da tradutora de manter alguns dos elementos culturais presentes no romance. A tradutora não apenas manteve alguns desses elementos, mas também explicou parte deles para o leitor da cultura de recepção em seu prefácio, tornando-os inteligíveis. No que diz respeito ao efeito da tradução em questão, podemos dizer que a impressão, muito geral, é a de que as estratégias adotadas pela tradutora tendem para o polo de conservação – utilizando as categorias propostas por Aixelá, embora também seja possível encontrarmos a utilização das estratégias de substituição, como vimos em alguns dos exemplos apresentados anteriormente. Assim, em linhas gerais, podemos dizer que a tradução de Paloma Martinez-Cruz cria um efeito geral que tende para o polo de estrangeirização, tal como proposto por Venuti, levando um pouco da cultura de origem do romance para o leitor da tradução.

No que diz respeito à estrutura, o romance não apresenta a tradicional divisão em capítulos, sendo composto por 46 partes, fragmentos geralmente curtos, que contam a história dos personagens de forma não linear e não cronológica. É através de idas e vindas que o leitor vai conhecendo a história dos

personagens, sendo assim, um dos principais recursos da construção narrativa de *Ponciá Vicêncio* é o *flashback*. Os 46 fragmentos não possuem título ou numeração para identificá-los. O início de cada parte é marcado apenas pela mudança de página e por uma letra inicial em negrito com tamanho e fonte diferenciados. Embora essas características tenham sido mantidas na tradução do romance, o texto em inglês apresenta 47 fragmentos. Ao perceber a diferença entre o número de fragmentos nos textos em português e inglês, decidimos fazer um cotejo para verificar por que a tradução possui um fragmento a mais do que o texto fonte. Ao comparar fragmento por fragmento, foi possível perceber que, logo de início, a tradutora uniu o sétimo e o oitavo fragmentos do texto fonte, tornando-os apenas um. Posteriormente, o maior fragmento apresentado no livro com cerca de 10 páginas no texto fonte, o quadragésimo segundo fragmento de *Ponciá Vicêncio*, foi dividido em três partes pela tradutora. Daí a diferença no número de fragmentos entre o texto fonte e a tradução.

Gostaria de deixar claro que o objetivo da presente pesquisa não é avaliar²⁶ a qualidade da tradução ou buscar e enumerar possíveis problemas, e menos ainda fazer uma análise microtextual, como já apontamos anteriormente. Mas, ao falarmos dos elementos culturais presentes no texto e da cuidadosa seleção vocabular característica de Conceição Evaristo, não poderíamos deixar de abordar as questões anteriormente apresentadas.

4.3 Ações de patronagem

A patronagem, de acordo com André Lefevere, é um fator de controle que opera no sistema literário com o poder de fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura. Como já vimos ao longo deste trabalho, *Ponciá Vicêncio* é um romance proveniente de um contexto não hegemônico (Brasil, língua portuguesa) e sua escritora, Conceição Evaristo, não é muito conhecida pelo público brasileiro em geral. Assim, é interessante que seu romance tenha sido selecionado por uma editora estadunidense para ser traduzido para a língua inglesa. A possibilidade da tradução desse romance muito provavelmente está

²⁶ Na presente tese consideramos que a avaliação de uma tradução é a emissão de juízo de valor sobre a mesma, considerando-a boa ou ruim, o que não fazemos neste trabalho.

relacionada à questão da patronagem. Apresentaremos aqui algumas informações sobre a editora responsável pela tradução do romance, sua proposta e lugar ocupado no sistema literário estadunidense, de modo a tentar compreender a relação entre a sua publicação e as ações de patronagem identificadas por Lefevere.

A Host Publications é uma editora pequena, fundada por Joseph Bratcher e Elzbieta Szoka, sediada em Austin com escritório também em Nova York, dedicada à publicação de obras estrangeiras traduzidas para a língua inglesa. Bratcher e Szoka criaram a Host quando eram estudantes de doutorado na Universidade do Texas, ele doutorando em Inglês e ela em teatro brasileiro. Sua primeira publicação foi em 1988, uma edição bilíngue com três peças brasileiras: *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos; *Boca molhada de paixão calada*, de Leilah Assumpção; e *Aviso prévio*, de Consuelo de Castro. Segundo Mary Gannon em seu artigo publicado na revista *Poets & Writers* em 2006, “[p]or mais de uma década, Joe Bratcher dirigiu a Host Publications da sala de estar de sua casa no Austin, Texas. (...) a Host era uma editora pequena, que publicava não mais do que um ou dois títulos por ano, além de um periódico literário anual”. Inicialmente, o casal cuidava de todo o processo de publicação, desde a seleção de obras e suas traduções até a distribuição dos livros. Apenas 10 anos depois, em 1998, com a mudança dos fundadores para Nova York, a Host começou a se solidificar e a contratar mais funcionários visando à expansão de suas produções.

Segundo Bratcher, a principal missão da Host é divulgar a literatura internacional nos Estados Unidos. Ele afirma que “[h]á um grande número de escritores bem estabelecidos e importantes de outros países que não são conhecidos nos Estados Unidos” (Gannon, 2006). Gannon comenta que a maioria dos títulos inicialmente publicados pela editora foram escolhidos por Szoka, que fala sete línguas, e a escolha de peças de teatro brasileiras como primeira publicação da editora se deu porque Szoka estava trabalhando com esse tema em seu doutorado.

O público-alvo da Host é o acadêmico, mas a editora também visa atender leitores em geral interessados em literatura e cultura de outros países. Bratcher comenta que nos Estados Unidos há uma falta de curiosidade do público em relação à literatura, tanto ficção quanto poesia, mas que, com a publicação de traduções, a Host estabeleceu um nicho no mercado estadunidense. Como afirma

Michael Coffey no artigo “Host of New York: House with international bent expands”, publicado no volume 23 da revista *Publishers Weekly*, “A Host está entre as poucas editoras que se concentram em literatura traduzida, junto com Archipelago, Dalkey Archive e Green Integer” (2006).

Além das traduções, a editora também produz uma revista literária *The Dirty Goat*, publicada pela primeira vez em 1988, no mesmo ano do primeiro livro da Host. Para Bratcher, a revista é o foco principal da Host e o seu projeto inicial; Szoka é quem tem maior interesse na publicação de traduções e, diversas delas, obras originalmente escritas em português. A Host já publicou traduções de escritores brasileiros como Nelson Rodrigues²⁷, Renata Pallottini, Astrid Cabral, Edilberto Coutinho, João Almino e Conceição Evaristo, apenas para citar alguns.

Em entrevista a Eduardo de Assis Duarte, Conceição Evaristo fala sobre o seu primeiro contato com a editora que, anos depois, viria a publicar a tradução para inglês do seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio*. Segundo Evaristo:

a pesquisadora Elzbieta Szoka tomou conhecimento de nossa existência quando se preparava para vir ao Seminário Mulher e Literatura, realizado em 2001 na UFMG. Naquele momento, a organização do evento, por meio da prof^a Constância Lima Duarte, incluiu na programação uma mesa sobre gênero, etnicidade e representação literária. Aquela foi a primeira vez que a professora Elzbieta tomou conhecimento de escritoras negras brasileiras na contemporaneidade. Até então ela só ouvira falar de Carolina Maria de Jesus. (2011, p. 109-110)

Como um primeiro fruto colhido desse encontro, em 2002, a Host publicou uma coletânea organizada por Szoka, intitulada *Fourteen Female Voices from Brazil*, com 11 contos, 3 peças de teatro e 19 poemas de diferentes autoras brasileiras, dentre elas, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro – escritoras afro-brasileiras já citadas neste trabalho – e Conceição Evaristo. Posteriormente, em 2006, um fragmento de *Ponciá Vicêncio* foi traduzido para a língua inglesa e publicado na revista literária *The Dirty Goat*, como nos conta um representante da Host, em entrevista.

Quando questionada sobre as motivações para traduzir o romance de Conceição Evaristo para a língua inglesa, a editora afirma que “[a]ssim como todos os títulos da Host, sentimos que Evaristo possui uma voz maravilhosa e

²⁷ A edição traduzida de crônicas selecionadas de *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, (Life As It Is: Selected Stories. Translated by Alex Ladd. Austin, TX: Host Publications, 2009) foi objeto da dissertação de mestrado de Alexander Francis Watson, intitulada *A letra como ela é... O desafio de traduzir os contos de Nelson Rodrigues para o inglês*, defendida em 2011 no Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem, da PUC-Rio.

conta uma história que não é frequentemente representada na literatura de língua inglesa” (entrevista concedida a mim no dia 3 de abril de 2013). Segundo a Host, “esse livro [*Ponciá Vicencio*] tem se mostrado popular em universidades e programas de estudos brasileiros” (2013) e sua recepção nos Estados Unidos tem sido bastante positiva.

A editora relata que, como parte do processo de lançamento da tradução de *Ponciá Vicencio* nos Estados Unidos, Conceição Evaristo esteve presente em inúmeros eventos pelo país. Em todos os lugares por onde passou, a escritora foi muito bem recebida e os leitores apresentaram um *feedback* muito positivo em relação ao livro. A Host nos informa que, diferente do que geralmente acontece com o tipo de literatura que a editora oferece, surpreendentemente, as vendas de *Ponciá Vicencio* foram muito positivas, tendo esgotado a primeira edição. Uma segunda edição do romance já está sendo preparada. Ainda sobre a recepção do romance em língua inglesa, a tradutora nos informou que a crítica tem sido bastante positiva e o romance tem aparecido em listas de leituras sugeridas para pessoas interessadas em viagens e na cultura brasileira.

Com base nas informações apresentadas, acreditamos ser possível perceber que a inserção de *Ponciá Vicêncio* no polissistema estadunidense por via da tradução foi possível devido a patronagem, tal qual proposta por Lefevere. A fundadora da editora teve contato com Evaristo em um evento acadêmico e, a partir de então, se interessou por sua obra, iniciando o processo de inserção da mesma no contexto estadunidense através de sua editora, cujo foco é a publicação de obras estrangeiras traduzidas.

Considerações Finais

O presente trabalho propôs estudar o processo de transposição para o inglês dos Estados Unidos do romance *Ponciá Vicêncio*, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, partindo do pressuposto de que o conhecimento das questões de ordem cultural envolvidas no processo de tradução são indispensáveis. Através do estudo dos polissistemas de origem e recepção dessa obra de Evaristo, pudemos perceber que o impacto de uma determinada obra traduzida em seu contexto de recepção geralmente é diferente do impacto que o texto-fonte possui em seu contexto de origem. Isso ocorre, dentre outros fatores estudados ao longo deste trabalho, porque cada cultura apresentará olhares e pressupostos distintos em relação às obras e às questões nelas suscitadas. Em se tratando da literatura afro-brasileira, em nosso caso, mais especificamente do romance *Ponciá Vicêncio*, verificamos que, no contexto de recepção – no polissistema cultural estadunidense, a tradução do romance foi lida e estudada de acordo com padrões pré-existentes na cultura de chegada. Nos Estados Unidos, *Ponciá Vicêncio* se tornou alvo de interesse de pesquisadores ligados à questão das diásporas negras e às questões de gênero, recebendo leituras que buscam compreender a literatura afro-brasileira em sua especificidade e aproximá-la ou distanciá-la da literatura afro-americana.

Partindo da teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar, consideramos a literatura como um polissistema e tentamos compreender um pouco sobre os polissistemas de origem e recepção do romance *Ponciá Vicêncio*, os polissistemas cultural brasileiro e estadunidense, respectivamente. Com base nos estudos descritivos de tradução, consideramos questões como a recepção de traduções pelo público em geral e pela crítica, e a imagem que a cultura receptora forma em relação às obras traduzidas e seus autores. Através do estudo da recepção do romance no Brasil e de sua tradução nos Estados Unidos, foi possível perceber que o sistema de literatura afro-brasileira está em luta constante por seu espaço e reconhecimento contemporaneamente, buscando uma posição mais centralizada no polissistema literário e cultural brasileiro. Além disso, a tradução de tais produções literárias para a língua inglesa vem, de certo modo, contribuindo para esse processo de reconhecimento. Muitas vezes, produções vindas de grupos não hegemônicos acabam sendo relegadas a uma posição marginal por discutirem

questões raciais e sociais, ressaltando um histórico de opressão e preconceito racial, muitas vezes ocultado em nossa sociedade. Ao conseguirem alcançar mais visibilidade em sua luta por uma posição mais central no polissistema em que estão inseridos, esses sistemas periféricos acabam por provocar rediscussões de conceitos e valores como o cânone, a democracia racial, entre outros, desvelando aspectos históricos ocultados ou manipulados por discursos hegemônicos.

Percebemos através da pesquisa realizada que a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo não é considerada uma escritora canônica no Brasil, considerando a noção tradicional de cânone – um princípio de seleção e, conseqüentemente, exclusão, vinculado à questão do poder, e que tende a favorecer a produção de escritores brancos e ocidentais – entretanto, vimos que sua visibilidade na academia é crescente. Evaristo vem conseguindo conquistar um público leitor cada vez mais expressivo no Brasil e nos Estados Unidos e, mesmo não estando em uma posição central nos polissistemas literários brasileiro e estadunidense, seu romance *Ponciá Vicêncio* já conseguiu chegar a uma segunda edição em ambos os polissistemas, além de ser interesse constante na academia em ambos os países.

O interesse pela obra de Evaristo nos Estados Unidos e o discurso da crítica estadunidense sobre ela e outras escritoras negras está, de certo modo, contribuindo para o reconhecimento, no Brasil, de um sistema de literatura produzida por afro-descendentes, embora, como afirmam Maria Aparecida Salgueiro, Eduardo de Assis Duarte e a própria escritora Conceição Evaristo nas entrevistas concedidas a mim, esse reconhecimento e essa influência não tenham sido nas proporções esperadas aqui no Brasil. É importante frisar que, não está se criando aqui um sistema de literatura afro-brasileira na tentativa de copiar o que seria o sistema de literatura afro-americana. A busca pela consolidação da literatura afro-brasileira não significa que estejamos considerando a maneira estadunidense de conceber os sistemas literários – literatura afro-americana, literatura feminina, literatura gay, literatura judaica etc. – como uma forma mais evoluída de pensar a literatura. Ao tomarmos tal sistema literário como foco deste estudo e ao defendermos a existência do mesmo, estamos, na verdade, buscando discutir um tema que durante muito tempo foi deixado à margem. A literatura afro-brasileira já existe há décadas e o movimento negro no Brasil também. A

questão é que, apenas recentemente, se tem aberto espaço para que essas vozes antes silenciadas possam falar.

Embora argumentos contra o reconhecimento da literatura afro-brasileira como um sistema literário pertencente ao polissistema cultural brasileiro apontem que a literatura afro-brasileira não está consagrada porque a situação do negro no Brasil é, sob muitos aspectos, profundamente diferente da situação do negro nos Estados Unidos e que, por essa razão, não cabe aqui a existência de um sistema como esse, percebemos que a identificação de tal sistema vem crescendo a cada dia. Uma grande diferença entre essas duas culturas é o fato de que nos Estados Unidos existe um dialeto do inglês adotado por algumas comunidades afro-descendentes, com implicações políticas, ideológicas, entre outras, enquanto no Brasil não há nenhum dialeto do português brasileiro falado exclusivamente por negros. Há estudiosos que identificam o sistema de literatura afro-americana com essa especificidade linguística, e, por isso, argumentam que não caberia, no Brasil, o estudo de um sistema de literatura afro-descendente, diante da inexistência de um dialeto étnico semelhante nesse contexto. Porém, cabe aqui lembrar que há muitas outras questões a se considerar quando estudamos literatura produzida por afro-descendentes, quer seja no Brasil, nos Estados Unidos, ou em qualquer outro lugar do mundo. A complexidade dos textos, dos enredos, dos personagens, as questões culturais, políticas, sociais, ideológicas, raciais, dentre outras, discutidas em tais produções, estão muito além do uso de um dialeto específico ou não, como discutimos ao longo do presente estudo.

Outro argumento geralmente apresentado por vozes contrárias ao sistema de literatura afro-brasileira em discussões consiste nas diferenças históricas em relação à situação do negro no Brasil e nos Estados Unidos. Argumenta-se que no contexto estadunidense, durante muito tempo, houve uma tentativa de criar uma sociedade separada para os negros, um sistema de *apartheid* em reação ao qual alguns negros, nos anos 1960, chegaram a propor a criação de uma nação negra separada da branca. Já o racismo brasileiro jamais foi claramente amparado pelas leis, nem se constituiu num sistema legal separatista. Com isso, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, segundo aquelas mesmas vozes, não haveria aqui a necessidade de uma *literatura* afro-brasileira.

Sabemos que o racismo brasileiro não é igual ao estadunidense, como muito discutimos aqui, e que estamos trabalhando com contextos completamente

diferentes ao considerarmos o sistema de literatura afro-brasileira e o sistema de literatura afro-americana. Porém, sabemos também que, diferentemente do que pregou o mito da democracia racial por muito tempo, o racismo existe, sim, no polissistema cultural brasileiro, e os negros e suas produções foram por muito tempo excluídos, marginalizados, calados. A consolidação do sistema de literatura afro-brasileira, que vem pouco a pouco acontecendo, muito tem ajudado a trazer a público produções literárias que eram, até então, completamente desconhecidas e tidas como sem importância. Da mesma maneira, a tradução de tais obras provenientes de contextos não hegemônicos para línguas e culturas hegemônicas, como o inglês dos Estados Unidos, tem permitido que tais grupos possuam voz, não apenas em território nacional, mas também em uma escala global. Uma das razões pela qual a literatura afro-brasileira vem conquistando uma certa visibilidade no polissistema literário estadunidense é exatamente essa desmistificação do mito da democracia racial. Os estudiosos das diásporas negras, buscando compreender esse suposto paraíso racial, foram percebendo que tal paraíso não passava de um mito e, mesmo que de maneira muito diferente de outros lugares no mundo, como os próprios Estados Unidos, no Brasil o racismo também faz parte da realidade dos afro-descendentes. Segundo Maria Aparecida Salgueiro,

o Brasil significou ao longo de muitos anos, para os Estados Unidos, a ideia de um paraíso racial devido a questão da miscigenação. E o mito da democracia racial foi vendido ao longo de vários anos nos Estados Unidos. Então, a busca por essa literatura afro-brasileira foi, por muito tempo, a busca disso e, ao mesmo tempo, o encontro com essa literatura afro-brasileira significou a desmistificação desse mito, ou seja, foi a busca de entender esse paraíso racial que levou a entender que esse paraíso não existia. (2013)

Enquanto algumas vozes contrárias à consolidação do sistema de literatura afro-brasileira argumentam que a busca pela consolidação desse sistema é uma busca por olhar a literatura produzida por negros em nosso país da maneira estadunidense de fazê-lo, sendo uma transposição acrítica de uma categoria que faz sentido no contexto estadunidense, mas não no nosso, as próprias escritoras afro-brasileiras abordam essa questão, apresentando argumentos contrários a tais afirmações. Em entrevista concedida a mim e já citada diversas vezes ao longo deste estudo, quando questionada a respeito da influência da literatura afro-americana na literatura afro-brasileira, a escritora Conceição Evaristo afirma que,

[a]qui se tem uma série de questões e cabe uma longa discussão. Começo pelo aspecto mais polêmico: a luta brasileira pela implantação das Ações Afirmativas. Fomos acusados de estarmos copiando um modelo de luta empreendido pelo negro americano. Voltemos a décadas passadas. Nos anos 70, um movimento cultural negro, o famoso “soul”, cultivado pela juventude negra brasileira, notadamente no Rio, foi visto como se os jovens negros brasileiros tivessem simplesmente imitando a juventude negra dos Estados Unidos. Entretanto, nesse mesmo momento, as boites da zona sul carioca estavam apinhadas de jovens brancos das classes médias com suas roupas americanas, suas músicas em inglês, cultuando fervorosamente seus ídolos americanos e outros estrangeiros. Muitos desses jovens abastados iam estudar nos Estados Unidos ou saíam para visitar o sonho americano... Entretanto, só a nós foi e é imputada a pecha de uma imitação. É como se não tivéssemos uma capacidade de análise, de diálogo, de recolha e de descarte do que não nos interessa. Voltando à acusação de que as Ações Afirmativas que reivindicamos são uma cópia do Movimento Negro Americano, é interessante observar que em geral, a militância negra americana discorda do modo como organizamos a nossa luta. Para muitos daqueles militantes, a luta dos negros brasileiros se dá mais no campo cultural do que no político. Eles não nos consideram imitadores deles. E quando na década de 70, juntamos as nossas vozes a deles, para repetirmos “black is beautiful” e muitos de nós aderimos ao “Black Power”, como moda em nossos cabelos, não olhávamos só para os Estados Unidos. Nossos pensamentos e linhas de ações estavam também em diálogo com o Continente Africano. Acompanhávamos o “apartaid” da África do Sul, enquanto denunciávamos outro, o “apartaid nosso de cada dia”, que aqui acontecia, encoberto pela capa do discurso da “democracia racial brasileira”. Poucos sabem, e não consigo precisar a data, mas creio que foi nos meados dos anos de 80, o MN encampou um abaixo-assinado, que pedia ao governo brasileiro o rompimento diplomático com a África do Sul, em função do “apartaid” e da prisão de Nelson Mandela. Não me perguntem se fomos ouvidos. Já nos anos 70 acompanhávamos também o que acontecia no Zaire, no Congo e em outras colônias africanas que lutavam para se livrar do jugo do colonizador. Patrice Lumumba era um nome que ecoava entre nós e não só o de Martin Luther King, Stloly Carmichael ou Max X. A assunção de nossa negritude passava pelas ideias de retorno às fontes propagadas por Leopold Sedar Senghor e pelas ideias revolucionárias de Frantz Fanon e Aimé Césaire. As lutas de libertação das colônias portuguesas nos falavam mais de perto. Agostinho Neto, Amílcar Cabral, dentre outros, se constituíam como nossos gurus. Cuba, na medida em que críamos que o socialismo resolveria colocar brancos e negros em condições de igualdades, nos inspirava também.

De acordo, portanto, com uma das vozes mais proeminentes do movimento literário composto por afro-descendentes em nosso país, podemos afirmar que a literatura afro-brasileira possui traços próprios e merece ser estudada com a atenção devida. Embora, algumas vezes, essa literatura seja lida e analisada com base nos padrões e teorias que regem os estudos da literatura afro-americana, temos visto na contemporaneidade o surgimento de teorias próprias que buscam compreender as características específicas de tais produções literárias.

No que diz respeito aos lugares sistêmicos ocupados por Conceição Evaristo e seu romance, *Ponciá Vicêncio*, nos polissistemas de origem (brasileiro) e de recepção da tradução (estadunidense), constatamos que a escritora ocupa lugares

consideravelmente diferentes em cada um desses contextos. Podemos dizer que isso acontece, dentre outros fatores, devido às diferenças históricas existentes entre ambos os países. Embora existam alguns pontos de aproximação ao falarmos dos sistemas de literatura afro-americana e literatura afro-brasileira, como o desejo de ter voz, de falar da experiência de ser negro sem passar pela manipulação ou a suavização dos olhares hegemônicos, de valorizar a cultura afro-descendente de ambos os países, entre outros, vimos também que há muitos pontos que distanciam tais sistemas, a começar pelas diferentes histórias de ambos os países e pelas diferentes maneiras de tratar as questões raciais no Brasil e nos Estados Unidos, além da inexistência de um dialeto étnico próprio entre os afro-descendentes brasileiros, ao contrário do que acontece no hemisfério Norte.

Por fim, em nosso último capítulo, utilizando como instrumento o modelo proposto por Lambert e Van Gorp, finalmente chegamos ao esperado contato com a tradução propriamente dita, analisando alguns aspectos da mesma, atentando para as riquíssimas referências culturais presentes no texto, e para os grandes desafios encontrados no processo de tradução da obra. Ao tentarmos compreender as possíveis motivações para a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, observamos que a inserção de *Ponciá Vicêncio* no polissistema estadunidense por via da tradução está relacionada à questão da patronagem, tal como proposta por Lefevere. Vimos que o contato entre a Host Publications e a escritora se deu em um evento acadêmico onde a fundadora da editora teve a oportunidade de ouvir Evaristo e conhecer um pouco sobre sua obra. A partir de então, iniciou-se o processo de inserção da obra da escritora no contexto estadunidense através de uma editora cujo foco é a publicação de obras estrangeiras traduzidas.

Embora, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, a obra de Evaristo ainda não tenha sido publicada por grandes editoras, o que muitas vezes dificulta a distribuição e a circulação de sua produção, vimos que em ambos os países os exemplares impressos de *Ponciá Vicêncio/ Ponciá Vicencio* se esgotaram e houve uma segunda edição para o romance. Fato que nos mostra que, mesmo em meio às dificuldades de circulação por ter sido publicado e traduzido por editoras pequenas, o romance de Evaristo tem sido procurado e lido no Brasil e nos Estados Unidos.

Gostaríamos de ressaltar a grande importância das entrevistas realizadas para este estudo. Dada a escassez de material sobre a literatura afro-brasileira

traduzida para o polissistema literário estadunidense e a inexistência de estudos anteriores sobre a recepção da tradução da obra de Conceição Evaristo até o momento em que este trabalho foi concluído, a oportunidade de ouvirmos estudiosos da área, a editora que publicou a tradução, a tradutora que cuidou da transposição de *Ponciá Vicêncio* para a língua inglesa, e a própria escritora Conceição Evaristo foi fundamental para que conseguíssemos responder às perguntas que motivaram esta pesquisa.

Concluindo, esperamos que esta pesquisa preste uma contribuição para os estudos de literatura afro-brasileira e para os estudos de tradução, abrindo um caminho que ainda necessita de muita atenção e pesquisa. Esperamos também ter contribuído para a conscientização em relação à importância do estudo das traduções de obras de escritores afro-brasileiros. Por fim, gostaríamos de encerrar esta pesquisa suscitando uma reflexão a respeito da literatura produzida por escritores afro-descendentes. Embora o presente estudo tenha se ocupado da literatura produzida por uma escritora afro-brasileira, traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos, dando atenção aos polissistemas culturais brasileiro e estadunidense e tentando compreender até que ponto a imagem da escritora e de sua obra nesses polissistemas se aproxima ou se distancia, acreditamos que, no cenário mundial atual, talvez seja possível começar a pensar na literatura afro-descendente de uma forma mais global, além das questões nacionais. Vimos que a história do Brasil e a história dos Estados Unidos muito influenciam nas diferentes imagens criadas para a escritora Conceição Evaristo e para a sua obra em ambos os polissistemas. Porém, também pudemos verificar que, pouco a pouco, os reflexos da recepção de *Ponciá Vicêncio* nos Estados Unidos vêm sendo sentidos aqui no Brasil, mesmo não sendo com a intensidade esperada. Ao falar sobre a possível influência que a literatura afro-americana exerce na literatura afro-brasileira, a escritora Conceição Evaristo apontou que

quanto ao é que chamado de influência, eu vejo uma situação mais específica. Para além da influência, principalmente, em nossa situação, em que umas não leram as outras – penso também na escrita africana, ou melhor, na diversidade da literatura produzida no Continente Africano – o que existe é uma experiência comum entre determinados povos. E aqui pensando com Glissant²⁸, me refiro a uma História transversalizada entre a África e a diáspora. A invasão da África pelos colonizadores, o tráfico negreiro, a escravização, a colonização no território

²⁸ GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. de Elnice Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

africano são eventos históricos associados uns aos outros, como as suas consequências também. O processo de colonização sobre o sujeito africano e a escravização dos povos africanos e seus descendentes na diáspora, são experiências que se cruzam, que se assemelham, que se confundem criando registros que podem se imbricar uns nos outros. Em minhas viagens tenho observado como as periferias das cidades parecem umas com as outras. O relato de uma favelada pode ser escrito nas margens do Tietê, em São Paulo, como foi o de Carolina Maria de Jesus, como ser a inscrição de uma vida em Haiti, nos arredores de Luanda ou de uma cidade na Índia... Reafirmo que existe uma experiência comum, mesmo vivenciada em espaços históricos, geográficos e temporal diferentes que atravessam os textos produzidos pelos sujeitos que experimentam a condição de subalternidade e que ensejam movimentos de resistência para escaparem dessa condição. (2013)

Assim, talvez possamos começar a cogitar a possibilidade de estar se esboçando um novo sistema que transcende os sistemas nacionais que sempre foram avessos a essa negritude. É válido refletir se não estaria se formando um sistema de escrita diaspórica, onde a experiência de resistência do negro subalterno, tentando subverter a opressão do poder hegemônico, recebe especial atenção. Um sistema de literatura negra que vai além das fronteiras nacionais, dando voz a essa negritude, por muito tempo calada e excluída e buscando quebrar paradigmas.

Referências Bibliográficas

AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda. (Eds.). *Cadernos Negros/ Black Notebooks – Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement*. Trenton, New Jersey: Africa World Press, 2008.

AIXELÁ, Javier Franco. Culture-specific Items in Translation. In: ALVAREZ, Román; VIDAL, Carmen-África (Eds.). *Translation, Power, Subversion*. Clevedon: Multilingual Matters, 1996.

ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____; DURHAM, Carolyn R. (Eds.). *Finally us: Contemporary Black Brazilian Women Writers*. Colorado: Three Continent Press, 1995.

APTER, Emily. *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

ARAÚJO, Flávia Santos de. *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. 115p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2007.

_____. Uma memória reencontrada: os (des)caminhos na trajetória de *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. *Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura*. 9-11 de outubro de 2007, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/Bahia. p. 1-10.

_____. Righting/Writing the Black Female Body in Contemporary Afro-Brazilian Literature. *Congress of the Latin American Studies Association*, Toronto, Canada October 6-9, 2010. p. 1-13. In: <http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2010/files/3896.pdf>

ARAÚJO, Rosângela de Oliveira Silva. *A “escrivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do*

romance em português e inglês. 198p. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal da Paraíba, 2012.

ARRUDA, Aline Alves. Ponciá Vicêncio, *de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 106p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

BAKER, Mona (Org.). Polysystem Theory. *Encyclopedia of Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1998.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. "No candomblé nada é de graça...": estudo preliminar sobre a ambigüidade nas trocas no contexto religioso do Candomblé. *Revista de Estudos da Religião*, n.1, p. 68-94, PUC-SP, São Paulo, 2005. Disponível em:

http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/t_baptista.htm

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. 1994. 500p. 2v. Tese (PhD) – Centre for British and Comparative Cultural Studies, University of Warwick, UK.

_____. Um perfil da literatura brasileira traduzida em inglês. In: MONTEIRO, Maria José P. (Org.). *Práticas discursivas: Instituição, tradução e literatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 90-103.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André. Introduction: Proust's grandmother and the Thousand and one nights: the "cultural turn" in Translation Studies. In: _____ (Orgs.). *Translation, History and Culture*. London: Pinter Publishers, 1990. p. 1-13.

BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999.

BENTES, Carla Melibeu. *Clifford Landers – tradutor do Brasil*. Rio de Janeiro, 2005. 157p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o Poder Feminino. *Revista de Estudos da Religião*, n.2, p. 1-21, PUC-SP, São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_bernardo.htm

BHABHA, H.K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª Ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009. p. 257-286.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 Ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

CADERNOS NEGROS 13: poesia. São Paulo: Quilombhoje, v.13, 1990.

COFFEY, Michael. Host of New York: House with international bent expands. *Publishers Weekly*. v.23, 2006, New York. Disponível em: <http://www.publishersweekly.com/pw/print/20061211/14949-host-of-new-york.html>

DAVIES, Carole Boyce. *Black, Women Writing and Identity: Migrations of the subjectivity*. New York : Routledge, 1994.

_____. *Moving Beyond Boundaries: International Dimensions of Black Women's Writing*. London: Pluto-press, 1995.

_____. Women and Literature in African Diaspora. In: EMBER, Melvin *et al* (Org). *Encyclopedia of Diasporas, Immigrant and Refugee Cultures around the World*. Nova York: Springer, 2005.

DEGLER, Carl Neumann. *Neither Black Nor White: Slavery and Race Relations in Brazil and the United States*. New York, Macmillan, 1971.

DÉPÊCHE, Marie-France. As traduções subversivas feministas ontem e hoje. *Labys, estudos feministas*. n.1-2, Julho/dezembro 2002. Disponível em: http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/mfd1.html. Acesso em 08/07/2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. Notas sobre a Literatura Brasileira Afro-descendente. In: SCARPELLI, M. F. (Org.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2002, p. 47-61.

_____. Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso. In: MUZART, Zahidé L. (Org.). *Refazendo nós*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 427-450.

_____. O *BILDONGSROMAN* afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In: Marco Antônio Alexandre (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

_____. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Vol. 2 (a).

_____. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Vol. 4 (b).

DUKE, Dawn. *Literary Passion, Ideological Commitment: Toward A Legacy of Afro-Cuban and Afro-Brazilian Women Writers*. Cranbury: Bucknell University Press, 2008.

EVARISTO, Conceição. Maria. *Callaloo*, v.18, n.4. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

_____. *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Ana Davenga. In: SZOKA, Elzbieta (Ed.). *Fourteen Female voices from Brazil*. Austin, Texas: Host Publications, 2002. p. 273-281.

_____. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

- _____. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, n.1, ano 1, p. 52-57, ago. 2005.
- _____. Duzu-Querença. In: ALVES, Miriam; LIMA, Maria Helena (Eds.). *Women Righting: Afro-Brazilian Women's Short Fiction*. Bilingual Edition, London UK: Mango Publishing, 2005.p. 88-99.
- _____. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- _____. *Ponciá Vicêncio*. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- _____. Ditinha. (excerto do livro *Becos da Memória*). *Callaloo*, translated by Ricardo Santos, v.30, n.3, 2007, p. 929-932. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- _____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Marcos Antônio Alexandre (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- _____. *Ponciá Vicêncio*. Traduzido por Paloma Martinez-Cruz. Texas: Host-Publications, 2007.
- _____. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- _____. Discurso na *Primeira Conferência de Escritoras Brasileiras em Nova York* na BEA (Brazilian Endowment for the Arts), Biblioteca Brasileira de Nova York. Em 16 de outubro de 2009.
- _____. Entrevista com a escritora Conceição Evaristo (2007). In: LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. 172p. Tese (Doutorado em literatura brasileira) – Departamento de Teoria Literária e Literatura. Universidade de Brasília. 2009. p. 154-160.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. *Poemas malungos: cânticos irmãos*. 172p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies: Introduction. *Poetics Today*, v. 1, n. 1, 1997 [1990]. p. 1-6. Disponível em:

<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>

_____. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *Poetics Today*. v.1, n.1, 1997 [1990]. p. 45-51. Disponível em:

<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>

FANON, Frantz. *The Wretched of the Earth*. Harmondsworth: Penguin, 1990.

FEITOSA, Lilian Passos Wichert. *Brazilian Women Writers in English: translation of culture and gender in works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, and Ana Maria Machado*. 2008. 511p. Dissertation (PhD). Comparative Literature – University of Massachusetts Amherst.

FERNANDES, Millôr. *The cow went to the swamp ou A vaca foi pro brejo*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

GANNON, Mary. Host Publications. In: *Poets & Writers*. New York, 2006. Disponível em: http://www.pw.org/content/host_publications?article_page=2

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. de Elnice Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005

GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. In: BASSNET, Susan; LEFEVERE, André (Eds.). *Translation, History and Culture*. London: Pinter Publishers, 1990. p. 87-96.

GOMES, Maria Lúcia Santos Daflon. *Identidades Refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira construída por tradução*. 2005. 166p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

- GREEN, Lisa J. *African-American English: A linguistic introduction*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- HALL, S.; du GAY, P. *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications, 1996.
- HANSBERRY, Lorraine. *A Raisin in the Sun*. New York: Random House, 1994.
- HART, Stephen. *A Companion to Latin American Literature*. New York, Boydell & Brewer, 2007.
- HERMANS, Theo. Translation Studies and a New Paradigm. In: _____ (Ed.). *The Manipulation of Literature*. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.
- HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: _____. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies (Approaches to Translation Studies 7)*. Amsterdam: Rodopi, 1988. p. 66-80.
- HUTCHEON, Linda. "Beginning to Theorize Postmodernism". In: NATOLI, Joseph; HUTCHEON, Linda (Eds.). *A Postmodern Reader*. New York: State University of New York Press, 1993. p. 243-272.
- _____. *The Politics of Postmodernism*. London: Routledge, 2000.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Paulo Azevedo Ltda, 1960.
- _____. *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*. Translated by David St. Clair. New York: Dutton, 1962.
- _____. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8ed. São Paulo: Ática, 1993.
- JOBIM, José Luis. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LAMBERT, José & VAN GORP, Hendrik. On describing translations. In: HERMANS, Theo (Ed.). *The Manipulation of Literature*. London: Croom Helm, 1985. p. 42-53.

LANDERS, Clifford. *Literary Translation: a practical guide*. Clevedon: Multilingual Matters: 2001.

LEFEVERE, André. Beyond the Process: Literary Translation in Literature and Literary Theory. In: ROSE, Marilyn Gaddis (Ed.). *Translation Spectrum: Essays in Theory and Practice*. Albany, New York: SUNY Press, 1981.p. 52-59.

_____. Translation: Its genealogy in the west. In: BASSNETT, Susan &LEFEVERE, André (Eds.). *Translation, History and Culture*. London: Pinter Publishers, 1990. p. 14-28.

_____. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Mattos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. 2009. 172p.Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Teoria Literária e Literatura. Universidade de Brasília.

LINDOSO, Felipe. A tradução da literatura brasileira. In: Blog *Cultura e mercado*. 15 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.culturaemercado.com.br/pontos-de-vista/a-traducao-da-literatura-brasileira/>

LIPARINI, Tânia. Abordagem processual nos estudos da tradução In: Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. *A instrumentalidade do modelo Descritivo para a análise de traduções: O caso dos Hamlets brasileiros*. 1999. 319p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- _____. Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica. *Gragoatá*, Niterói, n.13, p. 33-52, 2003.
- NEIVA, Aurora. A relação entre cor e identidade étnica em traduções brasileiras de um romance norte-americano. In: VASSALO, Ligia (Org.). *Estudos Neolatinos 2*. Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras – UFRJ, 1997.
- NEMIROFF, Robert. Introduction. In: HANSBERRY, Lorraine. *A Raisin in the Sun*. New York: Random House, 1994.p. 5-14.
- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral. In: Coleção *Os pensadores*. Trad. Rubens Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1978.
- OLIVEIRA, Emanuelle K.F. *Writing Identity: The politics of Afro-Brazilian Literature*. West Lafayette: Purdue University Press, 2007.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência”: rastros biográficos em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. *Revista Terra Roxa e outras Terras: revista de estudos literários da UEL*, v.17-b, p. 85-94, dez. 2009.
- _____. Resenha: “Escrevivência”: em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.17(2), p. 621-623, mai./ago. 2009.
- OLIVEIRA, Ana Olga Prudente; MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. Nísia Floresta e direitos das mulheres e injustiça dos homens: uma tradução em busca do original. In: *Scripta Uniandrade*, v.10, n.1, p. 25-45, jan.-jun. 2012.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta. In: _____. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 167-192.
- PALMEIRA, Francineide Santos; SOUZA, Florentina da Silva. Representações de gênero e afrodescendência na obra de Conceição Evaristo. *IV ENECULT -*

Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. p 1-13.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*. 2000. 366p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

PRASAD, G.J.V. Post-colonial Writing and Literary Translation. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999.

PUCHEU, Alberto; MEIRA, Caio (Orgs.). *Guia Conciso de Autores Brasileiros./ Brazilian Authors Concise Guide*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Diálogos com a cultura Afro-brasileira. In: *Anais do colóquio dos 30 Anos da Secção Luso-Brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia*, 2008, Varsóvia – Polônia. p. 143-152.

_____. A Identidade Afro-Americana e a Tradução Intercultural. In: GUEDES, Peonia Viana (Org.). *Feminismos, Identidades, e Comparativismos: Vertentes nas Literaturas de Língua Inglesa*. Vol. V. Rio de Janeiro: Elphos, 2007. p. 69-76.

_____. *Escritoras Negras Contemporâneas: estudos de narrativas – Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

_____. Literature, Written Art and Historical Commitment: From Cadernos Negros to Conceição Evaristo. In: TILLIS, A.D. (Ed.). *(Re) Considering Blackness in Contemporary Afro-Brazilian (Con) Texts: A Cultural Studies Approach*. New York: Peter Lang Publishing Inc., 2011.

SANTOS, Gevanilda. *Relações raciais e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo

Negro, 2009.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: Werner Heidermann (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SHUTTLEWORTH, Mark. Polysystem Theory. In: BAKER, Mona (Ed.). *Encyclopaedia of Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1998.

SILVA, Fernanda Felisberto. *Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*. 2011. 141p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Luciana de Mesquita. *Toni Morrison e a Construção de Paraíso: Questões de Crítica Literária e de Tradução*. 2007. 107p. Dissertação (Mestrado em Letras – Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

SILVA, Stefani Edvirgem da. A construção de uma nova identidade literária nas obras de Conceição Evaristo. *Diálogo e interação*, v.1, p. 1-11, 2009. Disponível em: <http://www.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao>

SIQUEIRA, Sonia Aparecida de. Multiculturalismo e Religiões Afrobrasileiras: O Exemplo do Candomblé. *Revista de Estudos da Religião*, PUC-SP, São Paulo, p. 36-55, mar. 2009. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_siqueira.pdf

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendências em Cadernos Negros e jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Rosa Maria Laquimia de. *Similaridades e diferenças: o negro nos Estados Unidos da América e no Brasil segundo Alice Walker e Conceição Evaristo*. 2008. 167p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: ASHCROFT, Bill *et al.*, (Eds.). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1997. p. 24-28.

_____.Diasporas Old and New: women in the transnational world. In: *Textual Practice* v.10, n.2, 1996.p. 245-269.

SZOKA, Elzbieta. *Fourteen Female Voices from Brazil: interviews and works*. Texas: Host Publications, 2002.

TOOGE, Marly D'Amara Blasques. *Traduzindo o Brazil: o país mestiço de Jorge Amado*. 2009. 267p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. The Nature and Role of Norms in Translation. In: _____. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 53-69.

TYMOCZKO, Maria. Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999. p. 19-40.

TYMOCZKO, Maria; GENTZLER, Edwin (Eds.). *Translation and Power*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2002.

VALENTE, Marcela Iochem. *Lorraine Hansberry & A Raisin in the Sun: Challenges and Trends Presented by an African-American Play*. Saarbrücken: Lambert Academic Publishing, 2010.

VENUTI, Lawrence. Translation as Cultural Politics: Régimes of domestication in English. In: BAKER, Mona (Ed.). *Critical Readings in Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2010. p. 65-79.

_____. *The Translator's Invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 2008.

_____. A formação de identidades culturais. In: _____. *Escândalos da Tradução. Por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002. p. 129-167.

_____. Introduction. In: _____ (Ed.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London/New York: Routledge, 1992. p. 1-17.

_____. A invisibilidade do tradutor. Trad. de Carolina Alfaro. *paLavra*, 3, p.111-134, 1996.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. Can Another Subaltern Speak/Write? In: *Renaissance and Modern Studies* 28, 1995. p. 96-125.

WARREN, Kenneth W. *What was African American Literature?* Cambridge: Harvard University Press, 2011.

WATSON, Alexander Francis. *A letra como ela é... O desafio de traduzir os contos de Nelson Rodrigues para o inglês*. 2011. 101p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

WILSON, Ivette M. *Representation of 'Home' in Afro-Latin American Women's Literature*. 2009. 159p. Tese (Phd) – Purdue University, West Lafayette, Indiana.

ZOLIN, Lúcia. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª Ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009. p. 217-242.

_____. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª Ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009. p. 327-336.

Portal Literafro (UFMG). <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>

Blog Talqualmente <http://talqualmente.wordpress.com/>

<http://www.lib.utk.edu/outreach/enews/nov2007/brazil-writers.html>

[http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,oab-tenta-anular-patente-da-marca-
rapadura-na-alemanha-e-nos-eua,153513,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,oab-tenta-anular-patente-da-marca-
rapadura-na-alemanha-e-nos-eua,153513,0.htm)

<http://modadecomidachefcrisleite.blogspot.com.br/2010/06/rapadura.html>

<http://projetoculturaafro.blogspot.com.br/2008/10/rapadura.html>

<http://englishlashley.blogspot.com.br/2011/10/thoughts-on-poncia-vicencio.html>

<http://www2.uol.com.br/millor/aberto/thecow/thecow/index.htm>

Anexos

Entrevista com Eduardo de Assis Duarte realizada por telefone no dia 11 de março de 2013 entre 20:17 e 21:00 por Marcela Iochem Valente

1. Em vários de seus trabalhos e em dissertações e teses que tiveram sua orientação, vemos que o sistema de literatura afro-brasileira ainda é um sistema bastante polêmico e em construção. Qual é o papel de sua recente antologia *Literatura e Afrodescendência no Brasil* nesse processo de consolidação do sistema literário afro-brasileiro?

A questão da literatura afro-brasileira é controversa, há muita polêmica em torno dela, e as pessoas mais tradicionais não aceitam as tendências contemporâneas dos estudos literários. Há uma série de colegas que não admitem que se fale em crítica pós-colonial ou em estudos culturais, por exemplo. Mas eu acho que a universidade é o lugar desse debate. O papel da antologia, a nosso ver, é colocar em discussão essas alternativas. Nós não pretendemos, de maneira nenhuma, estabelecer um cânone alternativo à literatura brasileira tradicional ou à literatura brasileira canônica. Nós pretendemos, na verdade, trazer elementos de reflexão a respeito de escritores que nunca entraram na chamada literatura brasileira e que estão aí o tempo todo publicando e, lamentavelmente, sendo esquecidos, pela instituição universitária. Então, o papel principal da antologia é possibilitar alguma divulgação, jogar alguma luz, trazer algum conhecimento a respeito de autores que, via de regra, não compõem o quadro ou os quadros da chamada literatura brasileira. A literatura brasileira, sobretudo a contemporânea, uma literatura brasileira mais convencional, digamos assim, é uma literatura centrada no eixo Rio-São Paulo, e é uma literatura que, por isso mesmo, deixa de fora uma série de textos e de autores que tiveram circulação apenas nos estados, nas regiões mais longínquas do país. Essas pessoas realmente ficam de fora. Então, o papel da antologia é no sentido de se juntar a uma série de outros questionamentos, por exemplo, à antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*, que também cumpre esse papel, revelando mais de 100 autoras brasileiras que publicaram no século XIX e, no entanto, não fazem parte da história literária. Desses 100 escritores que estão inclusos na antologia, talvez uns 10% façam parte da história da literatura

brasileira, os outros 90% não fazem. Portanto, o objetivo principal, quando nos dispusemos a realizar esta pesquisa junto com os outros colegas (e esse não é um trabalho só meu, esse é um trabalho que reuniu uma série de pessoas de todas as regiões do Brasil, nós somos um total de 61 pesquisadores), o objetivo principal da antologia foi jogar alguma luz sobre esses autores que estão aí esquecidos e, muitas vezes, propositadamente, pelo fato de assumirem uma posição mais explicitamente política nos seus textos. Muitas vezes esses autores não são considerados autores de literatura, mas sim figuras panfletárias, militantes, pessoas do movimento negro, porque realmente há um formalismo muito grande na academia, que, em alguns casos, não aceita como literatura nem mesmo a poesia política de Carlos Drummond de Andrade. Há colegas que acham que o verdadeiro Drummond é aquele de depois da guerra, e os poemas que Drummond escreveu entre 1940 e 1945, quer dizer, obras primas que estão no *José*, na *Rosa do Povo*, no *Sentimento do mundo*, nada daquilo é poesia. Então há essa questão toda, há um formalismo ainda muito grande na academia e o papel principal, de maior relevo que eu vejo na antologia é exatamente esse, é trazer elementos novos para se discutir a história da literatura brasileira e para se questionar esse cânone que aí está estabelecido.

2. Enquanto no Brasil a literatura afro-descendente ainda não alcançou o espaço e o reconhecimento devido, percebemos que no exterior os estudos sobre obras produzidas por escritoras afro-brasileiras vêm crescendo a cada dia e algumas delas como Geni Guimarães, Conceição Evaristo e Miriam Alves têm recebido grande atenção, estando presentes em antologias como *Moving beyond boundaries: International Dimensions of Black Women's Writing* (1995), organizada pela reconhecida pesquisadora Carole Boyce Davies. A que poderíamos atribuir posicionamentos tão diferentes em relação à literatura produzida por afro-descendentes nos EUA e no Brasil?

Os Estados Unidos têm uma história de democratização das populações negras e da cultura negra muito anterior ao Brasil. Os Estados Unidos têm toda uma história desde o século XIX, com a grande massa de pessoas negras alfabetizadas. Se pensarmos na década de 1870, que é quando se faz o primeiro censo da população brasileira, que começou em 72 e o resultado só foi divulgado em 76, veremos que somente 14,6% da população sabia ler, 84% da população brasileira

era analfabeta. Se pegarmos esses mesmos dados, nessa mesma época, na cidade de Nova York, teremos o oposto. Em Nova York, mais de 80% da população naquela época já era alfabetizada, e evidentemente, com toda a apartação racial que aconteceu nos estados Unidos, foram abertas escolas para negros, universidades para negros, enquanto que aqui no Brasil, debaixo da camuflagem chamada democracia racial, o que ocorreu na prática foi que os negros foram impedidos de se educar, porque tinham que trabalhar horrendamente, quase que como escravos novamente para que pudessem se manter. Então, eu acredito que essa recepção diferenciada entre Brasil e Estados Unidos é uma questão que se explica pela história, isso se explica pelo tempo histórico que cada país vive no século XXI. Nós agora é que estamos começando um processo de ações afirmativas, de cotas e coisas desse tipo, que já aconteceram nos Estados Unidos há 50 anos. Eles têm um presidente negro. Quando é que nós vamos ter um presidente da República negro no Brasil? Essa é a questão. São dois processos históricos bastante distintos e que, de fato, vão ter um impacto na questão da literatura, porque a literatura não está isolada da sociedade, a literatura está num contexto bem amplo, e contexto esse que passa pelo racismo, que passa pela discriminação do negro, que passa pelo rebaixamento da cultura afro-brasileira ou afro-descendente, e por aí vamos, enquanto que, nos Estados Unidos, esse processo já foi superado há algumas décadas. Não que não exista racismo lá, é claro que existe racismo lá, mas o respeito ao trabalho do negro nos Estados Unidos é muito maior do que o que existe aqui no Brasil. E também tem um outro detalhe importante, não do ponto de vista da universidade mas em termos do grande público: lá você tem uma população de leitores muito maior que no Brasil. As pessoas lêem, as pessoas têm uma escola que exige muito mais leitura, as pessoas passam por um sistema escolar onde a literatura é muito mais valorizada do que aqui. Então, há a questão do hábito de leitura do americano também, que é muito mais intenso do que o brasileiro. Agora, a questão do valor que se dá a cada uma dessas escritoras lá e cá, eu penso que passa por isso. Lá você tem muito mais cidadãos e cidadãs negras em altos postos de responsabilidade, seja no poder público, seja no sistema de ensino. Você tem realmente um desenvolvimento social em que o negro faz parte dele, ele não está apartado dele. Agora, no Brasil, é que nós temos um presidente do Supremo Tribunal Federal negro, semana passada foi empossado um segundo, no Tribunal Superior do Trabalho, pela

primeira vez na história, o TST elegeu um juiz negro. Há um descompasso histórico muito forte entre Brasil e Estados Unidos. Eu acho que se isso não explica, pelo menos ajuda a entender um pouco essa recepção diferenciada. E também acho que lá se dá muito mais valor à literatura do que aqui. Até mesmo em termos numéricos, como os economistas gostam de dizer, em termos de mercado (queiramos ou não a literatura é uma mercadoria, o livro é uma mercadoria), lá você tem um mercado consumidor muito maior. Então, alguém quando chega a ganhar um prêmio qualquer, um Pulitzer, por exemplo, ou um outro prêmio literário, ou mesmo um Nobel, ele é lido por milhões de pessoas. Aqui no Brasil você só tem dois que são lidos por milhões de pessoas, o Jorge Amado e o Paulo Coelho, que pra mim não é um escritor, mas um vendedor de livros. Eu acho que essas questões contextuais também pesam na recepção da obra. Não é que nós não saibamos reconhecer o valor literário das obras, nós sabemos sim, mas nós temos menor número.

3. Você acredita que esta visibilidade que as escritoras afro-brasileiras vêm alcançando no exterior possa provocar mudanças no cenário brasileiro?

Olha, muito pouco, muito pouco, viu. Eu respondi a essa pergunta na Universidade de Brown, em novembro passado, quando estive lá com a Conceição Evaristo. Eu até brinquei com os alunos que Brown é Brown, não é, pois faz parte daquele círculo restrito das grandes universidades americanas. É lógico que se alguém de Brown faz uma tese sobre essas autoras, isso tem uma chance muito grande de virar livro, de ser publicado e coisas desse tipo, mas no geral, eu acho que essa é uma luta que tem que ser realizada aqui no Brasil mesmo. No geral, nós temos que fazer cumprir uma lei que já existe há mais de 10 anos e que não é cumprida na sua totalidade pela falta de informação, pela falta de formação dos professores, pela falta de material didático-pedagógico, que é essa questão da obrigatoriedade de você trabalhar no ensino médio e fundamental a história e a cultura afro-brasileiras. Então, eu acho que é uma batalha nossa aqui no Brasil, é uma construção, é diária, é um tijolinho todo dia, é toda hora, nós estamos em um processo de construção. Eu penso que o fato de uma ou outra escritora ser mais traduzida, ser mais divulgada no exterior, principalmente nos Estados Unidos, que não é a mesma coisa, por exemplo, da França, ou de Portugal, onde os próprios escritores africanos têm dificuldade de penetração, eu

penso que dada a corrente histórica de diálogo entre os Estados Unidos e o Brasil, os teóricos, as teses, os livros, enfim, tudo o que é produzido lá tem certa repercussão aqui, então a gente espera que tenha, sim, uma grande repercussão, mas eu não acredito que isso seja algo fundamental para que se altere hoje o panorama existente no Brasil.

4. Ao seu ver, qual é o lugar ocupado por Conceição Evaristo e sua obra no Brasil?

Olha, essa é uma pergunta bastante interessante, e também bastante difícil de responder. A Conceição pra mim é um fenômeno. A partir de uma editora pequena aqui de Belo Horizonte, que é a Mazza Editora, ela conseguiu vender milhares e milhares de exemplares do romance *Ponciá Vicêncio*. É claro que houve a ajuda de algumas instituições, como as universidades que adotaram o romance em seus vestibulares. Tudo isto impactou bastante, mas a Conceição vem dia-a-dia, mês-a-mês, ampliando o seu círculo de leitores. Ela é uma escritora bastante produtiva que tem muita coisa guardada. Eu a conheço desde os anos 70, somos amigos há mais de 30 anos, portanto, e vejo que há muito tempo Conceição vem com coisas prontas e não consegue espaço para publicar. Agora é que esse quadro tem se modificado. Ela inclusive foi convidada recentemente para publicar um livro coletivo em homenagem a Clarice Lispector junto com escritores de renome, inclusive figuras de renome no exterior, como Maria Tereza Horta. Eu penso que a Conceição, de todas as escritoras negras brasileiras, é a que mais visibilidade tem. Não estou dizendo que ela está sendo canonizada, não é isso, mas eu penso que ela conseguiu realmente furar um bloqueio muito forte. Sua obra não está publicada ainda por nenhuma grande editora, ela vem publicando em editoras menores, e vem tendo muito sucesso apesar disso, e dos problemas com a divulgação, e a distribuição de seus livros, problemas característicos de editoras pequenas que não têm capital para investir na divulgação, propaganda, distribuição, coisas desse tipo. Nós ainda temos um mercado editorial no Brasil bastante precário, com pequenos livreiros que vivem “dando cano” nas editoras ou livrarias que fecham e somem de uma hora para outra, são problemas do nosso subdesenvolvimento literário. Mas, de todas as escritoras negras brasileiras contemporâneas, Conceição Evaristo é a que mais tem conseguido espaço para além dos círculos tradicionais de divulgação e circulação da literatura negra ou

afro-brasileira. Agora, dado o talento dela, inegável, já passível de ser comprovado não apenas na poesia dela, mas nos contos e nos dois romances que ela publicou, eu penso que os próximos livros que ela for lançar vão ter cada vez uma repercussão maior. Isso é bom pra ela e é muito bom para a literatura, mas daí a dizer que ela vai ser um nome no cânone brasileiro... é muito arriscado afirmar isso. É arriscado porque o cânone ainda é muito refratário a mudanças e a novidades. Eu tenho vários colegas que dizem “sou professor de literatura e só trabalho com autores mortos

Sim, sim, respondeu sim Eduardo. Eu queria te agradecer muito por esta entrevista porque, como falamos inicialmente, tem muita coisa sendo produzida sobre literatura afro-brasileira, sobre Conceição Evaristo, mas tudo isso ainda está bastante restrito a academia e bastante recente ainda. E, no caso dos estudos de tradução e da recepção do romance, não há material disponível até o momento. A minha tese é a segunda sobre a tradução de *Ponciá Vicêncio* – sendo a primeira extremamente recente, concluída no ano passado e trabalhando basicamente com aspectos microtextuais – e é a primeira a investigar questões relacionadas à recepção do romance nos Estados Unidos e os possíveis reflexos de tudo isso aqui no Brasil. Como eu me propus a analisar a imagem dela aqui e a imagem dela lá através da tradução, creio que essas conversas que venho tentando ter com as pessoas que já estão estudando a literatura afro-brasileira há algum tempo sejam bastante importantes para que possamos compreender um pouco sobre a repercussão dessa tradução.

Veja bem, eu só queria complementar uma coisa. Há um dado inegável, de natureza biográfica, que aproxima Conceição Evaristo de Carolina Maria de Jesus: ambas nasceram em favelas. A Conceição nasceu no morro do Pendura Saia, em Belo Horizonte, ela inclusive descreve muito diplomaticamente, muito literariamente, a demolição dessa favela em *Becos da memória*, que ela não nomeia, ninguém sabe que é uma favela de Belo Horizonte, ninguém sabe que é uma favela do Brasil, pode ser uma favela de qualquer lugar do mundo, do México, da China, de qualquer lugar. Conceição viveu todo esse drama e ela coloca isso em *Becos da memória*. Então veja bem, uma coisa que a gente não

pode perder de vista é a perspectiva histórica. Conceição Evaristo é herdeira de Carolina Maria de Jesus. Ninguém escreveu nada sobre isso ainda. Eu acho que se na sua tese você está pensando em repercussão no Brasil e repercussão nos Estados Unidos, eu penso que para os Estados Unidos isso tem um valor diferente do Brasil. Aqui, inclusive escritoras negras, como é o caso da Marilene Felinto, vão para o jornal para falar mal de Carolina Maria de Jesus e dizer que Carolina não é escritora. Ora, a Carolina é traduzida em 14 línguas e não é considerada escritora, apenas uma favelada que sabia falar português. A Conceição vem do mesmo contexto, que é o contexto de miséria absoluta, de luta pela sobrevivência no dia a dia, a Conceição tem histórias impressionantes dela na favela. Então, veja só, ela é herdeira da Carolina, mas ela dá um passo adiante, e esse passo é o ensino, o estudo. Conceição é uma mulher que conseguiu estudar, fazer mestrado, doutorado, mas isto a duras penas, porque ela só terminou o ensino médio aos 25 anos de idade, e só terminou o doutorado depois dos 60. Eu queria que você pensasse nesse elemento nas suas comparações com os Estados Unidos. Você pode ter certeza que lá nos Estados Unidos a Carolina Maria de Jesus é muito mais respeitada como escritora do que aqui no Brasil. Porque é outra mentalidade. Porque é um contexto em que vê a situação do negro de forma muito diferente das elites brasileiras brancófilas, adeptas da branquitude e do rebaixamento do negro a uma condição não intelectual. Então eu penso que a vinculação entre essas duas autoras pode também render alguma reflexão interessante para a sua tese, nem que seja na sua introdução. Eu gostaria que você pensasse nisso.

Com certeza, eu acho que falando em literatura afro-brasileira é impossível não mencionar a Carolina ao menos. Inclusive uma coisa interessante foi que, a Elzbieta, que foi quem na verdade decidiu traduzir *Ponciá*, falou que até conhecer Conceição Evaristo em um evento, se não me engano um “Mulher e Literatura” em 2001, só tinha ouvido falar de Carolina até então.

É exatamente isso. Daí você vê a importância da universidade, a importância do nosso papel e de estarmos falando nesses assuntos “proibidos”. Isto porque a história da literatura, assim como toda e qualquer história, é algo a ser reescrito todos os dias. É algo a ser recontado, reescrito, repensado, constantemente. Porque se não ficamos presos a uma história que escreveram antes da gente e que

a gente acredita que é verdadeira. E sabemos que toda história é antes de tudo uma narrativa. Então tem um narrador, tem um ponto de vista, tem uma perspectiva que está ali por trás da narração da história. O fenômeno Carolina de Jesus nos Estados Unidos é um e, no Brasil, é outro. Basta perceber o absoluto ostracismo em que está Carolina de Jesus hoje, ela não faz parte de nenhum programa universitário, ela não é lida em canto algum, é apenas o fenômeno de uma catadeira de papel que publicou um diário nos anos 60 e ponto. Não é escritora. Ninguém chama Carolina de Jesus de escritora. Conceição sim. Então você vê que seria possível fazer um link entre essas duas. Um fenômeno de recepção literária. Por exemplo, quantos livros vendeu Carolina nos Estados Unidos? E aqui? Sem dúvida, ela foi sucesso aqui e me parece que vendeu mais de 100 mil, mas certamente lá foi mais. Então, essas coisas todas pra mim fazem parte de um processo histórico único que diz respeito à aceitação do negro nos lugares do branco, nos lugares historicamente ocupados apenas por brancos. Nos Estados Unidos esses lugares vêm sendo preenchidos por negros bem antes de nós. Acho que o nó principal da questão está por aí. A literatura não está desvinculada da sociedade. A literatura não está desvinculada da história. Portanto, lá você tem uma sociedade muito mais avançada em termos de respeito pelos afro-descendentes do que nós temos aqui. E isso se reflete na produção cultural. A cultura negra no Brasil é só o samba e acabou. Haja vista o que se diz do Nei Lopes, um intelectual com 25 livros publicados e que continua sendo chamado apenas de sambista. Com todo o respeito pelo samba, e ele é grande nisto, mas é muito mais do que um sambista. Enfim, a coisa passa por aí. São lugares distintos que o negro ocupa aqui e lá.

Entrevista concedida pela tradutora Paloma Martinez-Cruz no dia 20 de março de 2013 por e-mail.

Como surgiu o convite para fazer a tradução de *Ponciá Vicêncio*?

I was a former student of Dr. Elzbieta Szoka at Columbia University in the City of New York, and after graduation, I remained in contact with her. I had let her know that I was interested in translation, and she recommended me to Host Publications to translate the book. She knew that I had long been developing inquiry in the area of hemispheric Latin American studies, feminist studies, Afro-Latino diaspora, and had been to Brazil on several occasions to do independent research.

Você já conhecia a obra e sua autora antes de ser convidada para fazer a tradução?

I was not familiar with either before I had been invited, but had done studies on race and identity in Brazil.

Como você se tornou tradutora de português-inglês?

There were many reasons. I had long been fascinated by Brazilian culture. Jerry Carlson, who taught Brazilian film at The City University of New York, called himself a “happy fanatic,” and that seemed to be what I was. I was in love with many aspects of Brazilian culture and Portuguese language. I started learning Portuguese as an undergraduate at UC Berkeley, and one of my instructors loaned me *The Surprise of Being* by Fernando Pessoa. The poetry, translated by James Greene and Clara de Azevedo Mafra, was entirely different in English and in Portuguese. The impossibility of translating a romance language as fluid as Portuguese into English both thrilled and horrified me. The voicings resonate in such distinctive ways. I enjoyed this particular aspect of the challenge.

Qual é a sua familiaridade com a literatura afro-brasileira?

Literature and popular culture of Afro-Brazil are an important part of hemispheric diversity and resistance. On several occasions, I have taken students from the Chicago area to Salvador da Bahia to learn about Afro-Brazilian culture on short-term, three week trips. We examine race, class, and gender, and make important, but ultimately problematic, comparisons between the phenomenon of race in the

U.S. and in Brazil. In my literature and culture classes, I tend to include aspects of music, dance, religion, and writing. The solutions offered in the works of Jorge Amado have been important, because they are very accessible to my students. The films of the Cinema Novo generation and beyond are also prominent in my teaching. I find I rely on popular culture and performance more than on literature in my classes, because we are dealing with a long history in which non-whites were systematically excluded from the national literary canon.

Qual foi a sua estratégia tradutória ao levar *Ponciá Vicêncio* para a língua inglesa?

In my translation, I had to work hard to conserve the musicality of Portuguese in English, while maintaining the spare, yet eloquent feel of Evaristo's art. There is a lot of silence in the book. Her narrative is populated by people with little access to verbal authority. I needed to try and convey this, while at the same time engaging Evaristo's sophistication. It took a long time!

A tradução possui uma introdução de sua autoria. Essa introdução foi exigência da editora ou foi uma necessidade apontada por você enquanto tradutora?

Host Publications requested an introduction, and I saw the logic of including for a few important reasons. Afro-Brazilian feminist writing does not frequently find national distribution, and the significance of this migration needed to be emphasized. Secondly, there needed to be a space to point out some of the ways that the politics of race, and Evaristo's critique of race, have unfolded in Brazil. A princess waving a magic wand, for an Afro-Brazilian readership, might easily evoke the idea of Princess Isabel and the Lei Aurea, but we wanted to provide the United States readership the opportunity to have some information about this dynamic. Finally, we did not want to put out a book that was encumbered by italics or footnotes to explain certain words or ideas, so the introduction was a place where I provided some remarks about our stylistic approach.

Até que ponto você considera que a tradução cumpriu o que foi prometido na introdução? E até que ponto as exigências da editora influenciaram no produto final?

When Conceição Evaristo asked a trusted collaborator to verify that my translation was loyal to the original text, she and her collaborator both congratulated me on the job I had done. One thing about translating a living author's work is that you are afraid of letting someone down, and dealing with the consequences of a translation that has the potential to impede the recognition and distribution that it deserves. Translation is a joyful, but also frightening, responsibility. Ultimately, the authors and the publishers felt that I had done the work justice. And the staff of Host Publications and I always had a good rapport and enjoyed working with each other. We had the same ideas about the approach we wanted to take.

Você tem algum conhecimento sobre a recepção que a obra vem encontrando nos Estados Unidos?

I have been excited to read promising reviews, and learn that the book is on suggested reading lists for people who are interested in Brazilian travel and culture.

Entrevista concedida no dia 03 de abril de 2013 por e-mail, enviada por um dos diretores da Host Publications, Becky Garcia (Director of Development), que informa ter transcrito as respostas de Joe Bratcher, fundador da Host, às minhas perguntas.

Dear Marcela,

I talked to Joe and have written down what he related to me. I hope this helps.

Becky

1. Although I have already read some articles about Host, there is not extensive material published about Host's projects. Could you tell me a little about Host?

Founded in 1987 in Austin, Texas, Host Publications is a press dedicated to bringing English-speaking readers the best in literature from around the world through inspired translations, bilingual poetry editions and exciting writing from the United States. Since its inception, Host Publications has published works from countries including Brazil, Poland, Chile, Belgium, China, Germany and the United States. From works by Nobel Prize winners Pablo Neruda & Wislawa Szymborska to Cervantes & Neruda Prize winner Nicanor Parra and local Texas writers like Texas Institute of Letters prize winner Dave Oliphant, Host Publications is committed to identifying prominent authors and their works and bringing these to U. S. readers, many in English for the first time.

Host also publishes a literary journal called The Dirty Goat that presents cutting edge drama, prose, visual art and interviews from across the globe.

2. How did you know Conceição Evaristo's novel *Ponciá Vicêncio*?

Ms. Evaristo had been featured in Host's "Fourteen Female Voices from Brazil" (Host, 2002). At the time, she had already been published in a number of different anthologies and she was a professor of Brazilian Literature at the Catholic University in Rio de Janeiro while pursuing her doctorate. Following that, as is the case with most of the books we have published, a portion of the translation of Poncia Vicencio appeared in our literary magazine, The Dirty Goat, in 2006.

3. What were the motivations for translating *Ponciá Vicêncio* into English?

As with all of Host's titles, we feel that Ms. Evaristo has a wonderful voice and tells a story that is not often represented in English-language literature.

4. What is the expected audience to this publication?

Anyone who enjoys excellent literature! This book has proven popular in universities and in Brazilian studies programs.

5. What was the Translation Project to *Ponciá Vicêncio*?

We found our translator through professional contacts and the project went smoothly.

6. Could you tell me a little about the distribution and the critical reception of *Ponciá Vicêncio* in the USA?

As part of the launch, Host brought Ms. Evaristo to the US and she did a book signing tour across the US. She was well received in each location and attendees were very positive about the book.

There was one review from Rain Taxi that we chose to highlight on Amazon:

“Ponciá Vicencio should stir the literary waters and create a readership not only for Evaristo, but for this emerging and important segment of writers”. --Rain Taxi Review of Books, Vol. 12, No. 2

As a first English-language novel for Ms. Evaristo, she had a double difficulty of being both a debut author and a new English-language voice. However, as the novel becomes more known (thanks in part to Ms. Evaristo's speaking engagements and teaching assignments in the United States), we have seen steady sales that prompted a second printing of this title, something that is not the norm for the literature we offer.

7. How was the choice of the translator to *Ponciá Vicêncio*? What aspects were considered?

Someone who is no longer with the company made this decision.

8. What about the decision to have the Brazilian researcher Heloisa Nascimento doing the review of the translation? How was it taken?

I'm sorry, we have no information on this.

9. To what extent has Heloisa Nascimento influenced the final product?

She has not. Joe is not familiar with this person (of course it has been a long time).

Troca de e-mail com o diretor Becky Garcia, da Host Publications, em 20 de maio de 2013 por e-mail.

Dear Becky,

Sorry for taking your time once again but I would like to ask you a question about the sales of *Ponciá Vicêncio* in the USA. Could you inform me the number of books sold in the first and the second print run?

Thank you

Marcela

Here's what we have:

The first print run was 1000 softcover, 250 hardcover and that is sold out.

Of the second print run, we have sold about 200 softcover.

Hope that helps!

Becky

Entrevista com a escritora Conceição Evaristo realizada no dia 16 de maio de 2013.

1. Durante muito tempo acreditou-se que as relações raciais no Brasil não são desiguais como ocorre no contexto estadunidense, por exemplo, e que aqui viveríamos em uma suposta democracia racial. As elites políticas e intelectuais, assim como a mídia, buscaram fortalecer essa imagem do brasileiro cordial e com isso, “debate[s] sobre temas relativos ao preconceito racial, à prática discriminatória e à concepção do racismo no Brasil [foram] afastado[s] da História, dos currículos escolares, do cotidiano do jovem leitor e de toda a sociedade”(p.21), como aponta a socióloga Gevanilda Santos em seu livro *Relações raciais e desigualdade no Brasil (2009)*. Como você vê a influência da literatura produzida pelas mulheres, negras no Brasil nas discussões sobre raça no país?

A influência da literatura produzida por mulheres negras nas discussões de raça ainda se dá de forma muito pequena. Entretanto, as nossas vozes, enquanto militantes do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, têm ajudado gerar algumas políticas públicas, notadamente nas áreas da educação e da saúde. E quando digo como “militantes do MN”, baseio-me no fato de que tanto as escritoras, como os escritores negros contemporâneos, quando não se formaram dentro do MN, foram contaminados, em algum momento, pelos discursos reivindicativos e afirmativos de uma identidade negra brasileira, propalados no interior e fora do movimento. Tanto os discursos do MN contaminam a nossa criação literária, como a nossa criação literária influencia e ajuda organizar o discurso da militância negra. Quanto ao aproveitamento dos textos de autoria de mulheres negras, observa-se uma divulgação maior nos estudos de literatura e na área da educação, embora, possam ser encontradas também pesquisas sobre nossos textos, no campo da história, da psicologia e da comunicação.

2. Ao seu ver, até que ponto a consolidação da literatura afro-brasileira, assim como o crescimento do movimento negro no Brasil, sofreram e sofrem influência da literatura afro-americana?

Aqui se tem uma série de questões e cabe uma longa discussão. Começo pelo aspecto mais polêmico: a luta brasileira pela implantação das Ações Afirmativas. Fomos acusados de estarmos copiando um modelo de luta empreendido pelo negro americano. Voltemos a décadas passadas. Nos anos 70, um movimento cultural negro, o famoso “soul”, cultivado pela juventude negra brasileira, notadamente no Rio, foi visto como se os jovens negros brasileiros tivessem simplesmente imitando a juventude negra dos Estados Unidos. Entretanto, nesse mesmo momento, as boites da zona sul carioca estavam apinhadas de jovens brancos das classes médias com suas roupas americanas, suas músicas em inglês, cultuando fervorosamente seus ídolos americanos e outros estrangeiros. Muitos desses jovens abastados iam estudar nos Estados Unidos ou saiam para visitar o sonho americano... Entretanto, só a nós foi e é imputada a pecha de uma imitação. É como se não tivéssemos uma capacidade de análise, de diálogo, de recolha e de descarte do que não nos interessa. Voltando à acusação de que as Ações Afirmativas que reivindicamos é uma cópia do Movimento Negro Americano, é interessante observar que em geral, a militância negra americana discorda do modo como organizamos a nossa luta. Para muitos daqueles militantes, a luta dos negros brasileiros se dá mais no campo cultural do que no político. Eles não nos consideram imitadores deles. E quando na década de 70, juntamos as nossas vozes a deles, para repetirmos “black is beautiful” e muitos de nós aderimos ao “Black Power”, como moda em nossos cabelos, não olhávamos só para os Estados Unidos. Nossos pensamentos e linhas de ações estavam também em diálogo com o Continente Africano. Acompanhávamos o “apartaid” da África do Sul, enquanto denunciávamos outro, o “apartaid nosso de cada dia”, que aqui acontecia, encoberto pela capa do discurso da “democracia racial brasileira”. Poucos sabem, e não consigo precisar a data, mas creio que foi nos meados dos anos de 80, o MN encampou um abaixo-assinado, que pedia ao governo brasileiro o rompimento diplomático com a África do Sul, em função do “apartaid” e da prisão de Nelson Mandela. Não me perguntem se fomos ouvidos. Já nos anos 70 acompanhávamos também o que acontecia no Zaire, no Congo e em outras colônias africanas que lutavam para se livrar do jugo do colonizador. Patrice Lumunba era um nome que ecoava entre nós e não só o de Martin Luter King, Stloly Carmicael ou Max X. A assunção de nossa negritude passava pelas ideias de retorno às fontes propagadas por Leopold Sedar Senghor e pelas ideias revolucionárias de Frantz Fanon e Aimé

Cesaire. As lutas de libertação das colônias portuguesas nos falavam mais de perto. Agostinho Neto, Amílcar Cabral, dentre outros, se constituíam como nossos gurus. Cuba, na medida em que criamos que o socialismo resolveria colocaria brancos e negros em condições de igualdades, nos inspirava também.

Quanto à literatura, particularmente, afirmo, *Becos da Memória*, *Ponciá Vicêncio*, os muitos contos e poemas de *Cadernos Negros* foram escritos antes de eu ler as escritoras afro-americanas. Não leio inglês e não temos tantas obras de autoria negra americana traduzida no Brasil, o que lamento. Meu contato com as escritoras americanas, em termos de leituras de seus textos, aconteceu praticamente a partir de 2007, quando *Ponciá Vicêncio* foi traduzido para o inglês e começaram surgir leituras comparativas do livro, com as obras de Toni Morrison e Alice Walker. É preciso pontuar que a descoberta de nossos textos se dá por estudiosas de literatura afro-americana produzida por mulheres. O estudo da autoria negra americana acaba por suscitar nas pesquisadoras, a pergunta se no Brasil não haveria algo semelhante. Creio, pois que esses estudos, (falo também como pesquisadora) não consolidam o objeto, pois o objeto já existe, mas buscam conceituar (exercício perigoso) e mesmo provar a existência do mesmo, que embora existindo em sua materialidade, por mil motivos, é desconhecido e dado como inexistente, pelos estudiosos da literatura e pelos leitores em geral. Esses estudos constroem novos espaços de circulação, de compreensão, de recepção para esses textos, que na maioria das vezes já circulavam, em espaços diminutos, mas circulavam.

E quanto ao é que chamado de influência, eu vejo uma situação mais específica. Para além da influência, principalmente, em nossa situação, em que umas não leram as outras, – penso também na escrita africana, ou melhor, na diversidade da literatura produzida no Continente Africano – o que existe é uma experiência comum entre determinados povos. E aqui pensando com Glissant, me refiro a uma História transversalizada entre a África e a diáspora. A invasão da África pelos colonizadores, o tráfico negreiro, a escravização, a colonização no território africano são eventos históricos associados uns aos outros, como as suas consequências também. O processo de colonização sobre o sujeito africano e a escravização dos povos africanos e seus descendentes na diáspora, são experiências que se cruzam, que se assemelham, que se confundem criando registros que podem se imbricar uns nos outros. Em minhas viagens tenho

observado como as periferias das cidades parecem umas com as outras. O relato de uma favelada pode ser escrito nas margens do Tiete, em São Paulo, como foi o de Carolina Maria de Jesus, como ser a inscrição de uma vida em Haiti, nos arredores de Luanda ou de uma cidade na Índia... Reafirmo que existe uma experiência comum, mesmo vivenciada em espaços históricos, geográficos e temporal diferentes que atravessam os textos produzidos pelos sujeitos que experimentam a condição de subalternidade e que ensejam movimentos de resistência para escaparem dessa condição.

3. Como você tem visto a recepção crítica do seu trabalho no Brasil? E a recepção do público?

A recepção crítica de meu trabalho tem sido uma surpresa para mim e uma descoberta de meus próprios textos. Não tenho tido tempo para ler tudo o que escrevem sobre os meus trabalhos e para ser sincero evito um pouco essa leitura. Tenho receio de ser influenciada pelo que dizem e pelo esperam dos meus textos, na hora de compor nova escrita. Na maioria das vezes, tomo conhecimento da crítica ao participar em encontros de literatura, procuro ouvir as comunicações que são apresentadas sobre os textos de minha autoria. Quando a crítica aparece publicada e se o livro me é oferecido, normalmente leio os ensaios. Tenho afirmado que o livro *Ponciá Vicêncio* foi um texto que o público leitor me ensinou a gostar. Os comentários e depoimentos sobre o livro me induziram a ler e reler o romance e a gostar dele também. A recepção do público desde o primeiro lançamento em 2003, a 2ª edição, em 2005, a edição especial em 2006 para o vestibular na UFMG, nos CEFETs de Minas Gerais, nas 4 faculdades particulares mineiras, na UEL de Londrina de Londrina tem sido ótima. *Becos da Memória*, o segundo livro publicado, embora tenha sido escrito primeiro, também teve uma boa. Parte da história de Ditinha, uma das personagens emblemática do livro, aparece traduzida para a língua inglesa e publicada nos Estados Unidos. A antologia *Poemas da Recordação e outros movimentos* teve também uma boa recepção do público leitor e mesma afirmativa pode ser feita em relação ao livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*

4. E nos Estados Unidos? Como o público e a crítica tem recebido Ponciá Vicêncio?

Nos Estados Unidos tem sido ótima também. Após o lançamento foi em 2007, já houve recentemente uma reimpressão. Em visitas a universidades americanas, nos programas de Estudos Latinos Americanos e Brasileiros tenho encontrado turmas de graduação e pós-graduação lendo e estudando o livro. Há também pesquisas comparativas com outras escritoras afro-americanas, já defendidas, em nível de mestrado e doutorado.

5. Sabemos que no Brasil Ponciá Vicêncio vendeu cerca de 20 mil exemplares em suas duas edições publicadas. Você tem algum feedback quanto a vendagem da tradução de Ponciá?

Não, não tenho.

6. Como funcionou a questão dos direitos autorais da tradução? A editora comprou os direitos autorais ou você recebe-os de acordo com a vendagem do livro?

A Host Publications comprou os direitos de tradução para a língua inglesa na época.

7. Em 30 de novembro de 2012 foi lançado o seu blog “Nossa Escrevivência”. Como esse projeto foi idealizado? Que público você espera? Quais os seus objetivos com o blog? O que você espera desse seu novo trabalho [o blog]?

O blog foi gerado depois de muita insistência de algumas pessoas próximas a mim, que preocupam com a divulgação de meu trabalho e também pela constante pergunta de pesquisadores e leitores se eu tinha blog, face e outras formas de divulgação e de contato com público. Se dependesse só de mim, eu não teria um blog. Não me sinto atraída por certas ferramentas da modernidade. E para dizer a verdade o computador me cansa. Se estou lendo um livro, mesmo se não for uma leitura muito interessante, sou capaz de ler sem cochilar, já a leitura na tela, não só cansa a minha vista, como também a minha mente. Diante do computador, mais cochilo do que leio. Escrever, eu consigo e tenho certo manejo do teclado, porém não me peça para fazer powerpoint, isso ou aquilo, etc. E partir do momento que aceitei em fazer um blog, o projeto foi idealizado junto com a profissional que compôs e mantém o mesmo. Os nomes das janelas foram pensados com muito cuidado. Como Patrícia Custódio e Regina Moura, as duas assessoras que me

acompanharam nessa empreitada, são poetisas também, elas entenderam o que eu queria. Já que era fazer um blog, ter um blog, eu queria algo, o mais poético possível, desde a nomeação.

Dentre os objetivos de construção do blog “Nossa Escrevivência” está o de atender a gama de pesquisadores/as que vêm estudando a minha escrita. Recebo, constantemente por email, pedidos de indicação bibliográfica de estudos sobre meus textos, assim como solicitações de envio de contos e poemas de minha autoria, informações onde encontrar meus livros ou tal palestra proferida em evento tal... Fico atordoada e constrangida, pois, não tenho conseguido atender todos os pedidos. Nosso objetivo é o de ir colocando aos poucos, ou pelo menos, indicar os caminhos de acesso a esse material no blog. “Nossa Escrevivência” pretende acumular o máximo de material possível facilitar as pesquisas das pessoas.

Entrevista com a professora Maria Aparecida Andrade Salgueiro, realizada na UERJ, em 27 de julho de 2013, entre 11:30 e 13:40. Aprovada pela entrevistada em 29 de agosto de 2013.

1. O sistema de literatura afro-brasileira ainda é um sistema bastante polêmico e em construção. Embora, contemporaneamente, haja muitos estudos na área e esse sistema pareça estar em fase de consolidação, produções literárias provenientes de tal sistema ainda não fazem parte dos cânones brasileiros e não são facilmente encontradas em livrarias comuns, assim como seus autores ainda não alcançaram o reconhecimento devido no Brasil. Em contrapartida, percebemos que no exterior os estudos sobre obras produzidas por afro-brasileiros vêm crescendo a cada dia e algumas escritoras afro-brasileiras como Geni Guimarães, Conceição Evaristo e Miriam Alves têm recebido grande atenção, estando presentes em antologias organizadas por pesquisadores reconhecidos como Carole Boyce Davies. A que poderíamos atribuir posicionamentos tão diferentes em relação à literatura produzida por afro-descendentes nos EUA e no Brasil?

Bem, Marcela, acho que há vários motivos pra isso. Eu me concentraria em alguns que tenho visto em viagens acadêmicas aos Estados Unidos, em especial. Essa sua entrevista, inclusive, me fez refletir sobre vários aspectos que não têm aparecido com frequência em artigos e até me inspiraram um possível *paper*... Tendo sempre em mente que aqui, pelo caráter da pergunta, haverá uma generalização na resposta, podemos afirmar que a busca pelas diferentes visões da diáspora negra ao longo do Atlântico aponta para um dos pontos fundamentais que tem marcado esse posicionamento diferente em relação à literatura produzida por afro-descendentes, afro-brasileiros, no que diz respeito à visão dessa literatura nos Estados Unidos. Lá há uma grande preocupação em focar, em visualizar, em compreender a diáspora negra ao longo de diferentes países do Atlântico, e aqui eu cito como fonte de referência especial a obra de Paul Gilroy. Eles buscam compreender as diferentes visões que essa diáspora negra ao longo do Atlântico apresenta de si própria. Por outro lado, uma outra perspectiva que tem aparecido a partir dessa preocupação, tem sido a da inclusão - inclusão de gênero e de raça. Como a mulher negra vem sendo incluída nessas diferentes manifestações da diáspora negra ao longo do Atlântico negro? Outra questão que também tem

levado a muito interesse pelas obras das autoras afro-brasileiras nos Estados Unidos tem sido a percepção por parte significativa da população estadunidense de que a noção de *melting pot* não era exatamente aquela que os livros escolares ensinavam, ou seja, que a nação estadunidense não era exatamente aquele *melting pot* ensinado. Então, a busca por textos afro-americanos que mostrem que essa diferença existe nos Estados Unidos, e não só textos afro-americanos, mas de outros espaços também - isso tem sido muito forte lá. A busca, por exemplo, dos *founding fathers*, além de discursos como os de John Kennedy, de Lyndon Johnson, de Martin Luther King, isso tudo, a consciência desses discursos, tem levado a uma busca cada vez maior por um discurso afro-americano e a busca por outros discursos dentro desse paradigma que existam na diáspora negra ao longo do Atlântico negro. Entre os autores que vêm formulando essa busca nos EUA, encontramos Davis, em *Who is Black? – One Nation’s Definition* e, Mills, em *Blackness Visible: Essays on Philosophy and Race*. Nesse contexto, para muitos, o Brasil significou ao longo de muitos anos para os Estados Unidos, a ideia de um paraíso racial devido à questão da miscigenação. E o mito da democracia racial foi vendido por longa data naquele país. Então, a busca por essa literatura afro-brasileira foi, por muito tempo, a busca disso e, ao mesmo tempo, o encontro com essa literatura afro-brasileira significou a desmistificação desse mito, ou seja, foi a busca de entender esse paraíso racial que levou a entender que esse paraíso não existia. Ou seja, foi buscar o paraíso e despencar, ver que ele não existia.

2. Até que ponto podemos dizer que a consolidação da literatura afro-brasileira, assim como o crescimento do movimento negro no Brasil sofreram e sofrem influência da literatura afro-americana?

Olha, Marcela, eu acho que isso é complexo. Eu acho que sofre, mas nem tanto. Se a gente busca os movimentos populares, a gente ouve de fato algumas referências. Quando eu ando assim, nas periferias, ouvindo a voz e as expressões afro-brasileiras populares, eu vejo que eles falam muito dos “negões afro-americanos”, eles têm a noção de um Luther King, de um Malcolm X, vagamente de uma Angela Davis, e de outros “heróis americanos” – como eles dizem, e não estadunidenses, eu até discuto um pouco esses conceitos com eles e eles acham interessante. Este ano, inclusive, houve um fato digno de nota neste aspecto, pois, veja, eu estava numa festa afro-americana nos Estados Unidos e eles começaram a

dançar e logo vi que era algo muito próximo daquela dança do viaduto de Madureira! Aquele ritmo que foi popularizado na novela *Avenida Brasil*, o ‘charme’. Era um monte de gente lá dançando e eu falei “mas gente, eu sei dançar isso!” Aí entrei também e eles ficaram abismados porque eu sabia vários passos, não exatamente os mesmos passos que eles estavam dançando, mas eu sabia muitos passos e conseguia seguir o ritmo e a sequência! Eles disseram “mas como você sabe isso?” e eu respondi que dançava aquilo em Madureira, com alunos e amigos do Movimento Negro. Então tive que explicar o que era Madureira, onde era Madureira, e imediatamente eu peguei meu *iphone*, catei no *Youtube* e de pronto localizei alguns vídeos do ‘charme’ no viaduto de Madureira, e comecei a mostrar na festa. Devia ter umas 25 pessoas, talvez 30, e todo mundo no *Youtube* olhando, maravilhado com mais aquela mostra do Atlântico negro. Então veja bem, quando voltei ao Brasil, fui a Madureira e, da mesma forma, mostrei alguns vídeos, porque meus amigos afro-americanos haviam filmado a festa lá nos Estados Unidos e haviam colocado no *Youtube* também, e então o comentário foi aqui. Sendo assim, voltando neste ponto a sua pergunta, que é sobre a literatura, eu acho que o movimento negro de alguma forma, sofre uma influência da cultura afro-americana, mas eu não posso falar exclusivamente da literatura. Eu não vejo a literatura afro-americana influenciando diretamente a literatura afro-brasileira, que na verdade, cabe sempre lembrar com Eduardo (Duarte) é um conceito em construção. Eu acho que um estudo de certa forma relacionado a isso foi feito pela Fernanda (Felisberto) na tese dela, que certamente você já leu. Eu acho que o movimento negro brasileiro sofre difusamente uma influência do movimento negro nos Estados Unidos, mas é uma coisa difusa. O movimento afro-brasileiro tem voz e expressão próprias. Eu acho que textos de Abdias e a vivência de Abdias nos Estados Unidos mostram muito isso também. Mas acho que é complicado falar apenas de literatura, literatura aqui, literatura lá. Aqui no Brasil, no sistema canônico, hegemônico, essa literatura é pouco visível, mesmo que ela tenha essa visibilidade lá. A academia vai aos poucos vendo isso, mas são alguns setores da academia, tudo muito restrito ainda.

3. Como o crescimento do número de obras de escritoras afro-brasileiras traduzidas para o inglês tem influenciado a imagem cultural que os estadunidenses têm do Brasil?

Acho que para os estadunidenses de forma geral é difícil a gente falar. Creio que para os estadunidenses afro-americanos, tem havido influência, sim, na medida em que eles vêm percebendo essa desmistificação da democracia racial, vêm mostrando as desigualdades sociais, raciais, de classe. Agora, quanto aos estadunidenses de uma forma geral, de novo, a gente volta aos sistemas hegemônicos, e afetar os sistemas hegemônicos é sempre uma coisa complicada. Eu acho que para o estadunidense afro-americano, isso vem mudando aos poucos, sem dúvida, porque esse grupo vem lendo literatura afro-brasileira traduzida para o inglês, e aí essa imagem vem se modificando. Especialmente o grupo afro-americano estadunidense ligado às universidades, em especial ligado à área das humanidades. É importante mencionar isso. Porque não é só no Brasil que nós vivemos essa cisão das áreas do conhecimento.

4. Em que medida, a inserção de Conceição Evaristo no polissistema literário estadunidense por via da tradução, poderá influenciar ou tem influenciado, a imagem da literatura/cultura brasileira no polissistema estadunidense?

Olha, eu acho que Evaristo, enquanto a autora afro-brasileira mais conhecida nos Estados Unidos, acaba tendo a influência de que eu já falei na resposta número 3. Ela é, sem dúvida nenhuma, a principal autora contemporânea afro-brasileira nos Estados Unidos. Porém, gostaria de frisar que nos EUA, a autora mais lida, mais conhecida, mais vendida, mais discutida continua sendo Carolina Maria de Jesus. Não dá para esquecer isso. Teve o *boom* lá atrás ainda, na época da ditadura no Brasil, quando ela repercutiu. Carolina explodiu no exterior, e nos EUA. No Brasil, sua obra foi toda proibida, deletada aqui naquela época, então, é importante frisar isso. Mas em termos contemporâneos, é Evaristo.

5. Qual seria o possível impacto dessa inserção sobre a posição que Evaristo ocupa no polissistema literário brasileiro – ou até mesmo na recente constituição de um sistema de literatura afro-brasileira?

Acho que eu já mais ou menos respondi, não é? Como mencionei nas respostas números 3 e 4, Carolina existiu lá nos anos 60, 70 e, apesar de alguns críticos estadunidenses mencionarem que depois de Carolina não teria havido mais nada no panorama afro-brasileiro, Conceição vem mostrar a renovação com o passar dos anos. Naturalmente, nos sistemas ditatoriais, todo o processo criativo é

cerceado, paralisado, tolido, você tem uma paralisia dos processos artísticos, então nos anos 60 e 70, sem dúvida, há essa paralisia, mas nos anos 90 você volta a ter criação. Então é quando recomeça o processo. Aí é quando você terá os *Cadernos Negros*, cuja importância para esse sistema a que você está se referindo – o sistema afro-brasileiro – é enorme. *Cadernos Negros* é visto como um elemento muito importante que chamou a atenção, trouxe à baila de novo diversas questões. Há vários estudos na academia estadunidense sobre *Cadernos Negros*, *Black notebooks*, como eles chamam na tradução de Afolabi, e foi aí que Conceição começou a escrever, publicando poemas e contos, antes da publicação do primeiro romance, *Ponciá*. Tudo isso gera um espaço propício para que algo novo venha a surgir. Então, acho que essa posição da Conceição Evaristo vai sendo criada aos poucos, é preciso estudar a construção que vai sendo feita. Tem que se ver Carolina, tem que ver *Cadernos*, tem que se ver Conceição em *Cadernos*, para então se ver Conceição romancista. Creio que, de certo modo, o reconhecimento fora ajuda, Marcela, ajuda até pela própria visão generalizada no Brasil de que “tudo o que é bom lá fora é bom aqui”. Lamentavelmente, muitas vezes, para se reconhecer aqui, a gente ainda precisa de lá, apesar de isso estar mudando, haja vista os últimos dias que estamos vivendo, isso está mudando, felizmente está mudando. Eu acho que a minha vivência nos últimos anos, o que eu escrevi há cinco, seis, sete anos atrás, a minha expectativa naquele período era maior do que o que de fato se confirmou, e a minha vivência no exterior e no Brasil nesses últimos anos, não demonstrou tanto o que essa expectativa trazia. Eu imaginava que essa aceitação, que essa repercussão, que essa incorporação pelos meios canônicos, pelo poder hegemônico, por esse encontro, por esse passar a encontrar que você chama aqui de livrarias comuns na pergunta número 1, ia ser maior e mais célere. Eu mencionei aqui meus escritos de seis, sete anos atrás, nesse período, em perspectiva até os dias de hoje, eu não vejo tanto isso hoje quanto eu imaginaria que fosse. Eu acho que a aceitação de Evaristo hoje, sem dúvida, aumentou, mas não ocorreu na proporção que tantos imaginavam. Ainda em relação a sua pergunta, acho que ajuda, sem dúvida. E eu acho que isso passa por inúmeras questões, inclusive questões múltiplas, dentre elas, o fato de o sistema da literatura afro-brasileira ser um sistema ainda em construção, como você mesmo afirma. Tem muitas questões aí que ainda estão em construção.

6. Quais foram as possíveis motivações para a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês?

Veja, acho que as motivações são múltiplas, elas estão embutidas em várias dessas respostas que eu já dei. Tudo ocorreu dentro de um momento positivo no panorama político dos Estados Unidos na época da tradução, inclusive aquelas questões todas que eu mencionei na resposta de número um. Enfim, havia toda uma perspectiva e um apoio inclusive a esse tipo de literatura nos EUA na época e então tudo era favorável para que uma editora como a Host fizesse a tradução naquela época. Havia uma expectativa de mercado, havia uma série de questões quando houve essa tradução e acho que houve uma boa recepção.

7. Como tem sido a recepção crítica de *Ponciá Vicêncio* nas culturas alvo e fonte?

Em termos de recepção crítica, creio que é bastante positiva. Nos EUA o livro continua tendo bastante leitura nos meios acadêmicos. Lá, eu peço para os meus alunos lerem – é uma das leituras obrigatórias do curso sobre autoras afro-brasileiras contemporâneas que eu ministro há três anos, um curso em que eles lêem dois romances que são *Quarto de Despejo* e *Ponciá Vicêncio*. O curso é ministrado tanto para alunos de português, quanto para alunos do departamento de estudos africanos e afro-americanos. Os alunos de português lêem em português e os alunos de AAAS lêem em inglês. Então, tenho que solicitar a compra dos livros já em agosto, setembro, porque é um *winter term course* (curso de inverno no hemisfério norte), e a livraria sempre me diz que tem que pedir mesmo porque o livro tem muita aceitação. Ou seja, embora seja difícil conseguir, eles sempre acabam sendo bem sucedidos dada a antecedência da demanda. Os alunos compram e eu também já procurei ver como é o movimento com a biblioteca de lá, para ver o tipo de saída que o livro tem ao longo do ano, e pude constatar que há muita busca pelo livro na biblioteca. O Dartmouth College é uma *Ivy League*, sendo assim, eles tem um sistema de bibliotecas integrado entre essas universidades e há uma espécie de empréstimo direto entre elas (*'borrow direct system'*): você pode pedir para Yale, para Harvard, e o livro circula bastante ao longo do ano. Mesmo quando não estou lá dando o curso, há outras pessoas que solicitam a leitura, que usam o livro, e acho que isso já é um indicador que o livro está circulando entre as *Ivy Leagues*, o que é um indicador bastante positivo dessa

recepção nos Estados Unidos. É... embora pareça estranho dizer isso, eu saberia te dar indicadores bem mais concretos dos Estados Unidos do que do Brasil. Pode parecer estranho mesmo, mas é o que tenho para te dizer, Marcela. No Brasil eu não sei te dizer sobre a nossa biblioteca, lamentavelmente. Você poderia até pesquisar isso, Marcela. Ver se eles tem o livro lá e qual é a saída. Quanto à recepção crítica, tem a questão dos vestibulares. O local no Brasil que mais trabalha a obra de Evaristo é Minas Gerais, sua terra natal, e aí não há dúvida da influência de Eduardo e de Nazaré e de seu grupo de pesquisa, e não é à toa que lá é que esteve centrado o Grupo que produziu *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, e isso se faz ver. Não é a toa que lá é que o Vestibular incluiu a obra de Conceição, enfim, lá é que há uma fortuna crítica maior. Infelizmente, em outros lugares, é bastante complicado, aqui na própria UERJ foi muito difícil colocarmos literatura afro-brasileira como disciplina eletiva no currículo. Conseguimos, mas foi ministrada uma única vez pela professora Consuelo Cunha Campos, que era uma grande companheira e, infelizmente faleceu há dois anos. Mas enfim, agora estou batalhando junto com as minhas orientandas Aline (Deyques) e Susana (Fuentes) um curso de extensão para o segundo semestre dentro da área da literatura afro-brasileira. Então a gente vai abrindo frentes, não é? Você me conhece há muito - há sempre caminhos e elas vão ministrar. A recepção crítica é sempre difícil, mas a gente vai formando pessoas. Aline é do Rio Grande do Sul, vamos ver quando ela terminar o doutorado, que agora inicia, os rumos que vai seguir, para onde vai.

8. Qual é o lugar sistêmico ocupado por Conceição Evaristo e sua obra aqui no Brasil?

Olha, Marcela, acredito que ela vem ocupando um espaço, acho que é uma questão de processo, acho que não há um lugar ocupado, há um lugar que vem sendo ocupado, acho que é processo. Acho que como toda questão política é processo, não é estado. E acho que já desenvolvi o tema ao longo das perguntas.

9. Qual é o lugar sistêmico ocupado por Evaristo e sua obra nos EUA?

Também acho que já falei ao longo da entrevista. Muitos pesquisadores nos Estados Unidos estão interessados na obra de Conceição. Houve um evento que Antonio Tillis realizou no final de outubro de 2012 no Dartmouth College, em que

ele levou Conceição Evaristo e Eduardo Duarte aos Estados Unidos e, a partir de Dartmouth, eles fizeram um circuito por oito ou nove universidades estadunidenses, com sucesso. O evento chamou-se “Engaging Literary Blackness in Brazil” e foi muito interessante porque desse evento participaram também duas ex-alunas minhas que são afro-americanas e haviam lido, conhecido, estudado e se apaixonado por Conceição em meu curso. Como Eduardo e Conceição não falam inglês, elas traduziram os textos deles para o inglês e colocaram os textos traduzidos em *Power Point*, da tal forma que, à medida em que eles liam o texto em português, havia em tela a tradução correndo em inglês. E elas depois atuaram como intérpretes consecutivas das perguntas do público para eles. O auditório estava repleto, lotadíssimo. Eu fiquei muito emocionada porque de alguma forma havia ali um fruto de meu trabalho. Eu ajudei a pensar o evento, fruto também dessa parceria com a UERJ que começou com esse trabalho meu e de Antonio em 2004. No ano que vem comemoramos 10 anos da parceria acadêmica com a UERJ, então acho que essa coisa da literatura afro-americana e afro-brasileira, Estados Unidos e Afro-brasil, acredito que a UERJ tem um papel aí. A cada curso que dou lá, ao menos 15 novos alunos passam por mim, então é massa crítica que vai se formando. Acho que isso responde também a sua pergunta sobre o lugar sistêmico ocupado por Conceição e sua obra nos Estados Unidos.

10. No capítulo “A formação de identidades culturais” em seu livro *Escândalos da Tradução* (2002), Lawrence Venuti aponta que a tradução é uma prática cultural que pode provocar ou precipitar mudanças sociais, já que nem indivíduos nem instituições conseguem ser absolutamente coerentes ou imunes às diversas ideologias que circulam na cultura doméstica (p.151-152). A tradução de *Ponciá* pode ter precipitado alguma mudança social aqui no Brasil até o momento?

Marcela até onde eu compreendi a sua pergunta, acho que não. Creio que poucas pessoas tem noção disso aqui. A reflexão é essa que já mencionamos aqui. Para mim o reflexo aqui não correspondeu à expectativa que eu tinha há sete, oito anos atrás. Eu vejo reflexos aqui, mas não na proporção que eu esperaria e desejaria.

11. Por fim, para concluirmos, você poderia falar um pouco mais sobre a sua experiência lecionando os cursos de literatura afro-brasileira nos Estados Unidos nos últimos 3 anos.

Acho que já falei bastante, não é? Acho que tem sido uma experiência muito positiva. Tenho dado um curso de literatura e um curso de cinema também - já há dois anos eu dou curso sobre cinema com ótica afro-brasileira. Os cursos têm sido extremamente ricos, a experiência tem sido extremamente proveitosa, e é muito aprendizado, muita informação, é ver que muito do que se fala aqui sobre a questão racial, nos Estados Unidos, não é bem o que acontece lá. A experiência com os alunos é riquíssima, e a troca que ocorre, acho que passei bastante aqui na entrevista, a troca tem sido muito ampla. Agora, por exemplo, tem uma ex-aluna minha de Dartmouth que está se candidatando a uma bolsa Fulbright e vem fazer um doutorado aqui no Brasil na PUC no ano que vem, no campo dos Estudos Literários e da Política. Deve ser uma coisa meio lá meio cá, porque nos EUA a questão da interdisciplinaridade no meio em que atuo já é uma coisa bastante ganha, então, quando eles, aqui no Brasil, tem que entrar nessas 'caixinhas', é meio complicado. Ela quer estar nas Humanidades. Ela quer estar com a Conceição, com a Miriam Alves, com o pessoal do Vidigal, do filme, com o pessoal no Viaduto de Madureira, com os movimentos sociais. Os alunos vão pouco a pouco desmistificando essa questão do mito da democracia racial. Eles leem muito, gostam demais da leitura dos textos, buscam material na internet, compram os livros, buscam os *Cadernos Negros* e, os que não leem em português, buscam as traduções para o inglês - e aí está o importante papel da tradução. Há muita demanda por tradução. Este ano inclusive, a minha bolsista de extensão Alessandra (Rosalba) fez a tradução de um artigo em que a Dissertação de Mestrado sobre literatura popular marginal da Aline (Deyques) era citada e foi muito interessante. E eu dei esse artigo, traduzido pela Alessandra, que havia sido supervisionada pela Susana (Fuentes), para os alunos no final do curso! Então, quer dizer, é o laboratório de Tradução da UERJ, em uma perspectiva ampla, envolvendo vários segmentos, entrando cada vez mais no circuito. A experiência com os alunos é muito rica. Essa recepção dos alunos é sempre muito positiva, uma vontade muito grande de conhecer o Brasil e essa desmistificação, de querer vir aqui pra atuar, pra batalhar, pra lutar, os Estados Unidos sempre tem aquela coisa meio puritana de querer colaborar com os menos favorecidos. Até mesmo

porque lá eles têm muita ajuda, fomento, dinheiro lá é o que não falta. Então, a receptividade tem sido muito positiva e acabo me correspondendo com eles – corpos docente e discente – o ano todo, mesmo quando estou aqui no Brasil. É muito bom isso. Espero ter atendido a suas questões, depois seguimos conversando – dialogando, SEMPRE.